

**ALFREDO E ROSA**  
**E A DESCENDÊNCIA DA ESPERANÇA**  
A FAMÍLIA PIRES LAGES DE BARRAS DO MARATAOÃ



ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS  
COLEÇÃO SÉCULO XXI nº 10

MARIA DO SOCORRO LAGES GONÇALVES

**ALFREDO E ROSA**  
**E A DESCENDÊNCIA DA ESPERANÇA**  
A FAMÍLIA PIRES LAGES DE BARRAS DO MARATAOÃ

Teresina - PI  
2017

Copyright© 2017 by Academia Piauiense de Letras

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Fundada em 30 de dezembro de 1917

DIRETORIA

Biênio 2016/2017

*PRESIDENTE*

Nelson Nery Costa

*VICE-PRESIDENTE*

Oton Mário José Lustosa Torres

*SECRETÁRIO GERAL*

Herculano Moraes da Silva Filho

*1º SECRETÁRIO*

Jose Elmar de Mélo Carvalho

*2º SECRETÁRIO*

Wilson Nunes Brandão

*TESOUREIRO*

Humberto Soares Guimarães

COMISSÃO EDITORIAL

*PRESIDENTE*

Reginaldo Miranda da Silva

*MEMBROS*

Antonio Fonseca dos Santos Neto

Divaneide Maria Oliveira Batista de Carvalho

*SUPERVISÃO EDITORIAL, ORGANIZAÇÃO E ATUALIZAÇÃO*

Nelson Nery Costa

*PROJETO GRÁFICO*

Kennedy Costa - e-mail: jokeny@bol.com.br

*IMPRESSÃO*

Halley S. A. Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Larissa Andrade CRB - 3/1179

---

G635a      Gonçalves, Maria do Socorro Lages.  
Alfredo e Rosa: e a descendência da Esperança (a família Pires Lages de Barras do Mrataoã). / Maria do Socorro Lages Gonçalves.  
– Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017.  
196 p.: il. (Coleção Século XXI, 10)

ISBN 978-85-9496-005-4

1. Piauí – Genealogia 2. Família – Tradição 3. Descendentes  
– Parentesco 4. Literatura Piauiense – Memórias 5. Barras –  
História. Título II. Coleção

CDD – 929.2

---

Aos nossos avós,  
nossa homenagem.

Aos nossos pais,  
nossa gratidão.

Aqueles que amamos  
não morrem jamais,  
apenas partem antes de nós.  
(Chico Xavier)



A vida, por vezes, coloca de surpresa, em nosso caminho, pessoas especiais. Dílson Lages Monteiro é uma delas. Ele foi fundamental na elaboração deste livro. Meus agradecimentos, por sua importante contribuição e dedicada participação no livro que conta a história de nossa família.



# SUMÁRIO

Prefácio – Gilberto de Abreu Sodré Carvalho .....	11
1. Anotação preliminar .....	12
2. Como consultar este livro .....	12
3. I - Lembranças que o tempo guardou .....	13
3.1. Assinatura de vovô Alfredo .....	13
3.2. Carta da vovó Rosinha .....	14
3.3. Carta do vovô Alfredo .....	15
4. II - Ascendentes de Alfredo e Rosa .....	17
4.1. Árvore Genealógica de Alfredo Pires Lages .....	19
4.2. Árvore Genealógica de Rosa Rebêlo do Rêgo .....	20
4.3. Famílias que se entrelaçaram .....	21
4.3.1. Os Lages .....	21
4.3.2. Os Rêgos .....	23
4.3.3. Os Castello Branco .....	24
4.3.4. Os Pires Ferreira .....	28
4.3.5. Os Carvalho de Almeida .....	29
4.3.6. Os Borges Leal .....	34
4.3.7. Os Gomes Rebêlo .....	34
4.4. Descendentes paternos de nossos bisavós .....	35
4.5. Descendentes maternos de nossos bisavós .....	38
4.6. O parentesco entre nossos antepassados .....	39
4.7. A família de Alfredo e Rosinha na política .....	41
5. III - Alfredo Pires Lages e Rosa do Rêgo Lages .....	46
5.1. A fazenda Esperança .....	54
5.2. Alfredo Pires Lages na lembrança de netos e sobrinhos .....	62

6. IV - Descendentes de Alfredo e Rosa .....	69
6.1. Alzira do Rêgo Lages. ....	71
6.2. Alceu do Rêgo Lages. ....	72
6.3. Maria do Rêgo Lages e seus descendentes .....	72
6.4. Edson do Rêgo Lages .....	80
6.5. Clarice do Rêgo Lages .....	80
6.6. Alcides do Rêgo Lages e seus descendentes .....	80
6.7. Edith do Rêgo Lages e seus descendentes .....	88
6.8. Gladston do Rêgo Lages e seus descendentes .....	96
6.9. Mary do Rêgo Lages e seus descendentes .....	102
6.10. Manoel do Rêgo Lages e seus descendentes .....	108
6.11. Maria Nazareth do Rêgo Lages e seus descendentes .....	116
6.12. Haydée do Rêgo Lages e seus descendentes .....	121
6.13. José do Rêgo Lages e seus descendentes .....	127
7. Anotação final .....	130
8. Breve memória icnográfica .....	131
9. Bibliografia .....	138

## PREFÁCIO

Memorialística é o nome que se dá à generalidade dos procedimentos de recuperação do passado, mais que tudo no âmbito das histórias das famílias. O mesmo termo inclui os itens que documentam a mesma restauração.

O resgate do passado se faz por meio de objetos de uso pessoal dos ancestrais, inclusive cartas e diários, e de itens e mobiliário das suas casas, por fotografias que remetem ao ambiente onde as vidas dos nossos antigos se desenvolveram. Bem como por registros escritos, de hoje, que descrevam as ocorrências. Essas narrativas e genealogias são, de regra, feitas por descendentes para levar adiante, no futuro, o que podia se perder.

“Alfredo e Rosa e a Descendência de Esperança (A Família Pires Lages de Barras do Marataoã)”, de Maria do Socorro Lages Gonçalves, é um importante trabalho de memorialística. É uma coleta de narrativas de descendentes, de levantamentos genealógicos, de cartas antigas e de fotografias que remetem às pessoas e aos cenários históricos. Maria do Socorro cumpre, de forma irretocável, a recuperação do passado em que Barras do Marataoã e o Piauí são os panos de fundo.

Fiquei feliz com o resultado de conteúdo e de edição do trabalho. Tudo nele me traz, como por encanto, inteira, a Barras de que ouvi falar aos pedaços, na casa de meu pai.

Lembro-me do historiador e pensador Michel de Certeau. Ele observou que a História tinha duas angulações de investigação. Uma, a que faz do presente e do passado dimensões autônomas, sendo o passado o objeto do estudo, com suas causas e implicações distanciadas propositadamente do agora do historiador. A segunda, a que busca encontrar no presente o que está no passado, e vice-versa. Estabelece a interação entre o passado e o presente.

É o mesmo que faz a memorialística e, em específico, o belo livro de Maria do Socorro. É o acolhimento, firme e amoroso, do que se deve necessariamente preservar.

Parabéns, Maria do Socorro! O seu projeto e de seus familiares se realizou com excelência.

**Gilberto de Abreu Sodré Carvalho**

## **1. ANOTAÇÃO PRELIMINAR**

Com esta publicação, prestamos uma homenagem póstuma a nossos avós Alfredo e Rosa, assim como deixamos, aos nossos descendentes, um pouco da história da família Lages do Piauí.

No primeiro século da posse portuguesa no Brasil, o Piauí era ligado a Pernambuco e até 1758, a sua Capitania estava sujeita à do Maranhão. Terra de aventura e conquista, era dominada, na barra do Parnaíba, pelos índios Tremembés. Os colonizadores portugueses buscavam a região Norte de nossa capitania, atraídos por suas pastagens nativas.

Foi nessa região, a partir das primeiras décadas do século XIX, em Parnaíba, Campo Maior e Barras, que as famílias Castello Branco e Carvalho de Almeida, já enlaçadas matrimonialmente, entrelaçaram-se com as famílias Borges Leal, Rebêlo, Rêgo, Lages e Pires Ferreira, pioneiras na ocupação do Norte piauiense, fundando fazendas de gado ou dando continuidade a uma tradição herdada de seus antepassados.

Afetuosamente, o que recebemos dos nossos avós e o que de mais imediato nos marca é o legado de honradez, trabalho e pacificação. As lembranças de um tempo rico em memórias e o sabor da vida na fazenda. Nossa avó Rosinha, como assim era chamada, partiu muito cedo e pouquíssima lembrança material nos legou. Mas cultivamos o afeto e a recordação que dela o esposo – e, por extensão, as reminiscências vividas ou contadas aos filhos – deixaram-nos.

Este livro é fruto do trabalho conjunto das netas e netos de Alfredo e Rosinha, contando com as contribuições de livros clássicos de genealogia, a valorosa força da memória e o amor por nossos pais.

## **2. COMO CONSULTAR ESTE LIVRO**

Neste trabalho, não foram registradas as separações, desquites ou divórcios, pelo fato de o autor não ter feito nenhuma consulta sobre o assunto. Em alguns casos, usou-se o status “casado” para segundas e terceiras núpcias, não pelo fato de terem contraído novas núpcias, mas sim respeitando o status da união.

Alguns descendentes não foram incluídos pela impossibilidade na obtenção dos dados ou por vontade expressa do descendente.

Os números arábicos referem-se à filiação.

Exemplo:

(7.3) Maria do Rêgo Lages é a terceira filha de Alfredo Pires Lages.

(7.3.1) Rosadélia do Rêgo Pires é a primeira filha de Maria do Rêgo Lages.

(7.3.1.2) Maria Pires Saavedra é a segunda filha de Rosadélia do Rêgo Pires

As letras alfabéticas minúsculas, antecedendo-se a nomes (nesta página, marcadas em negrito), referem-se à filiação dos bisnetos de Alfredo e Rosinha.

Exemplo:

(7.3.1.2) Maria Pires Saavedra

Casou-se com Luis Lucas Batista Coelho. Tiveram três filhos:

**a)** André Pires Batista Coelho.

**b)** Gustavo Pires Batista Coelho.

**c)** Pedro Luiz Pires Batista Coelho.

### **3. I - LEMBRANÇAS QUE O TEMPO GUARDOU**

Iniciamos essas anotações sobre a família de Alfredo e Rosinha, a partir de três relíquias que são lembranças vivas da presença material deles: a assinatura do vovô Alfredo; uma carta de vovô Rosinha, destinada à sua irmã Magda; e uma carta de vovô Alfredo dirigida ao seu filho Manoel.

#### **3.1. ASSINATURA DE VOVÔ ALFREDO**

Que vovô Alfredo, por meio de sua assinatura, abençoe todos os seus descendentes.

A handwritten signature in black ink, reading "Alfredo Pires Lages". The signature is written in a cursive, flowing style with some loops and flourishes.

### 3.2. CARTA DE VOVÓ ROSINHA

Magda

Desejo que com todas as nossas gozem boa Saude. É portador d'esta o Caciano que vai deixar 1 carga de farinha a hi p<sup>a</sup> v<sup>a</sup> entregar a D. Joana, peço que v<sup>e</sup> bote a hi em umas sacos seus e mande as sacos pois são de botar farinha. Vai umas rendas bordado e 3 metros de murim p<sup>a</sup> v<sup>e</sup> entregar a Com<sup>de</sup> Laura p<sup>a</sup> fazer uma anagua e um corpinho p<sup>a</sup> Alzira, a medida não vai pois ella não tem corpinho, fará por ella Laura, vai 11 metros de renda e 11 de bico e de bordado p<sup>a</sup> ella tirar o que for preciso, quero as costura p<sup>a</sup> Alzira p<sup>a</sup> o casamento da filha do Marcelino do Rêgo, que será no <sup>dia</sup> 7 de Outubro. Toblace por mim minha pelinha e um da M. C. e Am<sup>a</sup> Rosinha

Nessa Carta, vovó Rosinha escreve à sua irmã Magdalena Rebêlo do Rêgo, para acusar o envio de uma carga de farinha para D Joana e a remessa de tecido e bordados, a fim de serem entregues à comadre Laura, para confecção de roupas, para sua filha Alzira ir ao casamento da filha de Marcelino do Rêgo:

“Magda,

Desejo que todos os nossos gozem boa saúde. É portador desta o Caciano, que vai deixar uma carga de farinha aí para você entregar a D. Joana, peço que você bote aí em umas sacos suas e mande as sacos, pois são de botar farinha. Vai umas rendas bordado e três metros de murim para você entregar a comadre Laura para fazer uma anágua e um corpinho para Alzira, a medida não vai, pois ela não tem corpinho, fará por ela Laura, vai 11

metros de renda e 11 de bico, 6 de bordado para ela tirar o que for preciso, quero as costuras para Alzira ir ao casamento da filha de Marcelino do Rêgo, que será no dia 7 de outubro. Abrace por mim minha filhinha e um da M. C. e Amiga Rosinha.

### 3.3. CARTA DE VOVÔ ALFREDO

Manoel

Venho referir-me a tua de 31 de Março p. findo.

Prestei boa atenção a tuas dizes na mesma.

Em absoluto não posso, e não devo colocar-me em oposição, a tua atitude que servio de objectivo da tua carta, mesmo porque trata-se de pessoa amiga, que, se nosso dever de família manda que a estimemos, fidele e a ampare com vivo interesse, com o que daremos ao publico nota visível do que guardamos nos nossos corações para recompensação de inúmeras bondades de que nossa mãe logrou, unicamente geradas do trabalho tão porado pela dedicação, obediencia e amor do meu logrado e inexquecível Nelson Aires, terci mtº prazer na realzação deste aconteciment-

e, tornacem o completo se observar a tua didicacão e esforços para com nos dias futuros vejamos ambos felizes, e, venha desmentir qualquer iliccia ou seja eluzão injusta, que alquem possa ter desta tua atitũde, criada pelo o amor de ambos e sem interferencia de quem quer que fosse, (...)

De já chamo-te attencão p<sup>a</sup> que lembret<sup>e</sup> que, o homem casado deve por um dever sagrado deixar as vaidades que cabem a os solteiros!... Com nossas vistas, mi-thores, ou seja Couzas precisas te ponderarei, pois, a m<sup>a</sup> occupacão de hoje não me permite ir adiante.

É bom que o teu pai<sup>o</sup> Magno fique sabendo de m<sup>a</sup> opinãõ.  
Lembranças de todos para todos - Abraça-te

Pae Amigo  
Septimo Lagez

27/4/39

Venho referir-me a tua de 31 de março passado.

Prestei boa atenção a teus dizeres na mesma.

Em absoluto não posso e nem devo colocar-me em oposição a tua atitude que serviu de objetivo da tua carta, mesmo porque trata-se de pessoa amiga, que o nosso dever de família manda que a estime, zele e a ampare com o vivo interesse, como o que daremos ao público nota viva do que guardamos nos nossos corações, para compensação de inúmeras bondades de que nossa família logrou, unicamente geradas do trabalho tão forjado pela dedicação, obediência e amor do meu logrado e inesquecível Nelson Pires. Terei muito prazer na realização deste acontecimento e tornar-se-á completo se observar a tua dedicação e esforços, para que nos dias futuros vejamos ambos felizes e venha desmentir qualquer ideia ou seja ilusão injusta, que alguém possa ter desta tua atitude, criada pelo amor de ambos e sem interferência de quem quer que fosse. (...)

De já chamo-te a atenção para que lembre-se (sic) que o homem casado deve por um dever sagrado deixar as vaidades que cabem aos solteirões!

(...)

A minha ocupação de hoje não me permite ir adiante.

É bom que teu padrinho Magno fique sabendo de minha apreciação.

Lembranças de todos para todos.

Abraça-te o pai amigo

Alfredo Lages

7.04.1939

#### **4. II - ASCENDENTES DE ALFREDO E ROSA**

As Famílias pioneiras no povoamento Norte do Piauí chegaram entre 1700 e 1768. Em Campo Maior - Francisco da Cunha Castello Branco e suas três filhas: Anna Castello Branco de Mesquita, Clara da Cunha e Silva Castello Branco e Maria do Monte Serrate Castello Branco, por volta de 1700; e os irmãos Manuel e Antônio Carvalho de Almeida, em 1718 (depois de participar da expulsão de índios do Vale do Longá, Manuel fundaria o sítio São Pedro, nas ribeiras do rio Marataoã, em 1713; Antônio chega ao Vale do Longá em 1705, quando funda a fazenda Caraíbas e, um ano após, a fazenda Boa Esperança, hoje Esperantina). Em Parnaíba - João Gomes do Rêgo

Barros, por volta de 1710; João Paulo Diniz ( vindo do Maranhão), em 1758; Domingos Dias da Silva e sua esposa Maria Gonçalves ( vindo do Rio Grande do Sul), em 1768; Antônio da Silva Henrique e sua mulher (esta, de nome desconhecido), em 1768. Todos portugueses, exceto Maria Gonçalves (gaúcha) e João Gomes do Rêgo Barros (pernambucano).

João Gomes do Rêgo Barros casou-se, em primeiras e segundas núpcias, com as irmãs Anna Castello Branco de Mesquita e Maria do Monte Serrate Castello Branco. Manuel Carvalho de Almeida casou-se com Clara da Cunha e Silva Castello Branco, sendo assim Francisco da Cunha Castello Branco sogro de dois outros pioneiros : João Gomes do Rêgo Barros (por duas vezes) e Manuel Carvalho de Almeida. Antônio Carvalho de Almeida casa-se com Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco (segunda no nome).

Os descendentes do casal Francisco da Cunha Castello Branco e Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco foram se entrelaçando com as famílias Gomes de Barros, Carvalho de Almeida, Rêgo, Rodrigues Lages, Pires Ferreira e Gomes Rebêlo. Contando a partir desse casal, Rosa Rebêlo do Rêgo e Alfredo Pires Lages , nossos avós, pertencem à sétima e à oitava geração, respectivamente.

Além desses entrelaçamentos, cabe citar o enlace com a família Castro Diniz. A filha de João Paulo Diniz, Mariana de Deus Castro Diniz, casou-se com o pernambucano José Pires Ferreira, que é o trisavô materno de Alfredo Pires Lages, nosso avô. Registra Edgardo Pires Ferreira, em A mística do parentesco, que, por ordem do Marques de Pombal, diante da expulsão dos Jesuítas do Brasil, em 1759, João Paulo Diniz ocupou a fazenda Santa Cruz das Pedras Preguiças, então pertencente aos religiosos, em Barreirinha-MA. Diniz desenvolveu intensa atividade comercial e industrial em Parnaíba, tornando-se homem de relevo no Piauí do século XVIII, graças ao seu espírito empreendedor.





### 4.3. FAMÍLIAS QUE SE ENTRELAÇARAM

#### 4.3.1. OS LAGES

Manuel Rodrigues Lages nasceu em Braga, Portugal, e faleceu em Brejo dos Anapurus-MA. Patriarca da família Lages no Brasil, herdou o sobrenome Lages em homenagem a um destacado português amigo da família. Médico cirurgião, casou-se em 1808, com Teresa Francisca de Jesus, baiana de raízes em Portugal, filha de Francisco José do Rêgo e Rosa Marques. Radicaram-se em Brejo dos Anapurus, no Nordeste maranhense. Tiveram sete filhos e constituíram uma descendência numerosa no Maranhão e Piauí. Adotou o sobrenome Rodrigues em todos os filhos.



Fonte: [www.parentesco.com.br](http://www.parentesco.com.br)

José Antônio Rodrigues, filho de Manuel Rodrigues Lages (primeiro no nome), nasceu em 12.11.1809, na localidade Santo Antônio dos Patos, em Brejo dos Anapurus-MA, faleceu em 31.07.1877, na fazenda Descuido, e sepultou-se na igreja do Peixe, atual Nossa Senhora dos Remédios-PI. Ao se estabelecer no Piauí, chamou para junto de si o irmão mais novo, João Antônio Rodrigues, que morava no lugar Arraial, hoje Brejo dos Anapurus, no Maranhão, para com ele trabalhar no Peixe. Apenas Manuel herdou o sobrenome Lages, os demais irmãos, tanto do primeiro quanto dos demais casamentos de José, assinavam-se Rodrigues.

José Antônio Rodrigues, Cazuzá, como era conhecido, era um líder nato. Fundou a fazenda Por Enquanto, hoje propriedade do INCRA. Posteriormente, implantou a fazenda Obrigado e, por último, a fazenda Descuido, cuja casa-grande foi construída por mãos escravas nas proximidades de um riacho perene. Todas as fazendas eram localizadas em região conhecida como Peixe, à época município de Barras, hoje Nossa Senhora dos Remédios.

Patriarca da família Lages no Piauí, José Antônio Rodrigues foi genro (por duas vezes) de Joaquim José do Rêgo. Em primeiras núpcias, casou-se com Maria do Patrocínio Rêgo Castello Branco, com quem teve cinco filhos; em segundas núpcias, casou-se com sua cunhada Anna Rosa Rêgo Castello Branco, com quem teve nove filhos; e em terceiras núpcias, casou-se com sua sobrinha Francisca da Silva Rodrigues, (Chiquinha do Descuido) com quem teve nove filhos. Nos três casamentos, teve 23 filhos dos quais apenas 13 se criaram. Do casamento com Anna Rosa Rêgo Castello Branco, descende, entre outros irmãos, a prima de vovô Rosinha (pelo ramo dos Rêgo Castello Branco) e tia de vovô Alfredo (pelo ramo tanto dos Rêgo Castello Branco quanto pelo Rodrigues Lages) Rosa Florinda Rodrigues, que, ao se casar com Fernando Rodrigues Torres (primeiro no nome), daria origem à numerosa família Torres de Nossa Senhora dos Remédios, um dos ramos dos Lages e dos Rêgo Castello Branco no Piauí.

Ao nascer seu segundo filho, do primeiro casamento, José Antônio Rodrigues homenageou o seu pai dando-lhe o nome de Manuel Rodrigues Lages. Daí descende a numerosa Família LAGES do Piauí, espalhada por todo o território nacional. Esse nome também é registrado, em Alagoas, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, com fixação nesses estados em

data anterior ao nascimento de Manuel Rodrigues Lages, sendo, portanto, aparentemente desvinculado de parentesco com os Lages do Piauí.

O irmão de José, João Antônio Rodrigues, casou-se com Archângela Rosa Rêgo Castello Branco, irmã de suas cunhadas, Maria do Patrocínio Rêgo Castello Branco e Anna Rosa Castello Branco.

Cazuza, poderoso senhor da casa-grande do Descuido, dono de extensas terras e muito gado, tenente-coronel da guarda nacional e político de grande prestígio na região, foi presidente da primeira Câmara Municipal de Barras, em 1842, tendo sido reconduzido ao posto em 1845.

A casa-grande do Descuido se tornou um foco de atração no âmbito religioso, sociocultural e econômico da região.

#### **4.3.2. OS RÊGOS**

Joaquim José do Rêgo, nascido em 1792, em Portugal, faleceu na sua fazenda Peixão e sepultou-se na igreja do Peixão, atual município de Nossa Senhora dos Remédios-PI. Filho de Manuel Thomaz Ferreira, primeiro no nome, Joaquim José do Rêgo é patriarca da família Rêgo da antiga Barras do Marataoã, senhor da casa-grande do Peixão, um dos pioneiros e um dos mais importantes colonizadores do núcleo meio-norte piauiense.

Fazendeiro, proprietário de extensas terras, capitão da Guarda Nacional, aliou-se à família Castello Branco mediante os enlances com duas irmãs Anna Rosa Castello Branco e Rosa Florinda Castello Branco, filhas de Marcelino José da Cunha Castello Branco e de Maria Florência Castello Branco (primos entre si). Teve nos dois casamentos 11 filhos. Foi, por duas vezes, o sogro de José Antônio Rodrigues.

A Fazenda Peixão, dos Rêgo, foi uma das três casas-grandes que, juntamente com a fazenda Descuido, dos Rodrigues, e a fazenda Morrinhos, dos Araújo Costa, deram origem à localidade do Peixe, hoje Nossa Senhora dos Remédios-PI.

Fez construir uma capela perto de sua casa, em honra a Nossa Senhora dos Remédios e mandou vir de Portugal uma pequena imagem. Nossa Senhora dos Remédios se tornaria padroeira da localidade. A antiga casa-grande da fazenda Peixão abriga hoje a casa paroquial da igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

### 4.3.3. OS CASTELLO BRANCO

Francisco da Cunha Castello Branco, nascido em 1649, em Lisboa, Portugal, onde exerceu o cargo de tesoureiro do Tesouro Real. Casou-se, em Lisboa, com Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco. Veio para o Brasil em 1693, com patente de capitão da infantaria do exército português, para servir na guarnição de Pernambuco. Em 1696, recebeu ordens para se transferir para São Luis. Patriarca da família Castello Branco no Brasil, o navio em que viajava com a família sofreu naufrágio próximo à costa de São Luis; na ocasião, perdeu sua mulher e todos os seus pertences. Em 1700, Francisco da Cunha Castello Branco e suas três filhas, Anna de Mesquita Castello Branco, Maria do Monte Serrate Castello Branco e Clara da Cunha e Silva Castello Branco, deixaram o Maranhão e vieram para o Piauí, estabelecendo-se em Campo Maior. A família foi uma das pioneiras do povoamento daquela região.

O entrelaçamento familiar de quatro mulheres, descendentes de Francisco da Cunha Castello Branco e de Eugênia de Mesquita Castello Branco, suas três filhas e uma neta, serviram como agente dos empreendimentos ocorridos ou a ausência deles, na ocupação econômica da região Norte piauiense.

Ana de Mesquita Castello Branco e Maria do Monte Serrate Castello Branco casaram-se, em primeira e segunda núpcias, respectivamente, com João Gomes do Rêgo Barros, fidalgo da cavalaria da Casa Real, natural de Pernambuco. Eles foram ocupando fazendas a partir de Parnaíba, englobando os atuais municípios de Buriti dos Lopes, Barra do Longá, Piracuruca e Piri-piri e, do lado maranhense, chegaram aos municípios de Brejo dos Anapurus, que incluía áreas dos atuais municípios de Araiozes, Magalhães de Almeida e São Bernardo.

Deixou avultado conjunto de bens, tendo recebido terras situadas entre os rios Igarauçu e Parnaíba, incluindo a Ilha Grande, hoje Ilha Grande de Santa Izabel. Grandes propriedades surgiram, principalmente a partir dessa época, com os detentores da terra, utilizando, como era de hábito, mão de obra escrava.

Clara da Cunha Castello Branco casou-se com Manuel Carvalho de Almeida, nascido em Linhares, Portugal. Participou, por conta própria, de

guerra contra os índios do Piauí. Foi nomeado para o posto de comissário geral da cavalaria do Piauí, certamente pelo sucesso de suas guerras contra os índios aldeados no Norte da capitania, na região conhecida como Baixo Parnaíba.

Foram afazendendo o espaço físico dos antigos municípios de Livramento (hoje José de Freitas ), Campo Maior, Estanhado ( União) e parte dos municípios de Barras que hoje engloba os municípios de Cabeceiras do Piauí e Nossa Senhora dos Remédios, antigo Peixe.

O casal Clara e Manuel são avós paternos de Marcelino José Castello Branco, casado com Maria Florência Castello Branco, bisavôs de Rosa Rebêlo do Rêgo e trisavôs de Alfredo Pires Lages.

Maria Eugênia Mesquita Castello Branco, filha de João Gomes do Rêgo Barros e Anna Castello Branco de Mesquita, nasceu em Parnaíba em 1710. Casou-se em 1725, em Parnaíba, com Antônio Carvalho de Almeida, nascido em Linhares, Portugal, irmão de Manuel Carvalho de Almeida, casado com Clara da Cunha e Silva Castello Branco. Assentaram-se em terras que compunham os antigos municípios de Barras e de Batalha, englobando parte dos antigos municípios de Esperantina, Morro do Chapéu e Luzilândia.

Em *A Mística do Parentesco*, hoje totalmente disponível em [www.parentesco.com.br](http://www.parentesco.com.br), o sociólogo e genealogista Edgardo Pires Ferreira enumerou os ascendentes de vovô Alfredo e vovó Rosinha. A partir, respectivamente, de João do Rêgo Castello Branco e Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco, assim como de Manuel Carvalho de Almeida e Clara da Cunha e Silva Castello Branco, também de Antônio Carvalho de Almeida e Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco, aqui reproduzimos esses ascendentes, com anotações a punho, feitas pelo próprio genealogista e indicações do número dos verbetes, por meio do quais são localizados em sua obra de 6 volumes.

Essas anotações levam em consideração principalmente Maria Florência Castello Branco. Para exata compreensão da ascendência em Marcelino José da Cunha Castello Branco, recomendamos a consulta ao volume 5 de *A Mística do Parentesco* do supracitado Edgardo Pires Ferreira.

1 of. 2

ALFREDO PIRES LAGES —————> V.2 # 9426

FILHO DE: MANDEL RODRIGUES LAGES —————> V.2 # 7476

NETO (PATERNO) DE:

MARIA DO PATROCÍNIO DO REGO CASTELLO BRANCO —> V.2 # 7476  
c/c JOSÉ ANTONIO RODRIGUES

BISNETO (PATERNO-MATERNO) DE:

ANNA ROSA CASTELLO BRANCO —————> V.2 # 7476  
c/c JOAQUIM JOSÉ DO REGO

TRINETO (PATERNO-MATERNO-MATERNO) DE:

MARIA FLORÊNCIA CASTELLO BRANCO —> V.2 # 7476  
c/c MARCELINO JOSÉ DA CUNHA CASTELLO BRANCO —> V.5 # 42022a

TETRANETO (PATERNO-MATERNO-MATERNO-MATERNO) DE:

ESTEVÃO LOPES CASTELLO BRANCO —> V.5 # 42022  
c/c ANNA MARQUES —> V.5 # 40519

PENTANETO (PATERNO-MATERNO-MATERNO-MATERNO-PATERNO) DE:

ROSÁ MARIA SOBRE SANTOVAL CASTELLO BRANCO —> V.5 # 40505  
c/c LOURENÇO ANTONIO MARQUES DE CASTELLO BRANCO

HEXANETO (PATERNO-MATERNO-MATERNO-MATERNO-PATERNO-MATERNO) DE:

MARIANNA ANGÉLICA MARQUES DE MUNDONÇA CASTELLO BRANCO —> V.5 # 40503  
c/c JOSÉ IGNACIO MABEIRA DE JESUS

E TAMBÉM HEXANETO (PATERNO-MATERNO-MATERNO-MATERNO-PATERNO-MATERNO-MATERNO) DE:

LOURENÇO ANTONIO MARQUES DE CASTELLO BRANCO —> V.5 # 40505  
c/c ROSÁ MARIA SOBRE SANTOVAL CASTELLO BRANCO

SEPTANETO (PATERNO - MATERNO - MATERNO - MATERNO - PATERNO -  
MATERNO - MATERNO - PATERNO) DE:

MARIANA ANGELICA DE MENEZES CASTELLO BRANCO → V.5# 40493

c/c LOURENÇO ANTONIO MARRIROS DA SILVA COSTA LIMA

OCTANETO DE:

FELIX DO REGO CASTELLO BRANCO → V.5# 40496

c/c JOANA ANGELICA DE MENEZES

NONANETO DE:

JOÃO DO REGO CASTELLO BRANCO → V.5# 40480



ROSA REBELLO DO REGO → V.2# 9426

FILHA DE: JOAQUIM JOSÉ DO REGO FILHO → V.5# 44851

c/c LAURENTINA MARIA DA PAZ GOMES REBELLO

NETA (PATERNA) DE:

ROSA FLORINDA CASTELLO BRANCO → V.5# 44198

de JOAQUIM JOSÉ DO REGO (segundas noivas deste).

BISNETA (PATERNA - MATERNA) DE:

MARIA FLORÊNCIA CASTELLO BRANCO → V.2# 7476 e

c/c MARCELLINO JOSÉ DA CUNHA → V.5# 42022 a  
CASTELLO BRANCO

TRINETA (PATERNA - MATERNA - MATERNA) DE

FRANCISCO DA CUNHA E SILVA CASTELLO BRANCO → V.5# 41111

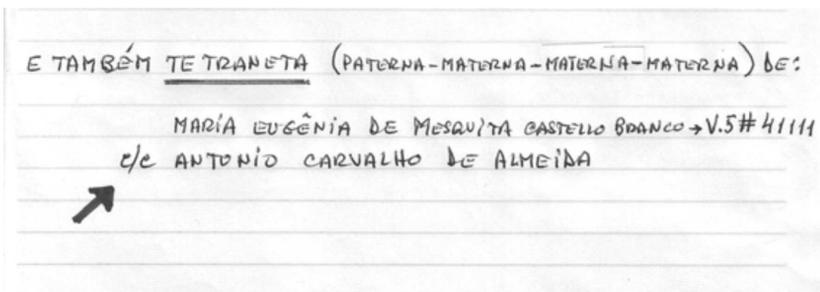
c/c ANNA ROSA PEREIRA TERESA DO LAGO

TETRANETA (PATERNA - MATERNA - MATERNA - PATERNA) DE

CLARA DA CUNHA E SILVA CASTELLO BRANCO → V.5# 41101a

c/c MANUEL CARVALHO DE ALMEIDA





#### 4.3.4. OS PIRES FERREIRA

Domingos Pires Ferreira, nascido em 1718, na freguesia de Santa Maria Madalena da Vila da Ponte, comarca de Chaves, província de Trás-os-Montes, em Portugal, chegou ao Brasil, particularmente a Recife, com sete anos de idade, em 1725, e aos vinte e sete anos já era comerciante conceituado na praça dessa cidade. Casou-se com Joanna Maria de Deus Correia Pinto, recifense, com quem teve quatorze filhos, dos quais seis estudaram na Universidade de Coimbra, Portugal. Por sua retidão de caráter e por seu crédito e importância comercial, tornou-se um dos homens de maior influência e respeito na praça de Pernambuco. Com o marasmo econômico decorrente da estagnação da economia canavieira e atraído por um verdadeiro “boom pecuarista”, adquiriu fazendas de gado na região Norte do Piauí.

O seu sexto filho, José Pires Ferreira, próspero e rico comerciante de Pernambuco, duas ou três vezes por ano saía de Recife em sumacas (antigo navio a vela) carregado de mercadorias (inclusive importadas), vendidas ao longo da costa do Nordeste, viajando até Parnaíba-PI. Casou-se em 1786, em Buriti dos Lopes, antigo município de Parnaíba, no Piauí, com Marianna de Deus Castro Diniz, maranhense, e fixou residência em Parnaíba. Patriarca da família Pires Ferreira no Piauí, tornou-se, em fins do século XVIII, um dos mais importantes fazendeiros da região, inscrevendo, assim, um capítulo importante na ocupação do Vale do Parnaíba, através da criação de gado.

José Pires Ferreira Neto, neto de José Pires Ferreira, acima mencionado, avô materno de vovô de Alfredo, tenente-coronel da Guarda

Nacional, era conhecido como “menino de ouro”, porque possuía dezoito fazendas, herdadas de sua mãe, Maria Assumpção Pires Ferreira (primeira no nome), entre elas, a fazenda “Retiro da Boa Esperança” hoje cidade de Esperantina-PI. Tornou-se um dos fazendeiros mais importantes entre Parnaíba e Barras. Casou-se quatro vezes, todas com descendentes da família Castello Branco. Morreu aos 99 anos (n. 1809, f. 1908) no Rio de Janeiro, na casa de seu filho, o senador da República, Marechal Firmino Pires Ferreira, tio de vovô Alfredo. A mãe de vovô, Maria da Assunção Pires Ferreira (segunda no nome), filha de José Neto, era irmã do Marechal.

#### **4.3.5. OS CARVALHO DE ALMEIDA**

Os estudos de genealogia mais conhecidos apontam Belchior Gomes da Cunha e Isabel Rodrigues, que não portavam o sobrenome Carvalho de Almeida, como pais de Manuel e Antônio Carvalho de Almeida. Para o historiador carioca Gilberto de Abreu Sodré Carvalho, que investigou a fundo a genealogia dessa família, os irmãos Manuel e Antônio seriam filhos do Pe. Miguel Carvalho, um dos pioneiros na ocupação do Piauí, pai, segundo hoje já se conclui, dos igualmente prestigiados padres Tomé de Carvalho e Silva e Inocêncio Carvalho de Almeida, que, em alguns estudos genealógicos, figuram como irmãos de Manuel e Antônio.

Miguel de Carvalho de Almeida, n. em Portugal em 1634, natural do Conselho de Ribeira de Pena, arcebispado de Braga e f. provavelmente em Lisboa. Sacerdote do hábito de São Pedro, vigário da Vara e cura da freguesia de Rodelas no Sertão de Rio de São Francisco, bispado de Pernambuco. Como vigário da Vara da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Cabrobó de Olinda em Pernambuco e Padre Visitador, fez sua primeira incursão ao território piauiense em 1694, na companhia do Pe. Felipe Bourel, da Companhia de Jesus. Escreveu o primeiro documento sobre o Piauí, “Descrição do Sertão do Piauí”, em 1696.

Manuel Carvalho de Almeida casou-se com Clara da Cunha e Silva Castello Branco, filha de Dom Francisco Castello Branco e Maria Eugênia de Mesquita. Antônio Carvalho de Almeida casou-se com sua Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco (segunda no nome). Um neto

de Antônio Carvalho de Almeida, José Carvalho de Almeida casou-se com uma neta de Manuel, Francisca Castello Branco. Desse casal, descenderia Maria Joaquina de Jesus Castello Branco Carvalho de Almeida (avó de vovô Alfredo, visto que é a mãe de Maria da Assumpção Pires Ferreira, (segunda no nome) e primeira esposa de José Pires Ferreira Neto. Vovó Rosinha descenderia de Venerada Francisca de Carvalho e Almeida (sua bisavó) irmã de Maria Joaquina, ambas filhas de José Carvalho de Almeida.

Historiadores como David Caldas e Pereira da Costa atentam que José Carvalho de Almeida foi figura notável na organização da Vila de Barras do Marataoã. Nasceu na fazenda Vitória, Vila de Barras do Marataoã, em 1770, onde faleceu, aos 99 anos, em 30.05.1869, sendo sepultado no cemitério da Confraria de Nossa Senhora da Conceição, em cuja construção concentrou parte de suas energias e haveres, e não na igreja Matriz como desejava, por proibição do Governo Provincial, conforme nova legislação que impedia o sepultamento no interior das igrejas. Posteriormente, houve o traslado, a partir de autorização da Assembleia, de seus restos mortais para a Matriz, onde foi afixada uma lousa, desaparecida quando demoliram a antiga igreja centenária em 1963.

Em 1852, foi nomeado para coronel comandante superior da Guarda Nacional na Vila de Barras, prestando juramento à Câmara Municipal em 09.12.1842. Foi deputado provincial. É primo do poeta e revolucionário Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco. Casou-se com a prima Francisca Castello Branco, filha de Francisco Borges Leal Castello Branco (procurador de Nossa Senhora da Conceição de Barras) e de Anna Rosa do Lago Castello Branco. José Carvalho de Almeida e Francisca Vitalina Castello Branco são bisavós de vovô Alfredo e tataravós de vovó Rosinha.



Fonte: IBGE

*Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Barras do Marataoã (1957),  
construída por José Carvalho de Almeida*

A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Barras do Marataoã, construída por José Carvalho de Almeida, um dos mais majestosos templos católicos do Piauí edificados no século XIX, infelizmente, foi demolida em 1963, sendo outra igreja construída em seu lugar, com frontispício para o nascente, diferentemente da antiga, cuja frente voltava-se para o poente.

Em homenagem a José Carvalho de Almeida e a Barras-PI, um de seus milhares de descendentes, Dílson Lages Monteiro, da Academia Piauiense de Letras, escreveu belo poema, publicado em livro, em 2014:

### **Ares e lares de amores tantos**

Para José Carvalho de Almeida (1770-1869)  
Patrono de Barras do Marataoã

Nesta Terra fecunda  
fertiliza a tez  
de minha memória  
outros ares e lares  
de amores tantos.

Ares e lares das mãos distantes  
dos olhos tão próximos  
que o coração comporta.

Outros trajetos em forma  
(dê)formam e suspendem  
o piso, o teto, toda a estrutura  
de minha altura agora  
e satura o sentir  
sem ti aqui.

O pisar nos paralelos chãos  
vá(rios) de teu ovário de virtudes  
onde papai imortalizou o amor  
onde a paz de um nome resta  
e o sangue de meu DNA.

Gritam no adro da igreja  
os sonhos de meus antepassados:  
o gado nos campos de capim mimoso  
a fé dos Carvalho de Almeida.

Nesta terra fecunda de faces  
fertiliza-se a tez de minha memória:  
o rastejar do rio  
o aconchego das casas geminadas  
o cochicho das calçadas

E os olhos abertos da saudade  
de outros ares e lares  
de amores tantos.



*Interior da antiga igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Barras-PI*



*Altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição*

O altar-mor da Matriz assim aparece descrito no romance *O morro da casa-grande*, do bisneto de vovô Alfredo Dílson Lages Monteiro, que tematiza na obra a identidade de sua cidade natal e a destruição do patrimônio histórico:

“O altar-mor de Nossa Senhora da Conceição de Barras era um dos lugares mais exaltados pelos fiéis, principalmente em dezembro. Nas festas da padroeira, a cidade inchava-se de gente que se preparava o ano inteiro para as oito noites de novenas. A melhor roupa brilhando no corpo, a família toda reunida e, na igreja, multidões espremidas tentando chegar ao altar, após cada novena. No retábulo, os nichos eram ocupados com Nossa Senhora ao centro, sobre o sacrário, ladeada nos demais nichos por Jesus ressuscitado, à direita, e São José, à esquerda. Jarros de porcelana, cobertos de flores, sobre

o mármore, contrastavam com numerosos castiçais de prata, nos pés dos quais estava cravada a face de Cristo. No topo do retábulo, a imagem do coração de Jesus, acima do qual se assentava em decoração a própria face do Messias, embriagava de fé quem orava. O altar-mor, ao fundo, era a luz do templo, uma luz que se enfraquecia e, dali a pouco dias, apagar-se-ia para sempre” (p.112).

#### **4.3.6. OS BORGES LEAL**

João Borges Leal filho do Tenente-coronel do Exército português João Borges Marinho de Brito ( Marim) e de Anna de Sousa, que chegaram a Bahia em 1725 e passaram à região de Oeiras-PI entre 1730 e 1740, casou-se com Clara da Cunha e Silva Castello Branco, filha de Manuel Carvalho de Almeida e de Clara da Cunha e Silva Castello Branco. O casamento aconteceu em 1741, na fazenda São Pedro, hoje município de José de Freitas-PI, cujas terras Clara recebeu de seus pais como dote de casamento.

Rico fazendeiro do antigo distrito de Santo Antônio do Surubim de Campo Maior, o casal teve dez filhos. Bernardo Borges Leal, o seu quinto filho, teve dois filhos. O seu primogênito, Antônio Borges Leal, nascido no município de Barras, casou-se com Veneranda Francisca de Almeida, com quem teve cinco filhos. A sua primeira filha, Maria Magdalena da Paz Borges Leal, casou-se com Laurentino Gomes da Silva Rebêlo, filho de José Gomes Rebêlo, nascido em Portugal , e de Umbelina Rosa de Jesus, piauiense. O casal teve sete filhos, sendo que a sua última filha, Laurentina Maria da Paz Gomes Rebêlo, é a mãe de nossa vovó Rosinha.

Laurentino Gomes da Silva Rebêlo casou-se, em segundas núpcias, com sua cunhada Francisca Borges Leal, irmã de Maria Magdalena da Paz Borges Leal.

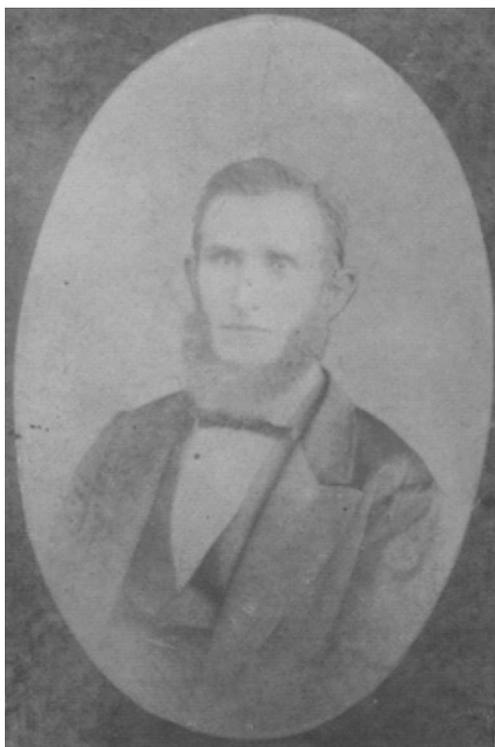
Partindo do casal, João Borges Leal e Clara da Cunha Silva Castelo Branco, nossa vovó Rosinha pertence à quinta geração.

#### **4.3.7. OS GOMES REBÊLO**

O patriarca dos Gomes Rebêlo é José Gomes Rebêlo (bisavô de vovó Rosinha), nascido em 1792, em Portugal, e falecido no Piauí. Casou-se com

Umbelina Francisca de Jesus [Castello Branco], que era filha de José Carvalho de Almeida e Francisca Castello Branco. Registra o historiador Valdemir Miranda de Castro que José Rebêlo teve quatro filhos. O quarto deles, Laurentino Gomes Rebêlo (avô de vovó Rosinha), nascido em 1823, em Campo Maior, e falecido em Barras, casou-se com sua prima Maria Madalena da Paz Borges Leal, avô de vovó Rosinha, filha de Antônio Borges Leal e de Veneranda Francisca de Almeida, que também eram primos entre si.

#### **4.4.DESCENDENTES DE NOSSOS BISAVÓS PATERNOS**



*Manuel Rodrigues Lages, construtor da antiga casa da fazenda Esperança*

Manuel Rodrigues Lages (1836-1880), pai do vovô Alfredo, casou-se com sua prima Maria da Assumpção Pires Ferreira, segunda no nome (1845-1922), mãe do vovô Alfredo, e tiveram onze filhos:

1. José Rodrigues Lages. Casou-se com Ana de Jesus Soares (vó Cocóia) e tiveram os filhos a seguir:

- Manoel Soares Lages
- Florêncio Soares Lages
- Maria Soares Lages
- Marieta Soares Lages

2. Maria da Assumpção Pires Lages (Neném). Casou-se com Umbelino Gomes Rebêlo e tiveram os filhos a seguir:

- Umbelina Lages Rebêlo
- Maria Lages Rebêlo
- Raymundo Lages Rebêlo
- Manoel Lages Rebêlo
- Patriotino Lages Rebêlo (Bebé)
- Gervásio Lages Rebêlo

3. Lina Pires Lages. Casou com José Baptista Lopes e tiveram os filhos a seguir:

- Victorina Maria Lages Baptista
- Maria Lages Baptista
- João Lages Baptista
- Venância Lages Baptista
- José Lages Baptista
- Manoel Lages Baptista
- Lydia Lages Baptista

4. Manoel Rodrigues Lages Filho. Casou-se com Lucília dos Santos Paiva e tiveram os filhos a seguir:

- Maria Esther Paiva Lages
- Clarice Paiva Lages
- Nair Paiva Lages
- Demétrio Paiva Lages

5. Eloy Pires Lages. Casou-se com Amália Francisca de Jesus Marques Macatrão e tiveram os filhos a seguir:

- Raymunda Marques Lages
- Maria Marques Lages
- Nemésio Marques Lages
- Enedina Marques Lages

- Joaquim Macatrão Lages
- Manoel Marques Lages
- Eulália Marques Lages
- Antônio Marques Lages
- Eloy Pires Lages Filho
- Francisco Marques Lages
- Raymundo Nonato Lages
- José Marques Lages

6. Antônio Pires Lages. Casou-se com Francisca Maria Borges Alves e tiveram os filhos a seguir:

- Artemisa Pires Lages
- Marieta Pires Lages
- Álvaro Pires Lages
- Julieta Pires Lages
- Antônio Pires Lages
- Francisca Pires Lages
- Benedita Pires Lages

7. Henriqueta Pires Lages. Casou-se com Alípio do Rêgo Castello Branco e tiveram os filhos a seguir:

- Francisco Marcelino Castello Branco
- Maria Lages Castello Branco
- Luis Lages Castello Branco
- Manoel Lages Castello Branco
- Joaquim Lages Castello Branco
- Firmino Lages Castello Branco
- Antônio Lages Castello Branco
- Lauro Lages Castello Branco
- Archângela Lages Castello Branco
- Florêncio Lages Castello Branco

8. Alfredo Pires Lages. Casou-se com Rosa Rebêlo do Rêgo. Nossos avós. Terão capítulo à parte.

9. Philomena Pires Lages. Casou-se com Florêncio do Rêgo Castello Branco e tiveram os filhos a seguir:

- Cristina Lages Castello Branco
- José Pires Castello Branco

- Maria de Lourdes Lages Castello Branco

10. Adélia Pires Lages. Casou-se com Custódio Borges Alves

Sobrinho e tiveram os filhos a seguir:

- Leonisa Pires Alves

- Nelson Pires Alves

- Magno Pires Alves

- Maria Pires Alves (Marú)

- Francisca Pires Alves

- Nair Pires Alves

- Antonieta Pires Alves

- Aldenora Pires Alves

11. Luis Pires Lages

#### **4.5. DESCENDENTES DOS NOSSOS BISAVÓS MATERNOS**

Joaquim José do Rêgo Filho (\*1839 +1904), pai da vovó Rosinha, casou-se com Laurentina Maria da Paz Gomes Rebêlo (\*1865 +1942), mãe da vovó Rosinha. Tiveram seis filhos:

1. Haydée Rebêlo do Rêgo. Casou-se com Antônio Borges Leal, com quem teve os filhos a seguir:

- Nestor do Rêgo Borges

- Joana Rêgo Borges

2. Jorge Rebêlo do Rêgo. Casou-se com Elisa Cardoso do Rêgo. Não tiveram filhos. Posteriormente casou-se com Quintila Casemiro do Rêgo, com quem teve os filhos a seguir:

- Helena Casemiro do Rêgo

- Edir Conceição Casemiro do Rêgo

- Laurentina Casemiro do Rêgo

3. Magdalena Rebêlo do Rêgo

4. Gonçalo Rebêlo do Rêgo. Casou-se com Edith Amorim do Rêgo (Nequinha) e tiveram os filhos a seguir:

- João Amorim do Rêgo

- Edmée Amorim do Rêgo

- Einar Amorim do Rêgo

- Haroldo Amorim do Rêgo

- Isabel Maria Amorim do Rêgo
- José Amorim do Rêgo
- Edgard Amorim do Rêgo

5. Rosa Rebêlo do Rêgo. Casou-se com Alfredo Pires Lages. Nossos avós. Terão capítulo à parte.

6. José Rebêlo do Rêgo. Casou-se com Alice Melo Rêgo e tiveram os filhos a seguir:

- Jesus Rebêlo do Rêgo
- Maria do Carmo Rebêlo do Rêgo
- Laurentina Maria da Paz Rêgo
- Maria do Socorro Rebêlo do Rêgo
- Maria Alice Rebêlo do Rêgo
- Maria da Conceição Rebêlo do Rêgo

#### **4.6. O PARENTESCO ENTRE NOSSOS ANTEPASSADOS**

O núcleo paterno de vovô Alfredo, formado pelos Rêgo e pelos Castello Branco, compõe o núcleo paterno de vovó Rosinha. A outra parcela do núcleo paterno de vovô Alfredo é formada pelos Lages, família oriunda de Brejo dos Anapurus. O núcleo materno mais imediato de vovó Rosinha é formado pelas famílias Carvalho de Almeida, Gomes Rebêlo e Borges Leal, o de vovô Alfredo, pelas famílias Carvalho de Almeida, Pires Ferreira e Castello Branco.

Joaquim José do Rêgo e Anna Rosa Castello Branco (sua prima e primeira esposa) eram bisavôs paternos do vovô Alfredo. Joaquim José do Rêgo e Rosa Florinda Castello Branco (sua prima e segunda esposa) eram avós paternos de vovó Rosinha.

A avó materna de vovô Alfredo, Maria Assumpção Pires Ferreira, primeira no nome, possuía muitas terras, parte delas herdadas do seu avô materno, o português João Paulo Diniz. Dono de fazendas de gado que se estendiam ao longo do rio Parnaíba, dos lados do Piauí e Maranhão. Homem de grande visão, foi o pioneiro da industrialização da carne seca, no Piauí e no Brasil, exportando pelo porto de Parnaíba, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Pará, produzindo também couro o qual exportava para a Europa, via Portugal. Comenta-se que a técnica usada para o preparo da carne seca aqui utilizada foi aprendida com os índios, tendo sido, depois, levada clandestinamente aos pampas gaúchos.

Os Lages, Rêgo, Castello Branco e Pires Ferreira se entrelaçaram por meio de casamentos sucedâneos. Os matrimônios, quase sempre, eram realizados dentro da mesma família com irmãs ou primas e a prole era numerosa. O avô paterno de vovô Alfredo, José Antônio Rodrigues, casou-se três vezes sendo que o primeiro e segundo enlaces ocorreram com irmãs, filhas de Joaquim José do Rêgo, e teve, nos três casamentos, vinte e três filhos. O bisavô paterno de vovô Alfredo e avô paterno de vovó Rosinha, Joaquim José do Rêgo, casou-se com irmãs, em primeiras e segundas núpcias; e o avô materno de vovô Alfredo, José Pires Ferreira Neto, casou-se quatro vezes com descendentes da família Castello Branco.

A avô paterna de vovô Alfredo, Maria do Patrocínio Rêgo Castello Branco, era irmã do pai de vovó Rosinha, Joaquim José do Rêgo Filho. A irmã de vovô Alfredo, Maria da Assumpção Pires Ferreira, era casada com Umbelino Gomes Rebêlo, irmão da mãe de vovó Rosinha, Laurentina Maria da Paz Rebêlo, ou seja, vovó Rosinha tinha uma cunhada casada com seu tio.

Os pais de vovô Alfredo, nossos bisavós, os jovens, Manuel Rodrigues Lages e sua prima Maria da Assumpção Pires Ferreira, casaram-se com 24 e 15 anos, respectivamente, em 08.12.1860, dia consagrado a Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Barras. Ele, nascido na fazenda Descuido, município de Barras, fazendeiro e capitão da Guarda Nacional. Ela, nascida na fazenda Tem Fé, município de Barras, recebeu de seu pai, como dote de casamento, a fazenda Esperança, onde passaram a residir. Na época, era costume a noiva receber como herança um dote de casamento. Essa união durou apenas 20 anos, uma vez que Manuel faleceu com somente 44 anos. Sua esposa continuou viúva, cuidado de sua prole (onze filhos), vindo a falecer aos 77 anos, na fazenda Esperança, onde residia.

Os pais de vovó Rosinha, nossos bisavós, Joaquim José do Rêgo Filho e Laurentina Maria da Paz Gomes Rebêlo casaram-se em 1880 na fazenda Cágados, situada a 6 quilômetros da fazenda Esperança, onde fixaram residência e tiveram seis filhos. Ele nasceu no Peixe e faleceu em Barras. Ela, conhecida como Loura, nasceu na fazenda Cágados e faleceu em Miguel Alves.

Observa-se que os senhores proprietários de terras, com muita frequência, possuíam patentes da Guarda Nacional (coronel, capitão, tenente). Os títulos, comprados, davam aos seus detentores alguns privilégios oferecidos pelo poder.

#### 4.7. A FAMÍLIA DE ALFREDO E ROSINHA NA POLÍTICA

A participação dos Lages na política é outro fato que merece registro. O avô paterno de vovô Alfredo, José Antônio Rodrigues, foi presidente da primeira Câmara Municipal de Barras em 1842, exercendo o cargo de vereador, no mesmo período, José Pires Ferreira Neto, também avô de Alfredo. O comando da Câmara seria exercido novamente por José Antônio Rodrigues na legislatura de 1845. O irmão dele, João Antônio Rodrigues também ocuparia o mesmo cargo por duas legislaturas, entre 1858 e 1868, cabendo a ele o comando da vila de Barras do Marataoã, uma vez que, segundo a legislação em vigor na época, a administração municipal era realizada diretamente pela Câmara Municipal. O pai de vovô, Manuel Rodrigues Lages, ocuparia assento nesta Casa, na legislatura de 1859. Joaquim José do Rêgo, avô de Rosinha e bisavô de Alfredo ocuparia vaga na Câmara, na legislatura de 1874.



*Marechal Firmino Pires Ferreira. Fonte:www.parentesco.com.br*

Os tios de vovô Alfredo, Firmino Pires Ferreira e Joaquim Pires Ferreira, irmãos de sua mãe Maria da Assumpção Pires Ferreira, exerceram mandatos de deputado federal e senador por várias legislaturas. Firmino, que lutou destacadamente na Guerra do Paraguai e chegou ao posto de marechal do exército, foi deputado federal entre 1891-1993 e senador em quatro legislaturas de nove anos, somente se afastando da vida pública com o golpe militar de 1930. Joaquim, que era graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Recife-PE e tornou-se um dos advogados mais prestigiados do Rio de Janeiro de seu tempo, elegeu-se deputado Federal para a legislatura entre 1895-1896, exercendo, como o irmão, quatro mandatos de senador, somente saindo da vida pública em 1955.

Quando da morte do marechal Firmino Pires Ferreira, um dos mais respeitados e lidos escritores brasileiros da época, Humberto de Campos, da Academia Brasileira de letras, escreveu crônica na imprensa intitulada “Um sonho de pobre”, depois publicada em suas obras completas. Na crônica, Humberto de Campos descreve Marechal Firmino Pires como político e homem cordial, amigo e humano:

“Com o intervalo de apenas três anos, ele foi, na verdade, o dono incontrastável do Piauí, desde a proclamação da República até ontem, dia da sua morte.

Que qualidades possuía, entretanto, este homem público para exercer um domínio tão continuado e tão longo numa unidade da federação, na qual não ia há quarenta anos? Esta apenas: era amável, era serviçal e, ao romper politicamente com alguém, deixava sempre, com a continuação da amizade pessoal, o elemento necessário para uma oportuna reconciliação.

(...)

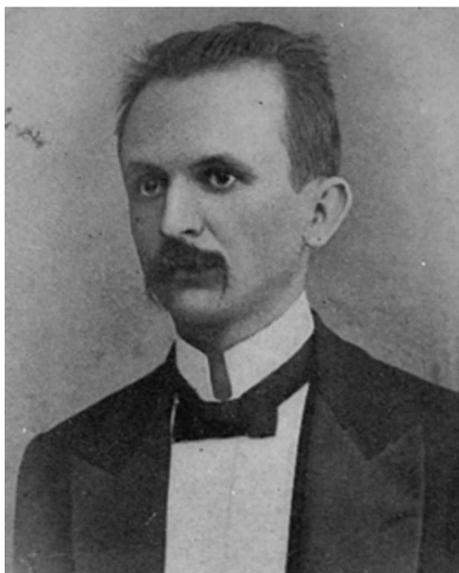
O marechal Pires Ferreira foi, de fato, o campeão brasileiro dessa expressão de cordialidade. (...) Mas esse gesto de amizade não era unicamente para os poderosos, para aqueles que lhe podiam prestar algum serviço imediato: era para todos os conhecidos. Eu nunca me encontrei com ele que não o tivesse. Misantropo como eu sou e sempre fui, nunca lhe frequentei a casa, nem soube onde ficava ela situada, ou lhe mandei, sequer, um telegrama, por qualquer acontecimento de sua vida privada ou pública. Ele, porém, nunca deixou de mandar-me o seu cartão de parabéns por um aniversário na família ou pelas ocorrências felizes de minha carreira literária.

Passavam-se anos sem nos vermos. No primeiro encontro, no entanto, perguntava por tudo e por todos como se nos tivéssemos separado na véspera.

Para manter as posições conquistadas, vinha ele enfrentando há mais de trinta anos a mais persistente campanha de ridículo porventura sustentada no país contra um homem só. A imprensa nunca o deixou sossegado. As caricaturas, as anedotas, o teatro alegre, os cortejos carnavalescos fizeram da sua figura uma das mais populares do Brasil. Seteavam-no, às vezes, no coração. E ele nunca se revoltou, nunca protestou, nunca se vingou do jornalista ou o tratou descortemente, mesmo encontrando-o no Senado no dia em que havia sido tratado indelicadamente pela sua pena

(...)

Era assim o velho Pires. Morreu e, moribundo, pediu que lhe não pusessem flores sobre o caixão. Que o dinheiro das coroas mortuárias fosse convertido em esmolas, e distribuído pelos pobres. A sua última vontade foi, assim, a inversão do milagre de Santa Isabel da Hungria. Esta Transformou o pão, que destinava aos pobres, em flores, que lhe encheram o aventual. Ele, ao contrário, pediu que as flores fossem transformadas em pão.” (p.191-196).



*Fileto Pires Ferreira. Fonte: [www.parentesco.com.br](http://www.parentesco.com.br)*

Um primo de vovô Alfredo, filho de Raymundo de Carvalho Pires Ferreira, irmão de nossa bisavó Maria da Assumpção, Fileto Pires Ferreira (n.1866-f.1917), governou o Amazonas, entre 1896 e 1898. Fazemos aqui pequena digressão para relatar fato curioso. A saída de Fileto do governo ocorreu por meio de um golpe, contado em livro escrito por ele sob o título “A verdade sobre o caso Amazonas”, publicado pela tipografia do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1900. Nesse livro, ele conta que, estando na Europa para tratamento de saúde, recebeu telegrama de Manoel Lages (possivelmente, o irmão de vovô Alfredo, Manoel Rodrigues Lages Filho, que residia no Rio de Janeiro), avisando que retornasse ao Amazonas, porque estava sendo preparado um golpe para destituí-lo do governo. Segundo as palavras de Fileto,

“Só a 14 de julho cheguei à capital da França e, nesse mesmo dia, recebi de meus bons amigos Dr. Ovídio Abrantes e Manoel Lages telegramas avisando-me que queriam cassar a licença em cujo gozo estava”.

No livro, Fileto reproduz o telegrama de Manoel Lages:

“Rio, 14 de junho.

Atenção política Estado planejam deposição cassando licença. -  
Lages

O irmão de vovô Alfredo, Antônio Pires Lages, foi intendente de Batalha durante trinta anos, até a Revolução de 1930. Um sobrinho e genro de vovô Alfredo, Magno Pires Alves, foi prefeito de Batalha por cerca de dez anos. Um filho de vovô Alfredo, Alcides, foi prefeito de Barras entre 1957 e 1963. Um genro de vovô Alfredo, Antenor Fortes Rodrigues, também Lages, elegeu-se prefeito de Nossa Senhora dos Remédios. Um neto de vovô Alfredo, Antônio Lages Alves, foi prefeito de Batalha em dois mandatos. Carlos Alberto Lages Monte, filho de Haydée Lages Monte, portanto, neto de Alfredo, elegeu-se prefeito de Barras para o mandato de 2017-2020, tendo como vice-prefeita uma tataraneta de Eloy Pires Lages, irmão de vovô, Cynara Lages.

Em Barras, embora não tenha exercido mandato eletivo, o médico e filho de vovô Alfredo, José do Rêgo Lages, tornou-se uma das maiores lideranças da história política do município. Graças a sua influência, carisma e, principalmente, humanismo, muitas conquistas de infraestrutura urbana chegaram até os barrenses; entre elas, o Hospital Leônidas Melo, que se

tornou, por décadas, referência para toda a região. O empenho do médico José do Rêgo Lages, para que Barras possuísse sua casa de saúde, começou muito cedo, tão logo se estabeleceu no município, vindo de Salvador-BA, formado em Medicina. Caminhando obstinadamente, ele conseguiu desde a doação do prédio, que um dia fora a casa de seu bisavô José Pires Ferreira Neto, até razoável infraestrutura para a casa de saúde, vivendo principalmente em função do hospital, durante as cinco décadas em que esteve atuando como médico.

Dezenas de integrantes da família Lages, descendentes de irmãos de vovô Alfredo também se projetaram na política de Barras, governando o município. Seus sobrinhos José Deus Lages Correia e Joaquim Lucas Furtado (este, por dois mandatos), neto de sua sobrinha Enedina Marques Lages, assim como pelo ramo dos Pires, Castello Branco e Rêgo, os primos José Osório Pires da Mota, Odival Pires Correia, Francisco Luiz de Carvalho e Silva e Antenor Rêgo (interino em 1970), governaram a cidade. Também esteve à frente do Executivo barrense, pelo ramo dos Rêgo Castello Branco, um neto de Antenor Rêgo, Francisco das Chagas Rêgo Damasceno, que se elegeu ainda deputado estadual; também uma neta, Esmeralda Rêgo e um bisneto Maurício Rêgo Damasceno Brito foram vereadores em Barras.

Da segunda metade do século XX até a atualidade, diversos descendentes de vovô Alfredo foram eleitos para a câmara municipal de várias cidades do Norte piauiense; alguns, exerceram vários mandatos. Em Barras, seis netos: Antônio Leite Neto, Carlos Alberto Lages Monte, Alcides do Rêgo Lages Filho, Gilberto Pires Lages, Lúcia Rebêlo Lages de Alencar Nunes e Antônio Lages Torres. Também ocuparam o mesmo cargo os bisnetos José Regino Melo Lages, Francisco das Chagas Miranda Leite e Matheus Aguiar Lages. Em Nossa Senhora dos Remédios, também exerceram esse posto dois netos de vovô Alfredo, Erimá Lages Fortes, Luzia Maria Lages Fortes Portela, e um bisneto, Carlos Alberto Couto vereadores. Em Porto, uma neta Rosa do Rêgo Fortes. Em Batalha, o mesmo se repete com duas netas, Sulamita do Rêgo Pires e Floripes do Rêgo Pires, assim como com três bisnetos, Magno Isidoro Bezerra Lages, Maria de Fátima Pires de Carvalho e Magno Pires Alves Neto. Em Parnaíba, o neto de vovô Alfredo, Paulo Afonso Lages Gonçalves foi vereador. Em Teresina, o mesmo cargo foi exercido por um bisneto Henrique

de Carvalho Pires e José Gomes da Silva Filho, outro bisneto de vovô Alfredo, foi eleito para o mandato 2017 a 2020.

Além da participação na política por meio de mandatos eletivos, descendentes de vovô Alfredo comandaram com destaque a administração de órgãos públicos em áreas de sua atuação profissional. Três netos de Alfredo e Rosinha participaram diretamente da gestão de secretarias do Governo do Estado do Piauí, quando era governador Francisco de Assis Moraes Sousa: Paulo Afonso Lages Gonçalves (secretário da saúde 1995 a 2001), Magno Pires Alves Filho (secretário da administração de 1998 a 2001) e Antonio Francisco Lages Gonçalves (sub secretário da fazenda de 1995 a 2001). Outro neto, Hamilton Lages Monte exerceu o cargo de sub secretário da agricultura nas gestões de: Lucídio Portela, Hugo Napoleão e Freitas Neto. Foi também presidente da Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Piauí (CIDAPI), por dois anos, no governo de Hugo Napoleão.

Também geriram entidades de relevo na administração pública, os netos Antônio Lages Alves, diretor do Hemopi em vários governos, o bisneto Custódio Borges Alves, que também comandou esse órgão, e o já citado Magno Pires Alves Filho, diretor da Fundação CEPRO (2013 e 2014), no governo Wilson Martins. Além do bisneto Henrique de Carvalho Pires, diretor da Fundação Nacional da Saúde (secretaria com status de ministério), nas gestões Dilma Rousseff e Michel Temer.

É numerosa também a lista de descendentes de irmãos de vovô Alfredo que ocuparam assento em câmaras municipais do Norte piauiense, principalmente nos municípios de Cabeceiras, Barras, Nossa Senhora dos Remédios, Porto, Batalha, Esperantina, Parnaíba, Teresina etc., integrando extenso número de cidadãos de vocação incontestante para a vida pública.

### **5. III- ALFREDO PIRES LAGES E ROSA DO RÊGO LAGES**

Vovô Alfredo (\*1873, +1958) e vovó Rosinha (\*1889, +1921) casaram-se na propriedade dos pais da noiva, fazenda Cágados, em 01.10.1903, e foram morar na fazenda Esperança, juntamente com a mãe do vovô Alfredo, Maria da Assumpção Pires Ferreira. Nosso avô era homem humilde, trabalhador e pacato. Alto, magro, de cor clara e olhos castanhos. A maioria de seus netos chegou a conhecê-lo e a gozar de sua convivência.

Nossa avó era baixa. Pouco sabemos de suas características, pois faleceu muito cedo, com apenas 32 anos, fato que impediu a convivência com seus filhos, principalmente os mais novos.

Tiveram treze filhos que geraram uma prole numerosa. Foram eles:

1. Alzira do Rêgo Lages.
2. Alceu do Rêgo Lages.
3. Maria do Rêgo Lages (Sinharinha).
4. Edson do Rêgo Lages
5. Clarice do Rêgo Lages
6. Alcides do Rêgo Lages
7. Edith do Rêgo Lages
8. Gladston do Rêgo Lages (Tonzinho)
9. Mary do Rêgo Lages
10. Manoel do Rêgo Lages
11. Maria Nazareth do Rêgo Lages
12. Haydée do Rêgo Lages
13. José do Rêgo Lages

Nosso avô era fazendeiro, pecuarista e agricultor. Os principais produtos extraídos de suas propriedades eram o babaçu, o tucum e a carnaúba, da qual se retirava o pó e se fabricava a cera. Nossa avó dedicava-se a cuidar do lar e dos filhos. Tinha por hábito, no final do dia, banhar seus filhos, quando crianças, numa pedra plana de tamanho médio que ficava em frente à casa-grande da fazenda Esperança. Embora o costume não tenha continuado, a pedra ali foi conservada, como um marco do passado.

Sabe-se que vovô Alfredo mantinha uma caderneta na qual registrava a data, a hora e o dia da semana do nascimento de cada um de seus filhos. Essa caderneta era conservada em mãos de seu filho José do Rêgo Lages. Infelizmente não nos foi possível localizá-la.

Permaneceram casados somente dezoito anos, em decorrência do falecimento de vovó Rosinha, ocorrido numa véspera de Natal (24.12.1921), com apenas trinta e dois anos, em consequência de um parto mal-sucedido. Tanto ela quanto a criança foram sepultadas na fazenda Esperança.

Após o falecimento de vovó Rosinha, vovô Alfredo contava com a ajuda de sua mãe, Maria da Assumpção Pires Ferreira, na criação de seus dez filhos: Alzira, com 17 anos, Maria, com 14, Alcides, com 9, Edith, com 8,

Gladston, com 7, Mary, com 5, Manuel, com 4, Nazareth, com 3, Haydée, com 2, e José, com apenas 1 ano. Os filhos Alceu, Edson e Clarisse faleceram ainda crianças.

Transcorridos apenas dez meses de viuvez de vovô Alfredo, faleceu sua mãe, Maria da Assumpção Pires Ferreira, deixando-o sozinho com a árdua tarefa de criar sua prole. Tornou-se, nessa época, o proprietário da fazenda Esperança.

Nessa ocasião, sua filha Haydée foi morar na fazenda Cágados com tia Madá, irmã de vovó Rosinha. Na mesma época, vieram morar na fazenda Esperança, Isaura Pires Ferreira e seu filho Raimundo Pires (ela, ex-esposa de Manoel Soares Lages, sobrinho do vovô Alfredo). Ela assumiu a direção da casa e cuidou do demais filhos do vovô Alfredo. Com o passar do tempo e a pedido de vovô Alfredo, tia Madá veio, com Haydée, morar na fazenda Esperança. Pela doação e carinho de mãe que ambas dedicaram aos filhos de nossa vovó Rosinha, tornaram-se vó Isaura e vó Madá, às quais, em memória, rendemos a nossa gratidão. Após o casamento de tia Haydée com Otacílio, em 1935, ela passou a cuidar da casa da fazenda.



*Vó Isaura vindo do açude velho, tendo ao lado a barbearia da fazenda Esperança*

Nosso vovô Alfredo vestia-se preferencialmente de roupas claras, como branco ou creme, e bem folgadas. Nos pés, gostava de usar chinelo de cabrestos (de dedo) e no inverno calçava tamancos. Fumava cigarro de fumo, que ele mesmo preparava. Em época certa do ano, costumava dizer aos netos: “Quando você ver o céu rosado à tardinha, é sinal de se ter noite fria”.

Vovô matinha sociedade com o sobrinho Nelson Pires Alves, falecido jovem, aos 42 anos, filho de sua irmã Adélia Pires Lages. A sociedade funcionava em um comércio na própria casa da fazenda Esperança, onde eram negociados tucum, babaçu e cera de carnaúba.

A produção do babaçu assegurava que o açougue da fazenda abatesse todos os domingos três reses bovinas, a fim de serem comercializadas com os trabalhadores rurais, que efetuavam o pagamento sempre com oito dias após a venda, tamanha a produção de babaçu na Esperança. Ali se vendiam produtos de primeira necessidade, além de alumínio e tecidos. A casa Esperança, como era conhecida, tornou-se uma das maiores casas comerciais da região. As mercadorias eram vendidas, inclusive, para pessoas de cidades próximas, como Porto.

Muitas vezes, as vendas eram realizadas a prazo, sendo o pagamento de algumas compras feito no decorrer de até um ano. Naquela época, não se falava em juros, mas a clientela honrava seus compromissos e a loja não tinha prejuízo.

Naquela época (década de 1930), a loja possuía um carro com carroceria (caminhão), cuja partida era dada por meio de manivela, que fazia o transporte dos produtos exportados da fazenda para Parnaíba-PI, negociados com três das principais firmas da época, naquela cidade: José Narciso & Cia, Casa Inglesa e Marc Jacob. O veículo servia também como meio de transporte para moradores da fazenda que necessitavam tratar problemas de saúde naquela cidade.

No retorno da viagem, o caminhão trazia mercadorias, adquiridas em Parnaíba, para abastecer a loja da fazenda. O percurso de ida e volta era sempre feito via Esperantina e, no seu comando, o motorista Paulo Piauí. Quando era época de chuvas e as estradas não permitiam o tráfego de caminhão, os produtos da fazenda iam de caminhão até Porto e, de lá, seguiam em canoas com cobertura feita de palhas, levadas a vara e a remo até chegar a Parnaíba.

A convite de Nelson Pires Alves, veio trabalhar na loja Otacílio Monte e Silva, seu afilhado e filho de primo de Nelson pelos Borges Leal de Batalha. Otacílio, mais tarde, tornou-se genro de vovô Alfredo. Quando Nelson Pires faleceu, em 1938, permaneceu na loja, além de vovô Alfredo, tio Otacílio e tio Alcides foi também se incorporar às atividades da Casa Esperança. Os caminhos dos negócios não andaram como esperavam os novos sócios. A casa comercial se enfraqueceu, ao tempo em que surgia conflito de terras em uma das propriedades de vovô, a Trindade. A sociedade seria desfeita, o caminhão, vendido; o motorista, dispensado e Otacílio Monte e Silva ficaria sozinho na gerência da Loja.



*Caminhão da Casa Esperança. Ao lado, seu motorista Paulo Piauí. Supõe-se que a fotografia foi tirada no baixão da fazenda Esperança.*

O investimento preferido de vovô era a compra de terras e de gado. O apreço pelo gado é relembado em muitas situações. Conta-se, por exemplo, que, ao se estabelecer na fazenda Jenipapeiro, onde passaria toda a velhice, voltou à fazenda Esperança, a 6 quilômetros, para buscar uma vaca que chamava de mansinha. Embora a rês persistisse em acompanhá-lo, persistiu em árdua labuta, por três dias, até que a visse no terreiro da nova morada. Na lida com o gado, foi seu vaqueiro por décadas cidadão honrado de nome Geraldo. Quando de seu falecimento, vovô providenciou que fosse sepultado no interior do Cemitério do Candeia, ao lado de seus familiares e onde também se encontra sepultado. Também foram vaqueiros de vovô Alfredo os diligentes Benedito José Laborão e Chico Rosa.

Quando chegava, à tardinha, da roça, vovô Alfredo gostava de tomar um caldo de carne com ovos, feito por sua filha Haydée, que, segundo ele, dava forças e fazia dormir bem. Tinha, por hábito, sentar-se na calçada a fazer peias (algemas de corda para animais), cordas e cabrestos para seus animais e dar um dedo de prosa com o pessoal do comércio.

Entre os amigos que vovô Alfredo muito estimava e dos quais desfrutava da convivência e do apreço sincero, destacavam-se: em Barras – Luis Fortes Castelo Branco, Manoel Monte, Raimundo Gonçalves (Dico), Padre Uchôa, João Eulálio, Juca Fortes, Francisco Cezortre, Eudes Raulino de Almeida, Padre Mário, Francisco Correia; em Cabeceiras – Francisco de Assis Costa Veloso; em Esperantina - Antônio Ramos Sobrinho; em Novo Nilo – Gervásio Raulino da Silva Costa; em Nossa Senhora dos Remédios (especificamente na fazenda Prensa) – Sargento Tôrres.

Quando vovô Alfredo vinha da fazenda para Barras, tratava de negócios da propriedade, revia os parentes e amigos e não perdia a “roda do Lulu”, encontro diário de amigos que se encontravam na casa de Luís Fortes Castelo Branco, à rua Taumaturgo de Azevedo. Ali, nas cadeiras, colocadas à calçada, sentavam-se ao anoitecer e esticavam a conversa até por volta das 23 horas. Entre a oferta de cafezinho e bolos, falava-se de tudo e vovô Alfredo atualizava-se das novidades da cidade.

Nessas viagens da fazenda Esperança a Barras, nosso avô usava o cavalo como meio de transporte e, ao chegar ao bairro Boa Vista, em Barras, deixava seu animal aos cuidados do velho Zumba, que ali morava, e só ao

retornar da viagem pegava o seu cavalo. Nessas ocasiões, vovô Alfredo se hospedava com o filho José do Rêgo Lages.

Vovô Alfredo deu, em vida, a cada filho, setenta moedas de prata, de diversos tamanhos e valores, dinheiro usado na época do Brasil Império e da Primeira República. A foto abaixo traz quatro dessas moedas: duas de 960 reis, de 1816 e 1818, uma de 2.000 reis e outra de 1.000 reis, ambas de 1907.



Nosso avô, ao fazer a partilha de seus bens, deixou, a cada um de seus filhos, 950 hectares de terra, que seriam ampliados pela maioria deles. Isso foi o que lhe restou depois de polêmica questão de terras conhecida como o caso Trindade, que chegou ao Supremo Tribunal Federal, em processo que durou mais de uma década. A sentença, desfavorável a vovô levou também parte de seu patrimônio, sobretudo gado e terras, em função de honorários advocatícios.

Sua fazenda nas cabeceiras do riacho Santo Antônio, transferida para o advogado Cláudio Pacheco e de posse hoje da família de seu parente Benedito Candinho, neto de Zu Batista, primo de vovô, estava entre as perdas que assistiu resignadamente, ciente de que a decisão tinha grande peso político-partidário, na clara intenção de demonizar uma família honrada, justa e humana. Resignou-se diante do episódio e entregou a Deus o julgamento final.

Após o falecimento de vovó Rosinha, vovô Alfredo teve quatro filhas: Maria Alves Lages, Dalva Alves Lages, Teresinha e Iraci. Em sua partilha de bens, deixou para elas também propriedade rural.

Após construir a sede da fazenda Jenipapeiro para morada do filho Manoel, (a construção se iniciou em 1942 e concluiu-se em 1943), vovô Alfredo ali se estabeleceria por 15 anos. A nova residência ficava a 6 quilômetros da fazenda Esperança. Lá continuou a fazer cordas, cabrestos e peias para os animais. Acompanhava as pessoas que colhiam o olho de tucum para tirar embira, matéria prima de seu trabalho. Usava camisa de manga longa e chapéu bem grande, para proteger-se do sol. Saboreava, com muito prazer, um pirão de ovos e um mingau de milho preparado por sua nora e sobrinha, filha de Nelson Pires Alves, Maria Adélia, esposa de seu filho Manoel.

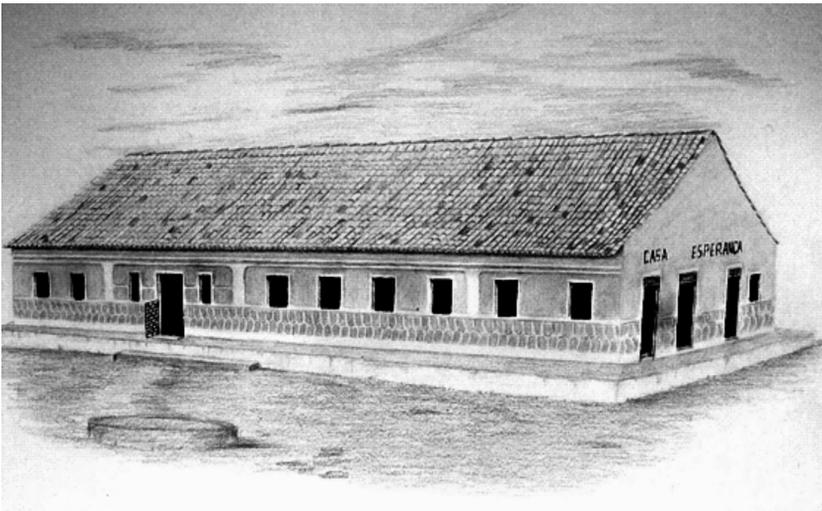
Gostava de andar a cavalo, levar os netos na garupa, e à tardinha tomar banho no riacho. O cafuné, na cabeça e nas costas não podia faltar. Às vezes, ia visitar o seu filho José Lages, em Barras. Já idoso, ao caminhar, estava sempre segurando um cajado. Quando adoeceu, presumindo a aproximação da morte, pediu que fosse levado de volta para a casa onde nasceu, porque era seu desejo que morresse lá. Faleceu três dias depois de retornar para a casa da Esperança, aos 85 anos, sendo sepultado no Cemitério do Candeia, naquela localidade, onde também jaziam os restos mortais da mãe, da esposa e de outros familiares.

Vovô Alfredo e vovó Rosinha estão sepultados em mausoléus, construídos por seu filho José do Rêgo Lages, com recursos oriundos da venda de gados de vovô Alfredo.

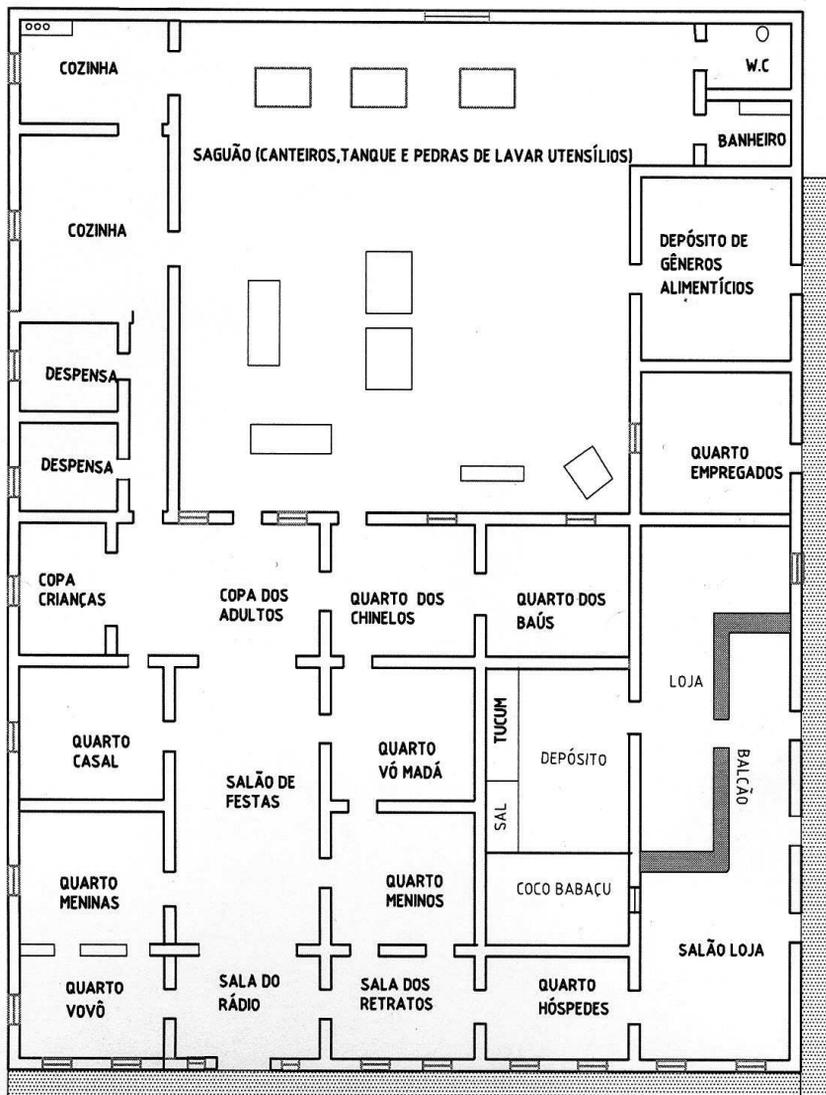


*Cemitério do Candeia, na Esperança: à frente, os jazidos de Alfredo e Rosinha e, ao fundo, o de Maria da Assumpção Pires Ferreira*

## 5.1. A FAZENDA ESPERANÇA.



*Sede da fazenda Esperança, construída por Manuel Rodrigues Lages e, posteriormente, ampliada tanto por Alfredo como por Otacílio.  
Ilustração de Ivanildo Emiliano dos Santos.*



*Planta baixa da casa-grande da fazenda Esperança, após ampliação feita por Otacílio Monte e Silva.*

*Desenho de: Hamilton Lages Monte e José Lages Monte*

A fazenda Esperança localiza-se em Barras-PI, a 56 km da sede do município, na divisa entre Barras, Miguel Alves e Nossa Senhora dos Remédios. Essa fazenda passou pelas mãos de três gerações. A casa-grande fora construída por Manuel Rodrigues Lages, casado com a prima Maria da Assumpção Pires Ferreira, que receberam a propriedade de José Pires Ferreira Neto como dote de casamento e ali tiveram onze filhos. Acredita-se que José Pires Ferreira Neto e sua primeira esposa, Maria Joaquina de Jesus Castello Branco Carvalho de Almeida, avós de vovô Alfredo, tenham residido na propriedade Tem Fé, conforme registra a memória oral.

Na Esperança, passou a residir vovó Rosinha após o matrimônio com vovô Alfredo e, na localidade, gerariam 13 rebentos. Posteriormente, nela residiriam Haydée e o esposo Otacílio. A fazenda Compreendia originalmente 10.000 hectares de terra e dela se desmembraram, antes da venda de maior parte para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, várias fazendas, sob a posse e propriedade dos filhos de Alfredo e Rosinha.

A história a que vamos nos reportar refere-se ao tempo em que lá habitavam o vovô Alfredo e a família de sua filha Haydée e Otacílio. Nessa época, agregadas à fazenda Esperança havia outras fazendas (Tem Fé, Há Mais Tempo, Lage, Cantinho, Cágados, Angelim, Maniçoba, São José, Cabaceiro etc) que perfaziam um total de 6.100 hectares. A casa-grande, sede da fazenda Esperança, possuía aproximadamente 1.500 m<sup>2</sup> de área construída.

A casa-grande tinha oito quartos. Na entrada, havia uma pequena sala que dava acesso a um grande salão: a sala do rádio. À esquerda da pequena sala, havia o quarto do vovô Alfredo. À direita, a sala dos retratos e o dormitório de hóspedes. À esquerda do grande salão, ficava o quarto das meninas e o quarto do casal Haydée e Otacílio. À direita, o quarto dos meninos e o quarto da vovó Madá (irmã de vovó Rosinha). Vizinho a este, dois quartos de domésticas. Após o grande salão havia, a copa dos adultos e a copa das crianças. Após a copa das crianças, havia um corredor que dava acesso a duas despensas, à copa das empregadas e à cozinha.

Após a copa dos adultos, havia, ao centro, um jardim, do qual se tinha acesso a dois banheiros: um, para o sanitário e o outro, para banho. Com acesso pela cozinha, havia o local de lavar louças e, após o jardim, ficava a casinha do forno. À direita, contínua à casa-grande, havia a loja da

fazenda com um salão de atendimento, contendo, no seu interior, um depósito. Ao fundo desse salão, dois quartos: um, para os funcionários da loja e outro, para os empregados da casa-grande.

O piso da casa era de tijolos. O teto, formado por carnaúbas e madeira serrada. As janelas e portas, altas e largas, todas com duas folhas, tendo as portas internas bandeirolas.

Uma curiosidade sobre os cômodos da casa é que todos tinham um apelido: sala dos retratos, sala do rádio, salão de festas, quarto do vovô Alfredo, quarto das meninas, quarto dos meninos, quarto da vovó Madá, quarto dos hóspedes, quarto dos baús, quarto dos chinelos, quarto das frutas, copa dos adultos e copa das crianças.

Um dos quartos das domésticas era chamado quarto dos baús (caixas de madeira com tampa convexa, com chave, recobertas de couro de animal e fixado com tachas). Naquela época, não existia guarda-roupas convencional. Usava-se os baús para guardar redes e lençóis, e as malas onde se guardava o vestuário, semelhantes aos baús (porém, com tampa reta), possuindo, no seu interior, um suporte nas suas laterais, chamado de tabuleiro, vazado no centro. No tabuleiro, colocava-se o material de higiene e saquinho de tecido com moedas. Alguns baús e malas eram personalizados com o nome do proprietário em suas tampas, feito com tachas.

O outro quarto das domésticas era chamado quarto dos chinelos, que ali deveriam ficar para que as crianças não os deixassem por toda a casa.

No jardim havia pés de rosa lafrança, santa Teresinha, rosa menina e loucura das crianças.

Na cozinha, havia um fogão com base de tijolos e barro, contendo três bocas com chapas de ferro e, unido a ele, um pequeno forno feito de lata. O fogão funcionava à base de lenha e seu calor aquecia o forno. No espaço destinado à lavagem de louças, havia três pedras fixadas sobre pés de madeira: uma para lavar copos e xícaras, outra para lavar pratos e panelas e outra, maior, para colocar as louças no sol. Na casinha do forno, havia uma área com um forno grande de barro e um pilão com duas cavidades e, outra área, o quarto das frutas, assim conhecido, pelo fato de lá serem colocadas as frutas para serem abafadas. Atrás da casinha do forno, ficava o poleiro.

O abastecimento de água, inclusive para beber, era feito por um poço, localizado do lado esquerdo da casa, com 80 palmos de profundidade,

e de uma vazão tão grande que, além de abastecer a casa-grande, ainda fornecia água para cerca de quinze casas de agregados que moravam no pátio, ao redor da casa-grande.

No período de seca, além de atender essa demanda, ainda fornecia água para abastecer o gado. Nas proximidades do poço, ficava um açude, chamado açude velho, dentro de um cercado, destinado ao banho de pessoas e fornecimento de água aos animais.

A água era retirada do poço manualmente, por dois colaboradores da casa, que mediante a um carretel acoplado ao poço, puxavam uma corda, em cuja extremidade tinha uma lata. Enquanto um retirava a água do poço, o outro a transportava para os tanques do banheiro e do jardim, para as bacias destinadas a lavar as louças e para uma caixa de água destinada a descarga do sanitário.

Não havia chuveiro no banheiro. A água era colocada em um tanque de cimento. Tomava-se banho com essa água que, gelada, era retirada do tanque com uma cuia (o chamado banho de cuia). Como o banheiro era localizado fora da casa, ao anoitecer, colocavam-se, em todos os dormitórios, urinóis que, logo ao amanhecer, eram recolhidos.

Na copa dos adultos, havia uma geladeira a querosene e um tripé com uma bacia, uma jarra contendo água e um local para sabão e toalha de mão, que funcionava como lavabo. Na copa das crianças, tinha uma bilheira (armário de madeira) com potes de barro e tampa de madeira (contendo água para beber). Na parte superior da bilheira, ficavam os copos e uma concha de cabo comprido (para tirar água), todos de alumínio. Havia outra bilheira na copa dos empregados. Com o passar do tempo, surgiu o filtro de barro, que passou a ser largamente usado na casa.

Não havia energia elétrica. A iluminação era feita por dois petromax (um, na entrada da casa e o outro, na copa dos adultos), por faróis com base de latão e manga de vidro (usados nos dormitórios) e por lamparinas. Todos funcionavam à base de querosene.

Somente o querosene, o açúcar, o sal e o café cru eram obtidos fora da fazenda (comprados em Barras). A farinha, a goma, a puba eram produzidas na farinhada, que acontecia uma vez ao ano, geralmente no mês de julho.

Tudo era feito na cozinha da casa-grande: a separação do arroz da casca, a retirada do feijão da bagre, o preparo das massas para o cuscuz de

arroz e de milho, a gordura de porco usada para fazer a comida, o óleo e o leite de coco babaçu para o preparo dos bolos, o torrar e moer o café, a fabricação do queijo e a confecção do sabão de coco. Para essas tarefas, eram usados pilão de madeira, ralo de madeira e latão furado, peneira de talo de tucum (para passar o maracujá), quibanos (peneiras grandes) feitos de palha de tucum e as gamelas (bacias de madeira).

Três sítios, Angelim, Tem Fé e Lagoa abasteciam a casa-grande de frutas (banana maça, laranja, limão doce, tangerina, maracujá, mangas rosa, foicinha e de fiapo e caju). No Angelim, além das frutas, havia um galpão onde funcionava um engenho de cana de açúcar para fabricação de rapadura e aguardente (cachaça e tiquira). Do Tem Fé, vinham também a melancia, a guabiraba e a pitomba.

Era muito serviço e precisava-se de uma considerável mão de obra, principalmente quando a casa estava cheia de parentes, porque se necessitava alimentar um batalhão de pessoas, do acordar até a hora de dormir. Entretanto, não faltava gente disposta a servir. Considerando, ainda, as tradicionais guloseimas feitas por tia Haydée, podemos afirmar que ela exercia com maestria o comando da casa-grande da fazenda Esperança, planejando, organizando e controlando para que tudo funcionasse a inteiro contento. Outro ponto a ressaltar era a limpeza que existia em cada lugar da casa.

Na loja, havia um depósito onde era armazenado de um lado o sal grosso e, do outro, as amêndoas de babaçu, cuja quantidade chegava a formar um morro de amêndoas. A balança ficava próximo à entrada do depósito com a finalidade de facilitar a pesagem e o armazenamento das amêndoas.

Os produtos extraídos, na fazenda Esperança (o babaçu, o tucum e a palha de carnaúba, essa última para fabricação da cera de carnaúba), que a princípio, eram comercializados em Parnaíba-PI, passaram a ser negociados em Luzilândia-PI, com o Sr. João José e, posteriormente, em Barras-PI, com o Sr. Antônio Carvalho.

Com o passar do tempo, a loja da fazenda Esperança cresceu muito. Vendia produtos alimentícios, cachaça, tiquira, tecidos populares e finos, perfumes, brilhantina, esmaltes, linhas, botões e demais aviamentos de costura e até alguns medicamentos.

Do lado esquerdo da casa-grande, ficava o banheiro dos empregados. Ainda do lado esquerdo, mais à frente da casa, ficava a prensa usada na

fabricação da cera de carnaúba, um depósito de utensílios, ao lado o chiqueiro dos porcos e, à frente, o curral onde era retirado o leite das vacas. Do Lado direito, havia a casa de farinha, a escola e o armazém de cereais e bebidas.

A escola era mantida pela fazenda Esperança, destinada a alfabetizar as crianças da localidade. Os filhos de tia Haydée e os filhos dos agregados eram alfabetizados pela tia Haydée e Mirian Lustosa (esposa de Chicó Lustosa, funcionário da loja da fazenda).

Localizado a 1.100 m da casa-grande ficava o cemitério, onde estão os restos mortais de vários membros da família: vovô Alfredo, vovó Rosinha, bisavó paterna Maria Assumpção, vovó Madá, tios Alzira, Haydée e Otacílio, o sobrinho de vovô Alfredo Nelson Pires Alves, entre outros.

Havia dois campos de futebol na fazenda Esperança. Um, em frente à casa-grande, usado pelas crianças e jovens, onde, nas férias, diariamente, era jogada uma pelada até o anoitecer, que só parava quando o tio Otacílio gritava: “Já chega, meninos! Vão tomar banho”. A plateia assistia a pelada sentada em cadeiras à porta da casa e na calçada. Durante um longo tempo, havia neste local uma construção contendo dois quartos: um destinado aos empregados da loja e o outro onde funcionava a barbearia da fazenda. Na ocasião em que o quarto dos empregados da loja foi construído ao lado da loja, a barbearia foi desativada e a antiga construção demolida.

Outro, a 800 m da casa-grande, campo para adultos, com tamanho maior que um campo oficial, que seria perfeito se não houvesse em suas laterais uns lajeiros. Porém, nenhum nativo por lá se feriu, pois já os conheciam muito bem, mas eram armas contra os times visitantes. Os maiores adversários do Esperança Futebol Clube eram os times da Prensa e do Peixe.

Uma vez ao ano, era celebrada uma missa pelo padre que vinha da paróquia de Barras e, nessa ocasião, eram realizados casamentos e batizados. O ato acontecia em casa de Dona Laura (agregada da fazenda), que de tudo cuidava.

Havia duas estradas ligando a fazenda Esperança à Barras-PI. Uma com 56 quilômetros, via Mato Grande, passando pela fazenda Jenipapeiro, do tio Manoel, e outra com 38 quilômetros, passando pela fazenda Barreiro, do tio Alcides. A primeira embora mais distante, tinha uma vantagem porque de Barras até o Mato Grande a estrada era larga e de piçarra. Porém, do

Mato-Grande até a fazenda Esperança, de terra e estreita, carroçável, e havia um baixão, já próximo à fazenda, que, na época das chuvas, acumulava água, interrompendo a passagem de veículos e animais.

A outra, também carroçável, embora mais próxima, era estreita, além de possuir uma ladeira de pedras que dificultava um pouco a trajetória. A escolha do estrada dependia da época do ano: em período não chuvoso, ia-se pelo Mato-Grande; na época das chuvas, ia-se pelo Barreiro.

Os meios de transporte eram o cavalo, a carroça e o carro de boi, este usado para transportar a cana. Com o passar do tempo, a viagem da fazenda Esperança a Barras era feita em caminhão de carroceria, ligado a manivela. Posteriormente, já eram usados carros mais modernos.

A fazenda Esperança foi a casa de nossos bisavós, em seguida, dos avós e, posteriormente, de nossos tios Haydée e Otacílio. Era nosso local de férias e nos traz boas e alegres lembranças.

Quem pode esquecer do acordar cedinho com o balançar dos punhos da rede e a oferta de um copo de leite mugido com mel (produzido na fazenda) ainda quentinho? E os passeios nos sítios, conduzidos em carroças, carros de boi e jumentos, para comermos melaço e caldo de cana, além de colhermos frutas, sem limite, e ali mesmo saboreá-las? E os passeios nas fazendas dos tios Manoel e Tonzinho, indo a pé e sendo picados pelas mutucas? E a dispensa de tia Haydée sempre cheia de guloseimas que tentávamos pegar a chave para saboreá-las antes da hora? E as peladas de futebol? E o subir e descer no morro de amêndoas (da loja)? E o caçar passarinho? E andar a cavalo? E o banho no açude e no baixão? E ouvir, à noite, as histórias de almas?

Com o passar do tempo, outras diversões foram surgindo: o baralho, o jogo pega varetas, o xadrez, o ping pong (em mesa oficial), entre outros.

As três refeições principais eram servidas às 7:00 h, às 12:00 h e às 18:00 h. No café, era rotina servirem coalhada em tigelas de louças enormes, cuscuz, beiju e bolo. No almoço, servia-se carne de animais abatidos diariamente, com exceção do boi, abatido aos domingos. O jantar era um almoço mais leve.

Às 9:00 h, servia-se um lanche à base de frutas da época e suco de maracujá. No lanche das 15:00 h, tínhamos arroz doce, pudins, salada de frutas, doces, queijo e coalhada. Às 20:00 h, era hábito colocarem dois jacás (cesto de cipó) na calçada da casa-grande, um com laranjas, limão doce e

tangerina (esta quando era época) e o outro para as cascas das frutas. Era uma farra, saboreávamos as frutas e às vezes disputávamos para saber que mais frutas chupava. A comilança era tão grande que, antes de dormir, ainda havia oferta de leite, bolos e coalhada.

As famílias que mais participavam dessas férias eram a de Mary, Nazareth, José e, logicamente, a de Haydée. Sentiamo-nos totalmente em casa, tal era o carinho e atenção de tia Haydée, tio Otacílio e de todos os seus filhos.

Hoje, parte das terras da fazenda Esperança e as terras das propriedades agregadas fazem parte de dois assentamentos do Incra. Atualmente, a fazenda Esperança pertence aos herdeiros de Haydée e Otacílio e possui apenas 72 hectares, onde está localizada a casa-grande.

## **5.2. ALFREDO PIRES LAGES NA LEMBRANÇA DOS NETOS E SOBRINHOS**

A distância temporal aumenta a nossa saudade e faz com que vivamos, na memória, a intensidade do amor que guardados no fundo da alma e do coração. Muitas lembranças de vovô Alfredo ficaram cravadas para sempre em cada um dos netos que tiveram o privilégio de conhecê-lo e desfrutar do amor que tinha por nós.

O neto e também sobrinho Francisco das Chagas do Rêgo Pires, filho de Sinharinha e Magno, recorda que vovô tinha apreço por caçar. Quando mais jovem, conta-se, passava a noite inteira à espera de caças nas matas de suas fazendas. Muitas vezes, não conseguia abater nada, mas não desistia. Logo planejava outra caçada, para a qual partia na companhia certa de Balbino, que, órfão em tenra idade, fora criado pelo coronel e, portanto, morava na casa-grande da Esperança, sempre disposto a acompanhar o coronel aonde ele fosse.

Francisco Pires lembra que vovô Alfredo ia muito à casa de seus pais, na fazenda Monte Alegre, em Batalha, também no passado morada da irmã Adélia Pires Lages. “Mamãe, aquela época, era a filha que mais netos havia lhe dado (quatorze). A chegada de vovô em nossa casa, para nós, era sempre uma festa. Ele nos levava para o mato a procurar guabiraba e piqui. Deste, ele muito gostava. Em casa nos reuníamos a sua volta e com ele

conversávamos, ouvíamos as histórias de que gostava de contar e os conselhos nunca faltavam. Sempre dizia: “Todos devem estudar para ser gente!”. Vovô Alfredo era um homem de pouco estudo, mas de uma inteligência rara e tinha uma grande visão. Foi um grande avô. Afetuoso, atencioso, um grande amigo, cuja companhia nos deu muitas alegrias”.

A neta Rosadélia do Rêgo Pires, a mais longeva, filha de Sinharinha e Magno, diz que vovô Alfredo gostava de lhe falar que era bonita igual à vovó Rosinha e, por isso, ele dizia que ela figurava como neta que amava muito. Rosadélia tem vivo o cotidiano de vovô, quando ele chegava à fazenda Monte Alegre. Ele dizia logo: “Vamos comer as tripinhas de leitão fritas com farofa e rapadura, acompanhada de arroz com piqui. Mamãe logo respondia: ‘Isso é comida louca, papai’. Vovô retruncava: ‘Minha netinha Rosadélia gosta como eu’”.

Rosadélia conta também que vovô Alfredo considerava o pai, Magno Pires Alves, também sobrinho de vovô, como um verdadeiro filho, tanto que adorava ficar no Monte Alegre. “Às vezes ele ficava conversando com as netas, os filhos e as filhas do tio Nelson, contando as suas aventuras depois da morte da vovó Rosinha. Papai então reprendia: ‘Tio Alfredo, o senhor está contando isto para seus netos?’. Vovô respondia: ‘Não são netos; conto para elas (Rosadélia, Floripes e Sulamita). Papai dizia: ‘São crianças’. E vovô Alfredo, então, refutava: ‘O que tem isso? Elas conhecem minhas filhas dessas aventuras (a Dalva e a Maria)’”.

A neta Rosa Lages Monte, filha de Haydée e Otacílio Monte, lembra que vovô costumava ficar na calçada da casa-grande da Esperança, cuidando de tarefas manuais de que mais gostava: trançar embiras para fazer peças a seus animais. Ela, ainda bem jovem, apreciava estar ao seu lado, para ali conversarem. “Não esqueço, de duas coisas que ele sempre falava: a primeira, que o meu nome era uma homenagem a vovó Rosinha. A segunda, que as pessoas deveriam trabalhar bastante quando jovem, porque nessa idade, se tem coragem e força e, quando vai chegando a velhice, chega o cansaço, se tem menos resistência e tudo fica mais difícil”, conta, afirmando que não se lembra de vovô Alfredo “algum dia, se queixar de algo; ele era de bem com a vida e, com certeza, gostava dela assim como ele a levava”.

De sua convivência com o avô, ela destaca as viagens da cidade ao interior e as explicações dele numa dessas andanças: “Naquela época,

fazíamos a viagem de Barras à fazenda Esperança, em dois meios de transportes, de Barras ao Mato Grande, íamos de carro e de lá até a fazenda Esperança a cavalo”, relembra, destacando que “em uma dessas viagens, o vovô Alfredo me trouxe na garupa de seu cavalo, já era tardinha, ele olhou para o céu e disse: ‘Rosa você está vendo aquele arco com cores? É sinal de noite fria.’”

Também filho de Haydée e Otacílio, o neto Hamilton Lages Monte, ainda criança, guarda do avô a imagem seguinte: “Quando vovô Alfredo estava a fazer cordas, me chamava: ‘venha cá menino’. Pegava o meu dedo indicador e colocava para cima, ficando como se fosse um gancho, então ali, sentado no chão, eu segurava a embira e ele ia traçando a corda, de vez em quando, dizia ‘estou acabando, estou acabando...’”.

O neto Gladston Pires Lages, sexto filho de Manoel e Maria Adélia, arquivou em suas memórias muitos episódios e imagens da vivência do avô Alfredo na fazenda Jenipapeiro, onde passou a residir por 15 anos, os últimos de sua vida. “Ele era um velho alto, trajando sempre camisa de manga longa”, descreve, comentando que se constituía em hábito o avô selar o cavalo, portando grande chapéu de palha sobre a cabeça, e rumar para o mato, geralmente para as Estruvengas (hoje fazenda Santa Lúcia), para a Mutuquinha ou para o Junco; às vezes, na companhia de Gladston ou de outro neto, e sempre acompanhado de Secretário, rapaz que fora criado por ele quando morava na Esperança e que levara para o Jenipapeiro ao se estabelecer lá.

“Vovô tirava o olho da moita de tucunzeiro, retirava toda a palha do talo, para, então, cortar os espinhos; tudo isso debaixo da latada que ficava em frente à casa-grande do Jenipapeiro. Ali, da embira que retirara, fazia cabresto, peia e corda que amarrava cangalha em animais, a popular ‘cia’. Tinha nisso, já idoso e realizado na vida, sua principal ocupação e fonte agradável de lazer. Parte de seu tempo era isso: ‘Fazer embiras e cordas’”, conta, acrescentando que, “quando não era época própria para a embira, seu lazer era cortar bonecas de milho para seus cavalos, especialmente seu cavalo ‘Pedrezinho’, cavalo estradeiro. Outra distração, se não a principal, era cuidar desse animal”, rememora Gladston.

No Jenipapeiro, segundo ele conta, vovô Alfredo se ocupava ainda de ir ver o gado bovino de sua posse, num tempo em que esse tipo de criação era realizado quase exclusivamente de forma extensiva. Preso mesmo, e no

curral, somente vaca parida. Como suas terras abrangiam toda a região da extrema com os municípios de Barras, Nossa Senhora dos Remédios e Miguel Alves (a essa época, já não dispunha das fazendas em Cabeceiras e José de Freitas), para todo lado, ele tinha gado. Porém, idoso, era comum que se concentrasse nas reses que vinham beber a 100 metros da casa do Jenipapeiro, em poço forrado de tábuas de cedro ainda hoje enterradas.

Suas quintas de capim, nesse tempo, estavam fixadas no Jacaré e no Junco, áreas que integravam o Jenipapeiro. Nessa região, abundante de água, cultivava o capim da colônia, e tinha por ele um ciúme grande. Tanto que não permitia que se colocasse gado preso dentro das quintas. Todo o capim utilizado para a nutrição das reses era retirado a facão. Idoso, portanto, continuava nutrindo amor pela terra, pela agricultura, pelo gado; amor que foi uma de suas características mais peculiares por toda a existência.

Gladston conta que vovô Alfredo possuía, vivendo em fazenda distante do perímetro urbano de Barras, numa das regiões rurais mais afastadas da cidade, preocupação em se manter informado. “Em 1953, quando eu tinha 15 anos, vovô ia todo dia a pé, para a casa-grande do coronel Sargento Torres, a aproximadamente um quilômetro e meio do Jenipapeiro, junto comigo e seu filho Manoel, meu pai, ouvir a voz do Brasil. Saíamos entre 17:30 e 18 horas, de lanterna de pilha em mãos, numa época de casas contidas. Ali, eu observava vovô, papai e o coronel Sargento Torres ouvirem ao noticiário atentamente, discutindo as notícias, entre um gole e outro de café, servido pelo anfitrião de todas as noites”, diz.

O sexto filho de Manoel e Maria Adélia conta que os trabalhadores rurais tinham veneração pelo vovô Alfredo, atendendo sempre a seus pleitos, sem temor, porque era um homem pacato, que além de gostar de fazer amigos e ter verdadeira abominação a perseguições, estava disposto a ajudar os moradores que o procuravam. Em um tempo de precárias condições de saúde e sem transportes, quando algum trabalhador rural se cortava seriamente, vovô costurava com agulha grossa e, para evitar infecção usava borra de café, com azeite de mamona.

Recorria-se a vovô também quando se sentia dor de dente, que ele se habituara também a arrancar. “Vi várias vezes vovô Alfredo embeber alicate em álcool e arrancar dente, porque essa era a única forma de alívio para esse tipo de dor de que dispúnhamos. Depois de extraído o dente, vovô queimava

casca de coco até retirar dela azeite, molhava algodão com o azeite e pingava-o no dente”, narra Gladston, dizendo que os moradores confiavam nele para esse tipo de procedimento.

Entre as memórias que Gladston conserva do avô, uma é particularmente engraçada: “Um dia, chamou o finado João Abelha, morador do Jenipapeiro, e mandou que lhe fizesse um cigarro. João, ao atender o pedido, lambeu a borda do papel. Vovô mandou que ele colocasse o cigarro de lado e fizesse outro. Mas João Abelha prosseguia lambendo o papel e vovô continuava pedido que prosseguisse fazendo mais cigarros. Quando viu que ele não havia mais lambido o papel com o qual se envolvia o fumo, ele exclamou: “João, deixe de ser mal-educado e me dê meu cigarro, seu mal-educado! Me dê esse que você não lambeu! Os outros são seus!”.

Filho de Haydée e Otacílio, o neto Otacílio Monte e Silva Filho, também mantêm vivas as lembranças do avô: “Quando vovô Alfredo vinha do Jenipapeiro para a casa da Esperança, montado em sua burrinha chamada Russa, logo pela manhã, para em seguida ir até o sítio Tem Fé, eu sempre o acompanhava. Ele montava na burra e eu na garupa do animal. O tempo todo vovô chamava ‘Russa, Russa, Russa’, dizendo proceder dessa maneira, para o animal não se espantar, e assim não nos derrubar. Eu tinha mais ou menos 8 anos, e com medo de cair, ia durante todo o trajeto agarrado na cintura do vovô. Ao chegar, vovô Alfredo tomava conhecimento da administração do sítio e conversava com seus moradores, eu o seguia, sempre atrás dele. Logo depois, vinham moradores e nos entregavam pitombas e/ou guabirabas, dependendo da época. Esse era o momento que eu mais esperava, pois saborear aquelas frutas, para mim, era motivo de muita alegria.”

Otacílio Filho conta também que vovô Alfredo gostava de comer melancia, na porta do saguão da casa-grande da fazenda Esperança e, às vezes, jogava fora o miolo. “Nós ainda crianças, ficávamos entristecidos por não estarmos lá embaixo, para pegarmos o miolo que vovô havia jogado”, conta, falando do afeto e da atenção que o avô nutria pelos netos: “Vovô Alfredo abençoava os filhos e netos, a maneira da época. Chegava-se próximo a ele, com olhar firme, curvava-se um pouco para frente, de forma respeitosa, pedia sua benção e beijava-lhe a mão. Ele dizia Deus o abençoe e também beijava a mão do abençoado. Se a pessoa tivesse usando chapéu, antes de pedir a benção, tirava o chapéu”.

Das lembranças do avô, uma é mais recorrente à memória de Otacílio Monte e Silva Filho, a imagem do avô, diagnosticado com doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), já muito enfermo, deitado numa rede, no seu antigo quarto da fazenda Esperança: “Tio Zé Lages quase sempre do seu lado, verificando seu pulso e lhe auscultando. Quando ele dava sinais de piora, o pulso quase imperceptível, o coração batendo fracamente, a face pálida, aí tio Zé Lages sacudia a cabeça levemente, olhava para o lado e para baixo e as lágrimas desciam. Muitas vezes, vi esta cena. Até que um dia ele cerrou as pálpebras do nosso avô, beijou-o a testa, e ali sabíamos que ele se fora”.

O neto Nelson Pires Lages narra que, quando vovô Alfredo foi morar no Jenipapeiro, deixou na Esperança sua vaca chamada Mansinha, que havia parido uma bezerrinha, denominada de Estrelinha. Seu xodó pela Mansinha era tanto que entre o 7º e o 8º dia de parida, ele resolveu ir buscá-la juntamente com a estrelinha. No caminho para a nova morada, a vaca caminhava lentamente, parando de vez em quando, como se não desejasse deixar a moradia. Vovô, contudo, não desistia e não deixava os animais. Onde elas paravam, ali também ele permanecia; fosse dia, fosse noite.

“Minha mãe Maria Adélia, sua Nora, preocupada com o vovô, mandava diariamente deixar todas as suas refeições onde ele se encontrava e todos ficamos ansiosos para que aquela jornada fosse logo concluída. Após três dias de caminhadas e paradas, vovô Alfredo chega ao Jenipapeiro acompanhado de Mansinha e Estrelinha”, relata Nelson, que recorda ainda que vovô Alfredo mantinha uma pequena criação de cavalos, em Cabeceiras, na fazenda do amigo e compadre, padrinho de seu pai Manoel, Francisco da Costa Veloso, Dodô Veloso, que era casado com Venância Lages Batista, sobrinha de vovô. “Certo dia, vovô viajou a Cabeceiras, onde por alguns anos também teve fazenda. Trouxe de lá um cavalo, que deu o nome de Cabeceiras, homenageando a origem do animal”, relembra Nelson, contando ainda que “vovô Alfredo colocava argola de ferro nas patas traseiras do animal, para que ele ficasse um cavalo machador”.

Nelson também se lembra do bom humor de vovô: “Já bastante idoso, vovô Alfredo gostava de ficar debaixo das mangueiras, próximas a casa do Jenipapeiro. Nessa época, usava dentadura tanto superior como inferior, pois não tinha mais nenhum dente. Lá ele ficava tirando embira de

tucum para fazer as cordas para os animais, ofício que sempre lhe deu muito prazer. Minha mãe, Maria Adélia, mandava levar o seu lanche, ele sem querer tomar, talvez por não sentir fome, dizia: “Não posso tomar, porque estou com dor de dente”.

A sobrinha de segundo grau de vovô Alfredo, Maria Ester Alves Rebêlo, neta da irmã Adélia Pires Lages, que se estabeleceu em Batalha, também tem recordações e saudades de vovô. Maria Ester conta que, no ano de 1949, José Lages e a esposa Zenaide estavam nos últimos detalhes para concretizar o noivado. Combinaram que seria no mês de Janeiro, por ocasião do festejo de São Sebastião, em Esperantina. José Lages combinou com Zenaide que iria à Esperança pegar tio Alfredo no sábado, e chegariam a Esperantina no domingo e, no dia seguinte, oficializariam o noivado, sendo tio Alfredo o pedinte da mão da noiva.

Quando José Lages combinou com tio Alfredo que iria buscá-lo na Esperança, titio disse logo: “Não precisa. Eu vou para o Monte Alegre, do Magno Pires, ficar uns dias com minha filha Sinharinha e de lá vou”. Tio Alfredo acabou nos surpreendendo. Papai gostava de ficar à tardinha na calçada da rua do oitão, em frente a sua casa, hoje rua Patriotino Lages, conversando com outras pessoas que passavam e ficavam na prosa. De repente, olhou em direção a praça e viu aquele cidadão idoso, bem montado em possante cavalo e o pajem atrás, montado em outro cavalo, que além de fazer-lhe companhia levava, no seu cavalo, o alforje com os pertences do coronel.

Ele aproximou-se, papai reconheceu, e foi logo ajudando-o a descer do animal. Mal desceu, seguiram-se os rápidos cumprimentos e papai foi logo dizendo: ‘Tio Alfredo, o senhor por aqui, não esperávamos, uma boa surpresa desta’. Titio foi direto ao assunto de que viera tratar: ‘Eu vim aqui numa missão e vou dizendo logo. Vim pedir a mão de sua filha Zenaide para meu filho José’. Papai ficou todo surpreso e chamou mamãe, comunicando a chegada de tio Alfredo e foi aquele corre-corre, para providenciar o quarto para hospedá-lo. Quando José Lages chegou no dia seguinte, certo que ia haver o noivado formalizado, soube de tudo, e disse a tio Alfredo: ‘Papai, combinamos que seria hoje o pedido, e já ontem o Sr o fez!’. Titio logo respondeu: ‘Eu só vim aqui para isso, já pedi e você já ganhou a noiva’.

A sobrinha Maria Ester Alves Rebêlo também conta episódio de 1953. José Lages e Zenaide já casados, residentes em Barras. O assunto da

época, entre os católicos, era a chegada da réplica da imagem de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal a Parnaíba. Muitos planejavam ver a imagem e participar dessa festa. Nazareth, filha do tio Alfredo, que morava em Parnaíba, não aceitava que tio Alfredo não participasse do grande evento. Insistiu tanto ao convidá-lo que acabou aceitando.

Diz Maria Ester que José Lages providenciou tudo para que nada faltasse, a fim do tio não desistir: “Arranjou uma camionete, tipo D20, só com uma boleia – não lembro se era dele ou de algum amigo. Na boleia, o motorista e tio Alfredo. Na carroceria, uns bancos improvisados, outros passageiros, inclusive eu. Saiu a camionete de Barras para Esperantina, porque era a melhor opção na época e porque havia a necessidade de pegar os companheiros de lá. A estrada de terra, buracos e tantos, mas o José Lages fazia de tudo para que o coronel Alfredo não se queixasse de nada. Saímos cedo, paramos na Malhada do Meio para um café e continuamos a viagem.

Chegamos ao Caxingó, um povoado, mas ainda aspecto de fazenda, com seu maior e principal proprietário. Ali era ponto de parada dos carros, tinha um grande comércio, loja, compra de cereais e outras cousas típicas da época. Lá residia o Sr. Antonio Joaquim, proprietário e dono do comércio. Era parada obrigatória e a família recebia a todos com prazer. José Lages avisou ao motorista: ‘No Caxingó, para na casa do Sr Antonio Joaquim, para o papai descansar um pouco’. Ainda estávamos descendo do carro, quando ouvimos o grito de dor de tio Alfredo. José Lages correu ao seu encontro, supondo coisa séria. Tio Alfredo tinha 80 anos. Ao grito de dor, seguiu-se a fala de titio: ‘Uma cobra me mordeu’. Correram todos procurando a cobra. O motorista, então, disse: ‘Foi cobra não, coronel, foi lacrau; tô matando’. Tio Alfredo reagiu com um pedido: ‘Antônio Joaquim, me dá logo um trago de cachaça!’. José Lages, espantado da situação, interveio: ‘Que é isto papai, vamos entrar e providenciar um remédio’. Tio Alfredo respondeu: ‘Você não sabe de nada. Remédio para lacrau é esse’. Tudo ficou bem e prosseguimos nossa viagem até Parnaíba.

#### **6. IV: DESCENDENTES DE ALFREDO E ROSA.**

Os descendentes de vovô Alfredo e vovô Rosinha formam uma grande família. Até outubro de 2016, estavam assim representados: 13 filhos, 95

netos, 253 bisnetos, 347 trinetos e 59 tetranetos, perfazendo um total de 767 descendentes.

A população acadêmica dos descendentes de vovô Alfredo e vovó Rosinha, até outubro de 2016, era composta por 373 pessoas, representando 49 % do total de seus descendentes, sendo 313 formados e 60 universitários.

As principais representações de cursos entre os descendentes já formados são: 66 em direito, 43 em medicina, 26 em administração e 17 em engenharia. Se considerarmos os cursos por área de atuação, duas áreas se destacam: saúde com 96 profissionais e educação com 48 profissionais.

Entre os universitários, observamos uma tendência semelhante: 18 fazem direito, 17, medicina, 9, engenharia e 4, serviço social.

As atividades profissionais exercidas pelos descendentes de vovô Alfredo e vovó Rosinha são as mais variadas: professor (nível fundamental, médio e universitário), médico, contador, fiscal de tributos (municipal e estadual), auditor e procurador federais, escritor, promotor de justiça, advogado geral da união, empresário, comerciante, jornalista, além de outros cargos nas esferas municipal, estadual e federal. Os filhos de vovô Alfredo e de vovó Rosinha, nossos pais, são homenageados aqui com uma breve história de suas vidas, contada por seus filhos e ou netos.

Na Academia Piauiense de Letras (APL), tem assento um neto, Magno Pires Alves Filho, advogado, jornalista e cronista de política na imprensa piauiense; e um bisneto, o poeta e romancista Dílson Lages Monteiro, egresso naquela casa de letras aos 41 anos. Nessa instituição, diversos parentes de vovô ocuparam cadeiras ao longo da história. Entre eles, o primo dele e de vovó Rosinha, Renato Pires Castello Branco e o neto de seu tio João Antônio Rodrigues, o poeta, contista e historiador João Pinheiro. Também outro descendente dos Rêgo Castello Branco do Peixe, José de Arimathéa Tito Filho, que conduziu os rumos daquela casa por décadas, com devoção incomum às letras.

Do mesmo braço dos Rêgo Castello Branco do antigo Peixe, ocupavam vagas na APL em 2016, quando desta publicação, os escritores Homero Castello Branco e Alcenor Candeira Filho. Também descendentes do Castello Branco, naquela casa, na mesma data, os parentes Wilson Carvalho Gonçalves, Elmar de Melo Carvalho, Nerina Castello Branco e Heitor Castello Branco.

## 6.1.ALZIRA DO RÊGO LAGES.



*Alzira e o esposo Juca Melo*

Nasceu em 15.09.1904, na fazenda Esperança. Foi batizada no Peixe, hoje Nossa Senhora dos Remédios. Casou-se com Francisco de Assis Costa, conhecido como Juca Melo, na fazenda Esperança, e foi residir em Luzilândia, onde seu esposo tinha comércio. Alzira era muito católica e gostava de rezar o terço diariamente. Tinha um sítio denominado Catarina, que compreendia extensa faixa de terra situada à margem do rio Poti, entre os bairros Cristo Rei e Cidade Nova, em Teresina, e, antes de falecer, fez doação dele para a igreja católica. O casal não teve filhos. Juca faleceu na Estrada de Nossa Senhora dos Remédios, vítima de infarto fulminante, e Alzira, já viúva, no “Por Enquanto”. Sepultou-se na fazenda Esperança.

## **6.2. ALCEU DO RÊGO LAGES.**

Faleceu ainda criança.

## **6.3. MARIA DO RÊGO LAGES, (Sinharinha) (\*1907 – +1981)**

Casou-se com Magno Pires Alves (\*1898 - +1962). Passou a chamar-se Maria do Rêgo Lages Alves. O casal teve 16 filhos. São seus descendentes:

### **6.3.1. Rosadélia do Rêgo Pires.**

Casou-se com Moacyr Pires Saavedra. São seus filhos:

#### **6.3.1.1. Levi Pires Saavedra .Casou-se com Maria das Graças Dantas.**

Tiveram duas filhas:

- a) Bruna Dantas Saavedra;
- b) Júlia Dantas Saavedra.

#### **6.3.1.2. Maria Pires Saavedra. Casou-se com Luiz Lucas Batista Coelho.**

Tiveram três filhos:

- a) André Pires Batista Coelho casou-se com Tainá Fernandes;
- b) Gustavo Pires Batista Coelho. Casou-se com Érica Santana, com quem teve um filho:

Eduardo Santana Pires Batista.

Posteriormente, casou-se com Estefane Santana;

- c) Pedro Luiz Pires Batista Coelho casou-se Isabela Atayde Fraga.

#### **6.3.1.3. Lúcia Maria Pires Matos. Casou-se com Rogério Gonçalves Matos.**

Tiveram dois filhos:

- a) Rodrigues Pires Matos;
- b) Rômulo Pires Matos.

#### **6.3.1.4. Moacyr Pires Saavedra Júnior. Casou-se com Maria Aparecida de Almeida Cruz e Silva.**

### **6.3.2. Maria do Rêgo Lages Alves.**

#### **6.3.3. Floripes do Rêgo Pires.**

Casou-se com Bernardo Machado Lopes. São seus filhos:

#### **6.3.3.1. Custódio Borges Alves. Casou-se com Fernanda Eulálio Alves.**

Tiveram três filhas:

- a) Bruna Eulálio Alves. Casou-se com Alan Santana Monteiro com quem teve uma filha, Maria Eulálio Alves Santana;
- b) Renata Eulálio Alves;
- c) Vanessa Eulálio Alves Furtado. Casou-se com Marcel Furtado

Moreira com quem teve dois filhos: Max Eulálio Alves Furtado e Lúcia Eulálio Alves Furtado.

6.3.3.2. Luzia Maria Pires Machado.

7.3.3.3. Maria Fernanda Pires Machado. Tem uma filha:

a) Isabel Cristina Pires Machado.

6.3.4. Sulamita do Rêgo Pires.

6.3.5. Francisco das Chagas do Rêgo Pires.

Casou-se com Maria da Conceição de Sá Pires. São seus filhos:

6.3.5.1. Maria do Socorro de Sá Pires. Casou-se com Francisco de Assis Carvalho Filho. Tiveram duas filhas:

a) Clarice de Sá Pires de Carvalho;

b) Juliana de Sá Pires de Carvalho.

Maria do Socorro de Sá Pires casou-se, em segundas núpcias, com Manuel Pires Ferreira Filho. Tiveram uma filha:

a) Gabriela de Sá Pires Ferreira

6.3.5.2. Sérgio de Sá Pires. Casou-se com Simone Maria da Silva Batista. Tiveram uma filha:

a) Sâmia Batista de Sá Pires.

Sérgio de Sá Pires casou-se, em segundas núpcias, com Glais Rege Danyas Lima Pires. Tiveram um filho:

a) Raimundo Mateus Dantas de Sá Pires

6.3.5.3. Magno Pires Alves. Casou-se com Aline Rodrigues de Sousa. Tiveram um filho:

a) Paulo Rodrigues da Cruz Neto.

6.3.6. Lizete do Rêgo Pires.

Casou-se com Anfrísio Ramos de Carvalho. São seus filhos:

6.3.6.1. Magno Pires Alves Neto. Casou-se com Maria de Fátima Melo Ramos Alves. Tiveram uma filha:

a) Tânia Ramos Alves. Casou-se com Marcílio da Rocha Cardoso, com quem teve uma filha: Izabella Alves da Rocha Cardoso.

Magno Pires Alves Neto casou-se, em segundas núpcias, com Márcia Ramos Alves. Tiveram um filho:

a) Rodrigo Madeira Borges

Magno Pires Alves Neto casou-se, em terceiras núpcias, com Marta

Ramos Alves. Tiveram um filho:

a) Pedro Vitor Alves Batista

6.3.6.2. Maria de Fátima Pires de Carvalho Camelo Alencar. Casou-se com Agenor Camelo de Alencar. Tiveram dois filhos:

a) Larissa Maria Carvalho de Alencar. Casou-se com Moisés Fontenele de Sousa Filho, com quem teve uma filha: Bruna Maria Pires Alencar Fontenele.

b) Renan Carvalho de Alencar. Teve uma filha: Yasmin Rodrigues Amorim Carvalho de Alencar. Casou-se com Bianca Machado.

6.3.6.3 Anfrísio Ramos de Carvalho Filho. Casou-se com Maria do Perpétuo Socorro Carvalho Medeiros. Tiveram uma filha:

a) Lara Medeiros de Carvalho, tem um filho: Carlos Eduardo Medeiros de Morais.

6.3.6.4. José Amaury Pires de Carvalho. Casou-se com Conceição dos Santos Ferreira. Tiveram um filho:

a) José Amaury Pires de Carvalho Neto

José Amaury Pires de Carvalho casou-se em segundas núpcias, com Maurilene Pinheiro de Holanda Carvalho. Tiveram dois filhos:

a) Anfrísio Ramos de Carvalho Neto;

b) Clara Holanda Pires de Carvalho.

6.3.6.5. Paulo Gilmar Pires de Carvalho. Casou-se com Rosângela Fortes de Carvalho. Tiveram três filhos:

a) Lucas Fortes de Carvalho. Casou-se com Marcele Carvalho Borges Leal, com quem teve um filho, Guilherme Carvalho Fortes Pires;

b) Mateus Fortes de Carvalho.

c) Isaac Fortes de Carvalho.

6.3.6.6 Francisco das Chagas Pires de Carvalho. Casou-se com Miriam Rodrigues de Sá. Tiveram dois filhos:

a) Luan Rodrigues de Carvalho

b) Naiara Rodrigues de Carvalho

6.3.6.7. Roberto Pires de Carvalho. Casou-se com Elizângela Alves Gomes da Silva. Tiveram dois filhos:

a) Artur Alves Rodrigues da Silva

b) Alice Alves Pires de Carvalho.

- 6.3.6.8. Carlos Jackes Pires de Carvalho. Casou-se com Valdília Machado de Carvalho. Tiveram uma filha:  
a) Débora Machado de Carvalho
- 6.3.6.9. Sidney Pires de Carvalho. Casou-se com Márcia Francélia de Melo Pires. Tiveram dois filhos:  
a) Ítalo de Melo Pires;  
b) Vinicius de Melo Pires
- 6.3.6.10 Simone Pires de Carvalho. Casou-se com Conrado Sampaio Machado. Tiveram um filho:  
a) Conrado Sampaio Machado Neto
- 6.3.6.11. Sulamita Pires de Carvalho
- 6.3.6.12. Sandra Pires de Carvalho
- 6.3.6.13. Luma Pires de Carvalho
- 6.3.7. Nely do Rêgo Pires
- 6.3.8. Alfredo Pires Lages Neto.  
Casou-se com Maria do Socorro Bezerra de Castro. São seus filhos:
- 6.3.8.1. Magno Isidoro Bezerra Lages. Casou-se com Sandra Regina de Carvalho. Tiveram um filho:  
a) Leonardo de Carvalho Bezerra Lages.  
Magno Isidoro Bezerra Lages casou-se, em segundas núpcias, com Erinalda de Carvalho Oliveira. Tiveram uma filha:  
a) Isaura Bezerra de Carvalho Lages
- 6.3.8.2. Isaura Bezerra Lages.
- 6.3.8.3. José Newton Bezerra Lages. Casou-se com Conceição de Maria Lemos da Silva Lages. Tiveram dois filhos:  
a) Rebeca Lemos da Silva Lages  
b) Samuel Lemos da Silva Lages
- 6.3.8.4. Karla Bezerra Lages  
Alfredo Pires Lages Neto casou-se em segundas núpcias, com Maria dos Desterro Pereira da Silva. Tiveram três filhos.
- 6.3.8.5. Suzana Maria da Silva Lages. Casou-se com Francisco Raimundo Tôrres Cavalcante. Tiveram um filho:  
a) Pedro Messias da Silva Cavalcante.
- 6.3.8.6. Augusto Cesar Silva Lages. Casou-se com Maria da Conceição Silva Lages.

6.3.8.7. Lucas da Silva Lages. Casou-se com Ieda Oliveira Queiroz Lages.

6.3.9. Teresinha de Jesus Pires.

6.3.10. Nelson do Rêgo Pires.

Casou-se com Sônia Cecília Gonçalves Pires. São seus filhos:

6.3.10.1. Juliana Gonçalves Pires Prado Silva. Casou-se com Artur Prado Silva. Tiveram duas filhas:

a) Beatriz Gonçalves Pires Prado Silva;

b) Catarina Gonçalves Pires Prado Silva

6.3.10.2. Gabriela Gonçalves Pires. Casou-se com Patrick Lajoie. Tiveram uma filha:

a) Bianca Pires Lajoie

6.3.10.3. Silvana Gonçalves Pires. Casou-se com Victor Ronling Guimarães.

6.3.11. Maria da Pompéia Pires.

Casou-se com Orlando Jorge Cavalcante. São suas filhas:

6.3.11.1. Carmem Pires Cavalcante

6.3.11.2. Rejane Pires Cavalcante. Casou-se com Patriotino Lages Rebelo Neto. Tiveram três filhas:

a) Carmem Cavalcante Rebêlo

b) Eunice Cavalcante Rebêlo

c) Rejane Cavalcante Rebêlo

6.3.12. Magno Pires Alves Filho.

Casou-se com Jane Coelho de Carvalho Pires. São seus filhos:

6.3.12.1. Antônio Henrique de Carvalho Pires. Casou-se com Maria Elisabeth de Carvalho Sá Carlos. Tiveram dois filhos:

a) Pedro Henrique Sá Carlos de Carvalho Pires

b) Elisabeth Sá Carlos de Carvalho Pires

6.3.12.2. Luciana de Carvalho Pires.

6.3.12.3. Juliana de Carvalho Pires. Casou-se com Jolberto Gonçalves de Carvalho. Tiveram um filho:

a) Theo de Carvalho Pires Gonçalves

6.3.13. Antônio Lages Alves.

Casou-se com Teresinha de Jesus Cardoso Lages. São seus filhos:

6.3.13.1. Leandro Cardoso Lages. Casou-se com Maria do Carmo Menezes Pires Lages. Tiveram dois filhos:

a) Ana Maria Menezes Pontes Lages

- b) Artur Menezes Pontes Lages
- 6.3.13.2. Lisiane Cardoso Lages. Casou-se com Ronaldo Machado Neiva.  
Tiveram dois filhos:
  - a) Raissa Lages Neiva
  - b) Ronaldo Neiva Filho
- 6.3.13.3. Rômulo Cardoso Lages. Casou-se com Hagne Andrade Carvalho.  
Tiveram um filho:
  - a) Dantes Carvalho Lages
- 6.3.14. Maria da Conceição Pires.  
Casou-se com José Fernando Rosas Leite Pereira. É sua filha:
  - a) Maria Letícia Lima Martins
- 6.3.15. Maria do Socorro Pires Alves.  
Casou-se com José Gomes da Silva. São seus filhos:
  - 6.3.15.1. Neuza Maria Pires Gomes da Silva. Casou-se com Marcelo Mendes dos Santos. Tiveram dois filhos:
    - a) Isabella Pires Gomes Mendes
    - b) Caio Felipe Pires Gomes Mendes
  - 6.3.15.2. Thiago Pires Gomes e Silva. E seu companheiro Michal Waclaw Czwarwo.
  - 6.3.15.3. José Gomes da Silva Filho. Casou-se com Rosimeire da Silva Oliveira. Tiveram uma filha:
    - a) Maria Júlia Pires Gomes da Silva
- 6.3.16. José Antônio do Rêgo Lages



*Maria do Rêgo Lages*

Filha de Alfredo Pires Lages e Rosa Rebêlo do Rêgo. O casal tivera 16 filhos. Dois faleceram com pouco tempo de vida. Vovô Alfredo, como era conhecido, nasceu na fazenda Esperança, interior de Barras. Era fazendeiro e comerciante. Vovó Rosa, também filha de Barras, nasceu na fazenda Cágados. Seus pais também eram proprietários de fazenda.

Mamãe casou-se com o primo legítimo Magno Pires Alves. Os seus pais, conseqüentemente os meus avós, eram Adélia Pires Lages, nascida na fazenda Esperança e como o pai de mamãe Alfredo Pires Lages, e Custódio Borges Alves Sobrinho, nascido em Batalha e sepultado na fazenda Monte Alegre. Vovô Custódio era fazendeiro com engenho de cana e fabricação de álcool e rapadura, além de grande criador de gado. Do casamento de papai e mamãe, nasceram 14 filhos, com 12 vivos até esta data. Faleceram Sulamita do Rêgo Pires e Nelson do Rêgo Pires.

Casados, papai Magno Pires e mamãe Maria Lages foram morar na fazenda Monte Alegre, antiga Matinha da Gente, no interior de Batalha,

propriedade herdada do pai e do meu avô Custódio Borges Alves Sobrinho, com mais de um século do nascimento do vovô Custódio, permanece como propriedade de seus netos e bisnetos.

Mamãe era chamada, carinhosamente, por todos de Sinharinha; e os irmãos chamavam-na de Sainha; e papai de minha “velha”. Mas, para os filhos, era mamãe mesmo.

As lembranças e recordações da mamãe são inúmeras. E quase todas, ou necessariamente todas, vinculadas à fazenda Monte Alegre, a Batalha, e circunstancialmente a Teresina, para onde nos transferimos na década de 50.

Ninguém, mas ninguém mesmo, desgruda dos sentimentos do passado. Eles cravam à nossa memória, à nossa vida, à nossa existência, ao nosso dia a dia, como dimensões objetivas e subjetivas, que irrompem, com muita emoção e sagaz ebulição e eficiência que nos deixam na eterna expectativa e convicção de que o passado é presente e futuro e emoldura e constrói um corpo sempre sensível às (in)certezas da vida.

O cenário, para falar sobre a mamãe Maria e/ou Sinharinha, desenvolveu-se numa relação triangular porque centrado numa retrovisão dos fatos e/ou emoções ocorridos na fazenda Monte Alegre, Batalha e Teresina (rua São José e Areolino de Abreu).

A retrospectiva, que deve ser sucinta, e até por isso, necessariamente, deverá relatar as coisas, as ocorrências, as situações e os fatos principais, embora todos essenciais.

Mamãe e papai eram católicos praticantes. No entanto, notadamente mamãe, era uma católica atávica. Rezava todo dia e, à noite, após o jantar, havia um terço na fazenda. Não esquecia o terço. Instrumento de consolidação religiosa e defesa de espíritos malfeitores. Era a sua espada. Em Monte Alegre, havia uma igreja, com 3 ou 4 santos, devotos de mamãe e de quase todos os agregados, que eram muitos.

Mamãe tinha uma forte personalidade. Era impositiva e determinada. Tratava bem a criadagem, que eram vários, mas exercendo a sua autoridade. Neguinho, Jesus, Mãe Baia, Morena, Carmino, Adão, José Virgulino, Chico Grosso, Mãe Delaide, Manduca, Uga, Chico Grosso, Padrinho Teodoro, Manoel, Chico Caxeiro, Manoel Miguel dentre outros tinham o seu maior apreço, seu carinho.

Exercia a política partidária ao lado do esposo Magno Pires. Fazia marchinhas para as campanhas. Era ativista. Destemida, assim como o esposo. Papai e mamãe pertenciam à velha UDN. Papai foi interventor/intendente e/ou prefeito de Batalha, por 10 anos, designado pelo presidente Getúlio Vargas, porém, renunciou ao cargo de prefeito.

Trabalhava muito na fazenda. Além de cuidar da casa e gerenciar a criadagem, ainda despachava, atendia os fregueses que compravam mercadoria na loja, sempre fiado, anotando no caderno, para pagar com o apuro da semana, e em dinheiro. Era essa dinâmica do tempo em Monte Alegre.

De família conservadora e casada com um udenista (UDN), com fortíssimos laços nas grandes propriedades rurais, mamãe se preocupava com os meus artigos de jornal e apelava para fazê-los mais brandos; porque eram muito fortes e sempre criticando.

E quando os agentes de segurança do Governo de 64 foram ou ameaçaram ir à rua Areolino de Abreu, nº 1799, diversos livros meus foram queimados no fundo de quintal.

Eu já morava em Recife. E a notícia de que eu havia sido preso em Recife, a qual foi potencializada em Esperantina, o outro lado conservador dos Pires Lages Rebelo Alves. Tia Maru, esposa do tio Bebê, era irmã do papai. Jamais imaginei causar tanta preocupação à minha mãe e outros familiares por conta de algo que escrevia.

Mas, no mundo, sempre foi assim. As ideias é que provocam as revoluções, constroem e (des)constituem, para firmar um novo cenário e/ou uma nova ordem social, política e econômica. E será sempre assim.

#### **Magno Pires Alves Filho – da Academia Piauiense de Letras**

#### **6.4. ALCEU DO RÊGO LAGES.**

Faleceu ainda criança.

#### **6.5. CLARICE DO RÊGO LAGES.**

Faleceu ainda criança.

#### **6.6. ALCIDES DO RÊGO LAGES (\*1912 - +1995).**

Casou-se com Maria de Lourdes Leite Lages (Iaiá) (\*1912- +1999).

O casal teve 8 filhos. Entre seus descendentes, estão:

##### **6. 6.1. Maria do Socorro Leite Lages.**

Casou-se com Wildson de Castro Gonçalves, são seus filhos:

- 6.6.1.1. Wildson de Castro Gonçalves Filho. Casou-se com Nilce Maria Daniel Lopes Gonçalves. Tiveram dois filhos:
- a) Daniele Lopes Gonçalves.
  - b) Wildson de Castro Gonçalves Neto. Casou-se com Manoela Maria Pereira Soares Gonçalves.
- 6.6.1.2. José Renato Lages Gonçalves. Casou-se com Nilva Maria Daniel Lopes Gonçalves. Tiveram três filhos:
- a) Lia Lopes Gonçalves
  - b) José Renato Lopes Gonçalves. Casou-se com Luana Flávia da Silva Castro, com quem teve um filho: Gabriel da Silva Castro Lopes Gonçalves
  - c) Lucas Lopes Gonçalves. Casou-se com Isabela Ramos Duarte Lopes Gonçalves, com quem teve uma filha: Júlia Duarte Gonçalves.
- 6.6.1.3. Raimundo Gonçalves Neto. Casou-se com Ana Angélica Bezerra de Moura Gonçalves. Tiveram três filhos:
- a) Amanda Moura Gonçalves. Casou-se com Romero Brito Torres.
  - b) Wildson Moura Gonçalves. Casou-se com Sheila Viana Castelo Branco Gonçalves, com quem teve dois filhos: Arthur Castelo Branco Gonçalves e Ana Castelo Branco Gonçalves.
  - c) Manuela Moura Gonçalves. Casou-se com Rodolfo Mascarenhas Guimarães
- 6.6.1.4. Maria Alci Lages Gonçalves Martins. Casou-se com João Martins de Araújo Costa Filho. Tiveram três filhos:
- a) Mariana Gonçalves Martins Araújo. Casou-se com Sérgio Luis de Holanda Barbosa Soares Araújo, com quem teve um filho: Luis Eduardo Martins Holanda Araújo.
  - b) Carolina Gonçalves Martins Lopes de Araújo. Casou-se com Ricardo Marques Lopes de Araújo.
  - c) João Ricardo Gonçalves Martins.
- 6.6.1.5. Maria Luci Lages Gonçalves. Casou-se com Gilberto Mendes de Oliveira.
- 6.6.1.6. Maria Leni Lages Gonçalves. Casou-se com seu primo, Laércio Lages Fortes Castelo Branco. Tiveram dois filhos:
- a) Pedro Lages Gonçalves Castelo Branco.
  - b) André Lages Gonçalves Castelo Branco.

6.6.1.7. Marcos Antônio Lages Gonçalves. Casou-se com sua prima legítima Dora Maria Caldas Lages Gonçalves. Tiveram dois filhos:

- a) Camila Caldas Gonçalves.
- b) Arnaldo Neto Caldas Gonçalves.

Marcos Antônio Lages Gonçalves casou-se, em segunda núpcia, com Adriana Araújo. Tiveram um filho

- a) Pedro Araújo Gonçalves.

Marcos Antônio Lages Gonçalves casou-se, em terceira núpcias, com Elaine Brito Cavalcante. Tiveram dois filhos:

- a) Lara Cavalcante Gonçalves.
- b) Marcos Antônio Cavalcante Gonçalves.

6.6.1.8. Maria do Socorro Lages Gonçalves.

6.6.1.9. Maria Ivani Lages Gonçalves. Casou-se com Guido José Pedrosa Teixeira. Tiveram duas filhas:

- a) Marina Lages Gonçalves Teixeira.
- b) Catarina Lages Gonçalves Teixeira.

6.6.2. Maria da Conceição Leite Lages.

Casou-se com Arnaldo Mendes de Sousa Caldas. São seus filhos:

6.6.2.1. Bernardo Lages de Sousa Caldas.

6.6.2.2. Conceição de Maria Lages Caldas. Casou-se com Antônio Correia Pires Rebêlo. Tiveram duas filhas:

- a) Raisal Caldas Rebêlo.
- b) Rebeca Caldas Rebêlo.

6.6.2.3. Dora Maria Lages Caldas. Casou-se com, seu primo legítimo, Marcos Antônio Lages Gonçalves. Tiveram duas filhas, cujo registro consta no item 7.6.1.7.

6.6.2.4. Erice Maria Lages Caldas. Casou-se com Gilson da Silva Costa. Tiveram um filho:

- a) Renan Lages Caldas Costa;

6.6.2.5. Ana Maria Lages Caldas. Casou-se com Carlos Eduardo Pinheiro Araripe. Tiveram dois filhos:

- a) Ana Teresa Caldas Araripe.
- b) Carlos Eduardo Caldas Pinheiro Araripe.

6.6.2.6. Sílvia Maria Lages Caldas. Casou-se com Érico Soares Ponte. Tiveram uma filha:

- a) Luisa Maria Caldas Soares Ponte
- 6.6.3. Maria de Lourdes Leite Lages.
  - Casou-se com José Luis Ribeiro Gonzales. São seus filhos:
  - 6.6.3.1. Alcides do Rêgo Lages Neto. Casou-se com Ana Maria Silva. Tiveram três filhas:
    - a) Jaciara Silva Lages.
    - b) Maria de Lourdes Silva Lages.
    - c) Amanda Silva Lages.
  - 6.6.3.2. José Luis Ribeiro Gonzales Filho. Casou-se com Rosenir Gonzales. Tiveram três filhos:
    - a) Larissa Gonzales.
    - b) Abner Gonzales.
    - c) Débora Gonzales.
  - 6.6.3.3. Haroldo Lages Gonzales.
  - 6.6.3.4. Rogério Lages Gonzales. Casou-se com Maria Gonzales. Tiveram um filho:
    - a) Rogério Lages Gonzales Filho.
  - 6.6.3.5. Carmem Maria Lages Gonzales. Casou-se com Rubervam du Nascimento. Tiveram dois filhos:
    - a) Inda Lages du Nascimento
    - b) Rudah Lages du Nascimento
- 6.6.4. Alfredo Lages Neto.
  - Casou-se com sua prima legítima Rosa Maria Monte Lages. Seus cinco filhos, estão registrados no item 7.1.2.4.
- 6.6.5. Maria Rosa Leite Lages.
  - Casou-se com Áureo de Oliveira Neves. São seus filhos:
  - 6.6.5.1. Cinthia Maria Lages Neves. Casou-se com José Maurício Lopes Filho. Tiveram dois filhos:
    - a) José Maurício Lopes Neto.
    - b) Samuel Lages Neves Lopes.

Cinthia Maria Lages Neves casou-se, em segundas núpcias, com Amadeu Campos de Carvalho Filho. Tiveram uma filha:

    - a) Cinthia Lages Campos.
  - 6.6.5.2. Áureo de Oliveira Neves Filho. Casou-se com Vera Lúcia Granjeiro de Lima. Tiveram dois filhos:

a) Viviane Lima Lages de Oliveira Neves.

b) Áureo de Oliveira Neves Neto.

Áureo de Oliveira Neves Filho casou-se, em segundas núpcias, com Pollyana Ayresmorais Soares. Tiveram um filho:

a) Artur Ayresmorais Lages Neves.

6.6.5.3. José Sávio Lages Neves. Casou-se com Mirian Lages Siqueira.

Tiveram um filho:

a) José Alcides Lages Siqueira Neves.

6.6.5.4. Astrid Maria Lages Neves. Casou-se com Reginaldo Borges Leal.

Tiveram uma filha:

a) Alice Lages Neves Leal.

Astrid Maria Lages Neves casou-se, em segundas núpcias, com Sérgio Alves Fontenele. Tiveram dois filhos:

a) Sérgio Lages Neves Viana Fontenele.

b) Gabriel Lages Neves Viana Fontenele.

6.6.6. Alcides do Rêgo Lages Filho.

Casou-se com Maria José Melo Lages. São seus filhos:

6.6.6.1. José Regino Melo Lages. Casou-se com Marisa Farias Santiago

Lages. Tiveram um filho:

a) Mário Regino Santiago Lages.

José Regino Melo Lages casou-se em segundas núpcias com Maria do Carmo Gonçalves Lages. Tiveram dois filhos:

a) Lumara Gonçalves Lages.

b) José Regino Melo Lages Filho.

6.6.6.2. Suzana Maria do Socorro Melo Lages Machado. Casou-se com José

Arimatêa Veloso Machado. Tiveram dois filhos:

a) David Ricardo Lages Machado

b) Sarah Liz Lages Machado.

6.6.6.3. Rosana Maria Melo Lages Corrêa. Casou-se com Edson Pereira

Corrêa. Tiveram três filhos:

a) Edson Pereira Corrêa Filho.

b) Erice Maria Lages Corrêa

c) Eline Maria Lages Corrêa.

6.6.6.4. Liana Maria Melo Lages. Casou-se com José Francisco Carcará.

Tiveram dois filhos:

a) José Francisco Carcará Junior.

b) Juliana Lages Carcará

6.6.6.5. Alcides do Rêgo Lages Junior. Casou-se com Juliana Pedrosa da Silva Lages. Tiveram uma filha:

a) Mariana Pedrosa da Silva Lages.

6.6.7. Antônio Leite Neto.

Casou-se com Osmarina Veloso Miranda. São seus filhos:

6.6.7.1. Francisco das Chagas Miranda Leite. Casou-se com Jaurisa Castro Leite. Tiveram dois filhos:

a) Igor de Castro Leite.

b) Isabele de Castro Leite.

6.6.7.2. Maria do Perpetuo Socorro Miranda Leite. Casou-se com Alan Kid Rêgo Silva. Tiveram um filho:

a) João Victor Miranda Rêgo

6.6.7.3. Carlos Antônio Miranda Leite. Casou-se com Jucene Miranda de Carvalho Leite. Tiveram um filho:

a) Carlos Antônio Miranda Leite Filho.

Antônio Leite Neto, casou-se em segunda núpcias com, Maria da Conceição Oliveira Leite.

6.6.8. Laurentina Maria Lages Pedrosa.

Casou-se com Francisco Pedrosa da Silva. São seus Filhos:

6.6.8.1. Lucélia Maria Lages Pedrosa. Casou-se com Pedro Nunes de Sousa Junior . Tiveram um filho:

a) Alcides Bisneto Lages Pedrosa Nunes.

Lucélia Maria Lages Pedrosa casou-se, em segundas núpcias, com Plínio Clêrton Filho. Tiveram uma filha:

a) Maria Carolina Lages Pedrosa Clêrton

6.6.8.2. Conceição de Maria Lages Pedrosa

6.6.8.3. Livia Maria Lages Pedrosa Portela. Casou-se com Eduardo Erico da Paz Portela. Tiveram dois filhos:

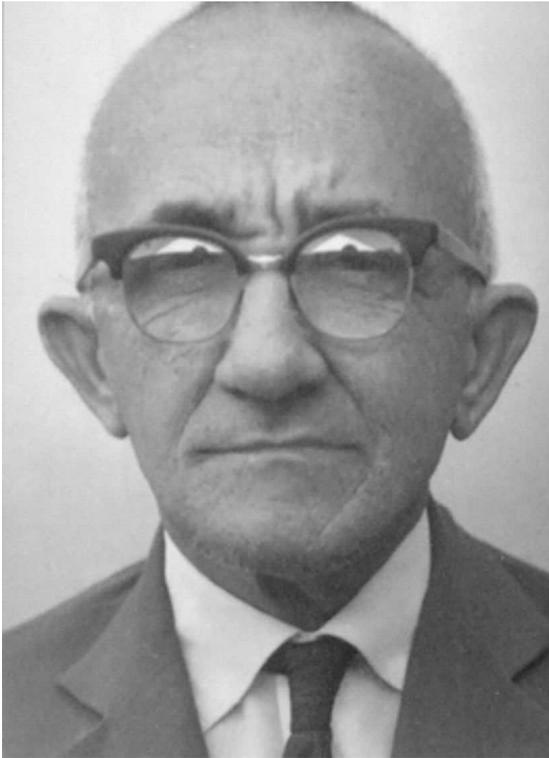
a) Aloisio José Pedrosa Portela

b) Maria Teresa Pedrosa Portela

## Meu pai, Alcides do Rêgo Lages

“Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora de minha vida  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais !”

Casimiro de Abreu



*Alcides do Rêgo Lages*

Alcides nasceu no dia 27.02.1912 na Fazenda Esperança município de Barras. Era o 6º. Filho do casal Alfredo e Rosa Rebêlo do Rêgo Lages.

Foi batizado na igreja do Peixe (hoje Nossa Senhora dos Remédios) e teve como seus padrinhos Edson de Castro Rêgo e Senhora.

Aos 9 anos, perdeu a mãe e ficou com os demais irmãos aos cuidados do pai, das avós e de uma “mãe de leite” a quem chamava carinhosamente de Mãe Beata.

Aos 15 anos, foi mandado para estudar em Parnaíba. Morou na Casa do tio Gonçalo Rêgo. Desistiu dos estudos e regressou à casa paterna. Esteve também em Miguel Alves na casa do tio Zé Rêgo.

Aos 17 anos, viajou para Porto Alegre (hoje Luzilândia), a fim de trabalhar com o cunhado Juca Melo. Sua irmã Alzira (esposa de Juca) mantinha uma aula de bordado para as moças da cidade. Ali conheceu Maria de Lourdes Melo Leite (conhecida como Iaiá). Logo começaram o namoro e, no dia 22.02.1931, ficaram noivos.

O casamento foi no dia 15.03.32. O celebrante, o vigário de São Bernardo (Maranhão) Padre Nestor Cunha. Os padrinhos: João José Filho e esposa, Gerson Castelo Branco e senhora, Ambrósio Leão e senhora e Raimundo Francisco de Carvalho e senhora. A aliança, hoje, carrego no dedo.

Fixou residência em Porto Alegre, onde nasceram 6 filhos. Com o passar dos dias, adquiriu a fazenda Tapera. Ali se dedicou à criação de gado; à agricultura em vazantes às margens do rio Parnaíba; e à navegação pelo Velho Monge, em duas grandes embarcações denominadas Cágados e Esperança, que transportavam cargas e também passageiros, navegando até Parnaíba.

Em outubro de 1939, aconselhado pelo compadre João José deixou tudo em Porto Alegre e começou a aventura de morar na fazenda São Francisco. Um arrendamento com duração de 10 anos (o proprietário, Antenor Rêgo) o deixou com poucas opções. Recomeçou a vida com os cunhados Magno Pires e Otacílio Monte, fundando a firma Pires Lages & Monte com loja de tecido e miudezas, além de compra de gêneros.

Naquela época (1945), entrou definitivamente para a conturbada política de Barras. Articulou o P.S.D. municipal com vista às eleições presidenciais daquele ano. O PSD. municipal seguiu unido; no plano estadual e federal, foram criados 2 blocos: o primeiro, chefiado pelo Sr. Dico Gonçalves, seguia a orientação do ex-interventor Leônidas Melo; o segundo, pelo Cel. Alfredo Lages, os filhos e o Sr. Fernando Tôrres de Sampaio, a orientação dos irmãos Cláudio e Sigefredo Pacheco. Sargento Tôrres, como era conhecido, era sogro do Dr. Sigefredo.

Com a revolução militar de 1964 e a extinção dos partidos políticos, filiou-se à Arena e depois ao PFL.

Os dois últimos filhos nasceram em Barras.

Terminado o arrendamento do São Francisco, começou a organizar o local onde seria a fazenda Barreiros, propriedade cedida sem ônus pelo compadre João José. Ficou ali alternando os dias entre a Fazenda e a cidade.

Político – Em Barras, foi vereador da Câmara Municipal em três legislaturas; vice-Prefeito e Prefeito Municipal entre 62/66. Recebeu o título político de “Coronel”.

Fazendeiro, proprietário de aproximadamente 6.000 hectares de terras distribuídas nos lugares: Barreiros, Trindade, Cabeceiras, Ingá, Santa Rita, Areias, fazenda Lourdes, com a produção de babaçu, carnaúba, arroz, milho, feijão, mandioca.

Católico: devoto de Nossa Senhora da Conceição. Durante uma década, mandou celebrar uma missa, no dia 31 de julho, como pagamento a uma promessa. No ano de 1963, casaram-se naquele dia 26 casais e 94 crianças foram batizadas. O mastro da Festa da Padroeira foi doação sua durante muitos anos.

Deixou 8 filhos, 40 netos, 71 bisnetos, 05 trinets. Ai virão mais gente...

Faleceu no dia 5 de julho de 1995. Confirmada a morte, o médico Carlos Monte fez o comentário “ Com a morte do tio Alcides, ficam encerrados 50 anos da história de Barras”. Hoje, 21 anos depois, ratifico suas palavras, Carlinhos.

Alcides do Rêgo Lages, 83 anos, faleceu vítima de trombo embolismo. É o que consta do atestado de óbito, assinado pelo médico Dr. Carlos Alberto Lages Monte.

O sepultamento se deu no dia seguinte, no cemitério São José, em Barras.

### **Maria da Conceição Lages Caldas**

#### **6.7. EDITH DO RÊGO LAGES (\*1913- +2000).**

Casou-se com Antenor Fortes Rodrigues (\*1910 -+2005). Passou a chamar-se Edith Lages Fortes. O casal teve 5 filhos. São seus descendentes

6.7.1. Erimá Lages Fortes.

Casou-se com Maria Pires de Castro Fortes. São seus filhos:

6.7.1.1. Antenor Fortes Rodrigues Neto. Casou-se com Maria de Fátima Monteiro Saraiva. Tiveram dois filhos:

a) Dunshee Soares de Castro Bisneto. Casou-se com Cristiane Viana Medeiros Soares de Castro, com quem teve um filho: Ícaro Viana Medeiros Soares de Castro.

Posteriormente, casou-se com Olenka de Sousa Dantas Wanderly com quem teve um filho: Sávio Dantas Soares de Castro.

b) Jéssica Andressa Monteiro Saraiva Fortes

6.7.1.2- Beatriz Maria Pires de Castro Fortes Carvalho. Casou-se com José Evaldo Sousa de Carvalho. Tiveram cinco filhos:

a) Maria Zuri Sousa de Carvalho Neta. Casou-se com Marcos Paulo Rêgo Silva, com quem teve um filho: Marcos Paulo Rêgo da Silva Filho.

b) Beatriz Dunshee Pires de Castro. Casou-se com Milton Borges Sampaio Filho, com quem teve dois filhos: Milton Borges Sampaio Neto e Camila Vitoria de Castro Sampaio.

c) José Edvaldo Sousa de Carvalho Filho. Casou-se com Lidiane Costa Silva, com quem teve uma filha: Iasmin Priscila Sousa Silva. Posteriormente casou-se com Idelene de Sousa, com quem teve um filho: Ismar Pedicovite Sousa de Carvalho.

d) Luana Maria Fortes Carvalho. Casou-se com Pedro Sales de Araújo Lima, com quem teve duas filhas: Ilka Beatriz Fortes Sales Araújo e Francisca Irla Fortes Sales Araújo.

e) Erimá Lages Fortes Neto. Casou-se com Girlane Rêgo Mesquita, com quem teve dois filhos: José Edivaldo Sousa de Carvalho Neto e Eloá Maria do Rêgo Fortes.

6.7.1.3. Dunshee Soares de Carvalho Neto. Casou-se com Lígia Gomes dos Santos. Tiveram um filho:

a) Manoel Belizário dos Santos Neto.

Dunshee Soares de Carvalho Neto casou-se , em segundas núpcias, com Ana Maria Sousa Barros de Castro. Tiveram uma filha:

a) Amanda Soares Barros de Castro.

6.7.1.4 .Gracho Pires de Castro Sobrinho. Casou-se com Socorro de Maria

Batista Castro. Tiveram uma filha:

a) Helda Beatriz Batista Pires de Castro Lima. Casou-se com Renan de Carvalho Lima, com quem teve duas filhas: Ana Clara Batista Pires de Castro Lima e Ana Cecília Batista Pires de Castro Lima.

6.7.1.5 Erimá Lages Fortes Filho. Casou-se com Maria de Nazaré Bastos Carvalho. Tiveram duas filhas.

a) Lina Dunshee Bastos Carvalho Fortes.

b) Joana Luiza Bastos Carvalho Fortes.

Erimá Lages Fortes Filho casou-se, em segundas núpcias, com Maria da Guia de Moraes. Tiveram dois filhos:

a) Dunshee Soares de Moraes Pires de Castro Fortes

b) Maria Pires de Castro Fortes Neta

6.7.1.6 José Antônio Pires de Castro Fortes. Casou-se com Francisca Maria Melo. Tiveram dois filhos:

a) Antenor Fortes Rodrigues Bisneto

b) Erielda Melo Pires de Castro Fortes. Casou-se com Bruno Machado Sampaio, com quem teve um filho: Bruno Machado Sampaio Júnior.

6.7.1.7. Francisco de Assis Pires de Castro Fortes. Casou-se com Maria da Cruz Cardoso. Tiveram quatro filhos:

a) Dunshee Pires de Castro Fortes.

b) Francisco de Assis Pires de Castro Fortes Filho.

c) Danilo Pires de Castro Fortes.

d) Andressa Ravena Fortes Rocha, teve um filho: Yuri Benjamin Rocha Pires de Castro Fortes.

Erimá Lages Fortes, casou-se em segundas núpcias com Maria dos Milagres dos Santos Fortes. São seus filhos:

6.7.1.8. Antônio Fortes Rodrigues.

6.7.1.9. Antenor Fortes Rodrigues. Casou-se com Priscila Sales Feijó Fortes.

Tiveram uma filha:

a) Júlia Feijó Fortes.

6.7.1.10. Predicanda Fortes Rodrigues. Casou-se com Lúcio Miranda Cronenberg. Tiveram uma filha:

a) Maria Eduarda Fortes Cronenberg.

6.7.2. Rosa do Rêgo Lages.

- Casou-se com José Dalvo Bastos. É sua filha:
- 6.7.2.1. Adriana Bastos Araújo. Casou-se com Roberto Francisco Cordeiro.  
Tiveram dois filhos:  
a) Pablo Xilon Bastos Cordeiro.  
b) Plínio Gardel do Rêgo Bastos.
- 6.7.3. Mirtes Lages Fortes.  
Casou-se com Francisco Melo Magalhães. São seus Filhos:
- 6.7.3.1. Lúcia de Fátima Melo Magalhães. Casou-se com Edgar Miranda.  
Tiveram três filhos:  
a) Ana Maria Magalhães Miranda. Casou-se com Carlos David Bastos Sousa Neto, com quem teve um filho: Mateus Miranda Sousa.  
b) Edgar Miranda Filho, Casou-se com Shirley Rose Canoletti Miranda, com quem teve dois filhos: Cauê Canoletti Miranda e Isadora Canoletti Miranda.  
c) David Melo Miranda. Casou-se com Laiana Leite Franco Miranda.
- 6.7.3.2. Joaquim Rodrigues Magalhães Neto. Casou-se com Maria da Conceição Fortes Lima Magalhães. Tiveram dois Filhos:  
a) Vinícius Fortes Melo Magalhães.  
b) Maria Teresa de Jesus Fortes Melo Magalhães.
- 6.7.3.3. Maria do Perpetuo Socorro Fortes Melo Magalhães Couto. Casou-se com seu primo legítimo, Antônio Castelo Branco Couto Neto.  
Tiveram dois filhos:  
a) Antônio Castelo Branco Couto Júnior. Casou-se com Nádia Carvalho Teixeira Luz. Posteriormente casou-se com Maria Cecília Carvalho, com quem teve uma filha: Isabela Maria Carvalho Magalhães Couto . Posteriormente casou-se com Letícia Bona Andrade com quem teve um filho: Antônio Bona Andrade Magalhães Couto.  
b) Luciana Maria Fortes Magalhães Castelo Branco Couto.
- 6.7.3.4. Francisco Melo Magalhães Filho. Casou-se com Elinor Campos Silva Melo Magalhães. Tiveram dois filhos:  
a) Felipe Campos Silva Magalhães.  
b) Júlia Campos Silva Magalhães.
- 6.7.4. Predicanda Lages Fortes.  
Casou-se com Antônio Maria Farias Couto. São seus filhos:

- 6.7.4.1. Antônio Castelo Branco Couto Neto. Casou-se, com sua prima legítima, Maria do Perpetuo Socorro Fortes Melo Magalhães Couto. Tiveram dois filhos, estão registrados no item 7.7.3.3.
- 6.7.4.2. Edith Maria Fortes Couto. Casou-se com Luiz Mauro Couto. Tiveram três filhos:
- a) Thiago Couto Alves, Casou-se com Danusa de Oliveira, com quem teve uma filha: Maria Eduarda de Oliveira Fortes Couto Alves.
  - b) Diego Couto Alves. Casou-se com Josiane de Oliveira Couto, com quem teve dois filhos: Gabriel de Oliveira Couto e David de Oliveira Couto.
  - c) Higor Couto Alves, Casou-se com Sammara Sabbag, com quem teve um filho: Bernardo Sabbag Fortes Couto.
- 6.7.4.3. Rosalva Fortes Couto Batista. Casou-se com Dalci Batista da Silva e tiveram dois filhos:
- a) Letícia Couto Batista. Casou-se com Rodrigo Lima Gomes, com quem teve três filhos: Nathalia Nicolle Ojeda, Isabella Couto Gomes e Olívia Couto Gomes.
  - b) Felipe Couto Batista. Casou-se com Paula Lima de Sousa, com quem teve uma filha: Ana Sofia Lima Couto.
- 6.7.4.4. Paulo Roberto Fortes Castelo Branco Couto. Casou-se com Nilza Abadia Pereira. Tiveram dois filhos:
- a) Nayana Couto. Casou-se com Pablo Madalena Targa.
  - b) Daniel Couto. Casou-se com Bárbara Giseli de Araújo Morales, com quem teve uma filha: Lara Francisca Morales Couto.
- Paulo Roberto Fortes Castelo Branco Couto casou-se, em segundas núpcias, com Francisca Maria Castro Machado. Tiveram duas filhas:
- a) Maria Antônia Castro Couto
  - b) Edith Maria Castro Couto
- 6.7.4.5. Paula Fortes Couto.
- Casou-se com Jackson Nobre Vêras. Tiveram um filho:
- a) Gustavo Henrique Couto Nobre Vêras.
- 6.7.4.6. Carlos Alberto Fortes Couto.
- Casou-se com Giovana Luzia Melo Soares Simeão. Tiveram dois filhos:
- a) Leonardo Simeão Fortes Couto.

- b) Roberta Simeão Fortes Couto  
Carlos Alberto Fortes Couto casou-se, em segundas núpcias, com Mirian Borges Fortes Couto. Tiveram dois filhos:
  - a) Maria Luíza Borges Fortes Couto.
  - b) João Guilherme Borges Forte Couto.
- 6.7.5. Luzia Maria Lages Fortes.  
Casou-se com Agostinho Portela Vale. São seus filhos:
  - 6.7.5.1. Antenor Lages Fortes Portela. Casou-se com Ana Teresa de Oliveira Fortes Portela. Tiveram dois filhos:
    - a) Marcel de Oliveira Fortes Portela.
    - b) Felipe de Oliveira Fortes Portela.
  - 6.7.5.2. Joana D'arc Fortes Portela Barbosa. Casou-se com Antônio Portela Barbosa Filho. Tiveram três filhos:
    - a) Sara Fortes Portela Barbosa. Casou-se com Antônio Nunes Martins Júnior.
    - b) Maria Clara Fortes Portela Barbosa. Casou-se com Pedro de Paula Bonfim Neto.
    - c) Isadora Fortes Portela Barbosa.
  - 6.7.5.3. Lise Mariane Lages Fortes Portela. Casou-se com Evaldo Matos de Carvalho. Tiveram dois filhos:
    - a) Eduardo Fortes Portela de Carvalho.
    - b) Lara Fortes Portela de Carvalho.
  - 6.7.5.4. Gilson Lages Fortes Portela, casou-se com Silvane Maria Ribeiro Nunes Portela. Tiveram uma filha:
    - a) Mariana Ribeiro Nunes Portela.Gilson Lages Fortes Portela casou-se , em segundas núpcias, com Ivonizete Pires Ribeiro Portela. Tiveram uma filha:
    - a) Maria Vitória Pires Ribeiro Portela
  - 6.7.5.5. Ana Cláudia Lages Fortes Portela. Casou-se com Francisco Ferreira Filho. Tiveram dois filhos:
    - a) Lucas Fortes Portela Ferreira
    - b) Amanda Fortes Portela Ferreira.
  - 6.7.5.6. Elaine Karine Lages Fortes Portela. Casou-se com Raimundo Nonato Timóteo Sobrinho. Tiveram uma filha:
    - a) Isabelle Maria Lages Fortes Portela Timóteo.



*Edith do Rêgo Lages*

No dia 04 de maio de 1913, nasceu no seio da fazenda Esperança Edith do Rêgo Lages, filha do renomado “coronel” Alfredo Pires Lages e dona Rosa do Rêgo Lages. Edith era uma das seis filhas do coronel. Inteligente, sempre muito disposta, positiva, a garota mostrou-se logo uma líder nata. Precoce e seguindo também os costumes de outrora, casou-se aos 16 anos de idade. O jovem escolhido, um mancebo de 18 anos, promissor jovem da região, filho também de fazendeiro, era o que se podia chamar de um bom partido: rapaz bonito, inteligente, estudante do segundo grau em colégio do Rio de Janeiro, um Liceu francês chamado de Lafayette. O jovem Antenor Fortes Rodrigues era de uma atração magnética, foi amor à primeira vista. Edith dedicou todo o amor de uma longa vida a este seu companheiro, ela lhe dedicava uma verdadeira adoração, mas, mesmo assim, positiva como nunca

deixou de ser, quando a ocasião demandava, coisas que acontecem no dia a dia de qualquer casal, ela já saía com seu inesquecível provérbio : “Eu sou de cera e só quero quem me queira”.

Os recém-casados foram morar em uma propriedade não muito longe da fazenda Esperança, propriedade que era da mãe do noivo. Esse lugar ainda não tinha nome. Na estrada dessas terras, em cima de um morro, morava um caboclo velho, chamado Raimundo Ricardo. Conta-se que sempre que chegava um forasteiro naquelas paragens e perguntava ao velho morador como se chamava aquele lugar, o velho Ricardo sempre respondia : “porenquanto não tem nome”. O tempo passou e o lugarejo foi denominado fazenda Santarém, mas de nada adiantou, o nome Porenquanto já havia pegado e é assim que ainda hoje é chamado por todos os moradores da região.

O casal trabalhou muito no início de suas vidas. Antenor e Edith tiveram logo cinco filhos. Edith era incansável. Não havia trabalho ruim: a roça, a quitanda, os cercados com fruteiras, as farinhadas e, depois, assim que melhoraram as condições, a lojinha de tecidos. A venda do coco babaçu sempre foi uma renda importante para o casal. Com o passar do tempo, o gado foi aumentando e, assim, eles foram se estabelecendo e se estabilizando. Sempre foram fartos e ninguém nunca chegou à casa de dona Edith na hora das refeições para passar fome. Ali, alguns comensais eram diaristas, como o velho Zé Miguel, que por não poder mais trabalhar, devido a um reumatismo avançado, vinha todo dia, ao meio dia, a convite de dona Edith para o almoço.

O casal se esmerou na educação dos filhos, com todas as dificuldades da época, mas não se deram por satisfeitos. Ao longo de toda a longa vida, criaram mais cinquenta crianças carentes. A todas, deram o que lhes foi possível, inclusive a todas foi dado o nome de família. Hoje já tem várias gerações desses filhos adotivos, lembro que todos costumavam chamá-la de mãe Dite.

Diz-se que “em terra de cego quem tem um olho é rei”. Dona Edith e Seu Antenor eram pessoas esclarecidas, estudadas e, acima de tudo, muito bondosos. Nunca se furtaram a ajudar os mais necessitados, especialmente em questões de saúde, pois a carência nesses tempos era demasiada. Também não deixavam de acudir um necessitado em questões legais, muitas vezes, enfrentando ferozes delegados para defender famílias desamparadas.

Dona Edith teve uma atuação lendária na política de Nossa Senhora dos Remédios. Ela adorava essa atividade. O seu Antenor Fortes foi eleito prefeito ,mas nunca teria sido sem essa guerreira, pois ela é que amava a política.

Eu sou o filho mais velho da caçula de dona Edith, a Luzia, mas me considero também filho caçula da dona Edith e de seu Antenor. Fui criado por eles com muito amor e desvelo. Sou grato eternamente a toda a atenção que eles me dedicaram na infância e continuam para mim uma permanente fonte de inspiração. Quero, juntamente com minha mãe Luzia, homenageá-los aqui, parafraseando o poeta Carlos Drummond de Andrade : “ Se fosse rei do mundo, baixava uma lei, mãe não morre nunca, ficará para sempre junto de seu filho, e ele, velho embora, será pequenino feito grão de milho”.

**Antenor Lages Fortes Portela, neto de Edith do Rêgo Lages**

**6.8. GLADSTON DO RÊGO LAGES** (Tonzinho) (\*1914- +2008).

Casou-se com Benedita Hilda Tôrres Lages (\*1912 -+1999), o casal teve 10 filhos. São seus descendentes:

6.8.1. Maria da Glória Tôrres Lages.

Casou-se com Antônio Carlos do Amaral. São seus filhos:

6.8.1.1. Gladston do Rêgo Lages Neto. Casou-se com Jane Cronemberger Lages. Tiveram dois filhos:

a) Bruno Cronemberger Lages.

b) Marcela Cronemberger Lages Macedo. Casou-se com Eduardo Macedo.

6.8.1.2. José Lages do Amaral. Casou-se com Carla Rejane Santiago Campos Amaral. Tiveram dois filhos:

a) José Eduardo Campos Amaral.

b) Carlos André Campos Amaral.

6.8.2. Gladston do Rêgo Lages Filho.

6.8.3. Sonia Maria Tôrres Lages.

Casou-se com Francisco Fortes do Rêgo. São seus filhos:

6.8.3.1. Antônio Wilson Lages do Rêgo. Casou-se com Vânia Elizabeth Lages do Rêgo. Tiveram três filhos:

a) Renata Lages do Rêgo Higino. Casou-se com Emídio Derykys Costa, com quem teve um filho: Antônio Wilson Lages do Rêgo Neto.

- b) Antônio Wilson Lages do Rêgo Júnior. Casou-se com Dalva Karine Bello dos Bastos Lages do Rêgo.
  - c) Sônia Maria Lages do Rêgo. Casou-se com Dário Pimentel Lima, com quem teve um filho: Antônio Henrique Lages do Rêgo Pimentel.
- 6.8.3.2. Otávio Fortes do Rêgo Neto. Casou-se com Suzel Maria Ribeiro Nunes do Rêgo. Tiveram três filhos:
- a) Gabriel Nunes do Rêgo.
  - b) Otávio Augusto Nunes do Rêgo.
  - c) João Pedro Nunes do Rêgo.
- 6.8.3.3. Mauro Lages Fortes do Rêgo. Casou-se com Angela Castelo Branco Bezerra Rêgo. Tiveram uma filha:
- a) Camila Bezerra Lages do Rêgo.
- 6.8.3.4. Nely Rebêlo Fortes do Rêgo Oliveira. Casou-se com José Carlos Soares de Oliveira. Tiveram dois filhos:
- a) Carlos Eduardo do Rêgo Oliveira. Casou-se com Eulália Camila Brito Amorim.
  - b) Carlos Eugênio do Rêgo Oliveira.
- 6.8.3.5. Francisco Fortes do Rêgo Júnior. Casou-se com Mércia de Carvalho Almeida Rêgo. Tiveram dois filhos:
- a) Arthur Almeida Marques Neto.
  - b) Andressa Almeida Fortes do Rêgo.
- Francisco Fortes do Rêgo Júnior casou-se, em segundas núpcias, com Aldinéia Figueredo Santos. Tiveram um filho:
- a) Henrique Figueredo Fortes do Rêgo.
- 6.8.3.6. Gladston do Rêgo Lages Neto. Casou-se com Edith Maranhão Santos Rocha do Rêgo Lages. Tiveram três filhos:
- a) Vitor Santos Rocha do Rêgo Lages.
  - b) Pedro Santos Rocha do Rêgo Lages.
  - c) João Santos Rocha do Rêgo Lages.
- 6.8.4. Maria da Conceição Tôrres Lages.  
Casou-se com José Pedro Lopes Ribeiro. São suas filhas:
- 6.8.4.1. Cristiane Lages Ribeiro Brito. Casou-se com Ahécio Kléber Araújo Brito. Tiveram dois filhos:
- a) João Paulo Lages Ribeiro Araújo Brito.
  - b) Letícia Lages Ribeiro Araújo Brito

6.8.4.2. Ceciane Lages Ribeiro Crisóstomo. Casou-se com Hilomar Shaiane Soares Campelo. Tiveram uma filha:

a) Hiállice Lages Campelo.

Ceciane Lages Ribeiro casou-se, em segundas núpcias, com Edson Prata Crisóstemo Filho. Tiveram uma filha:

a) Emanuely Lages Ribeiro Prata Crisóstemo.

6.8.5. José Tôrres Lages.

6.8.6. Maria da Pompéia Tôrres Lages.

Casou-se com José de Anchieta Pires de Carvalho Fortes Castelo Branco. São seus filhos:

6.8.6.1. Luis Gladston Lages Fortes Castelo Branco. Casou-se com Alinne Mayara Monturil Neves Castelo Branco. Tiveram dois filhos:

a) Matheus Neves Castelo Branco.

b) Amanda Neves Castelo Branco.

6.8.6.2. Maria Goretti Lages Fortes Castelo Branco. Casou-se com Francisco Gregório Rodrigues Mendes. Tiveram duas filhas:

a) Gisella Lages Castelo Branco Mendes.

b) Gabriella Lages Castelo Branco Mendes.

6.8.6.3. Laércio Lages Fortes Castelo Branco. Casou-se com sua prima, Maria Leni Lages Gonçalves Castelo Branco. Tiveram dois filhos, estão registrados no item 7.6.1.6.

6.8.6.4. Luciano Lages Fortes Castelo Branco. Casou-se com Valdene Lustosa Lages Castelo Branco. Tiveram dois filhos:

a) Davi Lustosa Lages Castelo Branco.

b) Lara Lustosa Lages Castelo Branco.

6.8.7. Maria Iolanda Tôrres Lages.

Casou-se com Francisco Augusto da Silva. São seus filhos:

6.8.7.1. Audston Lages da Silva. Casou-se com Irene Alves Feitosa. Tiveram uma filha:

a) Thais Lages Feitosa

6.8.7.2. Francisco Augusto da Silva Júnior. Casou-se com Mercedes Lanussa Carvalho Leite. Tiveram dois filhos:

a) Áric Leite Alves da Silva.

b) José Leite de Sousa Neto.

Francisco Augusto da Silva Júnior casou-se, em segundas núpcias, com Bruna Tamires de Sousa Rodrigues. Tiveram uma filha:

a) Maria Valentina de Sousa Lages Silva.

6.8.8. Maria das Graças Tôrres Lages.

Casou-se com João Ubirajara Nogueira Barros. São seus filhos:

6.8.8.1. João Ubirajara Nogueira Barros Júnior. Casou-se com Marisa Alves dos Santos. Tiveram dois filhos:

a) João Ubirajara Nogueira Barros Neto

b) Ana Luisa Alves Nogueira Barros.

João Ubirajara Nogueira Barros Júnior casou-se, em segundas núpcias, com Michele de Sousa Carvalho. Tiveram dois filhos:

a) Ana Beatriz de Sousa Nogueira Barros

b) Kaio Tobias de Sousa Nogueira Barros.

6.8.8.2. Andréia Lages Nogueira Barros. Casou-se com Valério Hércules da Rocha Araújo. Tiveram quatro filhos:

a) Vitor Lages Nogueira Araújo.

b) Viviane Lages Nogueira Araújo

c) Anita Lages Nogueira Araújo.

d) Alice Lages Nogueira Araújo

6.8.8.3. Fredman Lages Nogueira Barros. Casou-se com Jussâmea Sanzia Evangelista Nogueira Barros. Tiveram dois filhos:

a) Samuel Evangelista Nogueira Barros.

b) Rafael Evangelista Nogueira Barros.

6.8.9. Maria do Socorro Tôrres Lages.

Casou-se com Luis de Sousa Aragão. São seus filhos:

6.8.9.1. Michele Lages Aragão.

6.8.9.2. Danielle Lages Aragão Cavalcante. Casou-se com Luis Henrique Sousa Cavalcante. Tiveram dois filhos:

a) Paulo Henrique Lages Aragão Cavalcante.

b) Lucas Lages Aragão Cavalcante.

6.8.9.3. Luis Filho Lages Aragão.

6.8.10. Hilton Tôrres Lages.

Casou-se com Francisca Teresa de Carvalho Tôrres Lages. É seu filho:

6.8.10.1. Marcus Vinícius Carvalho Tôrres Lages. Casou-se com Magda Shaqur Carvalho Tôrres Lages. Tiveram duas filhas:

a) Camila Sousa Lages.

b) Beatriz Sousa Lages.

Marcus Vinícius Carvalho Tôrres Lages casou-se em segundas núpcias com Anna Rafaelle de Souza Lages.

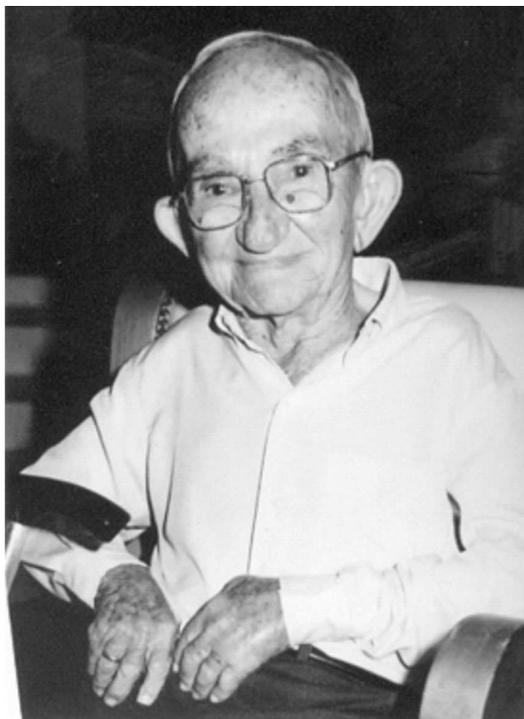
Hilton Tôrres Lages casou-se, em segundas núpcias, com Maria das Graças Alvarenga Lages. É seu filho:

6.8.10.2. Tadeu Nunes Lages, Casou-se com Taísa Mendes Martins Lages.

Tiveram um filho:

a) Guilherme Mendes Martins Lages.

Hilton Tôrres Lages casou-se em terceiras núpcias com Maria Idalina Meneses do Amaral.



*Gladston do Rêgo Lages*

Pela intensidade e a grandeza desta obra, não poderíamos deixar de prestar nossa homenagem àqueles a quem amamos e que deram início a

tudo, nossos queridos e inesquecíveis pais Gladston do Rêgo Lages e Benedita Hilda Tôrres Lages.

É da vida humana os mais velhos terem de partir. Faz algum tempo que nossos pais partiram ao encontro do Senhor, mas a saudade ainda aperta e sufoca nossos corações. De vocês, pais, guardamos as melhores memórias e ainda sentimos como foi importante tê-los em nossas vidas, pelos ensinamentos, companheirismo, os valores éticos e morais, os exemplos e a disciplina. Essa convivência jamais será esquecida.

Na fazenda Esperança, onde nosso pai nasceu em 21 de julho de 1914, pode desfrutar de tudo o que é belo na infância. Na cidade de Miguel Alves, provou do encanto da juventude e trabalhou na casa do tio José Rêgo ( a quem agradecemos muito). Nessa cidade, conheceu nossa querida mãe Hilda, com quem conviveu maravilhosos 64 anos, em uma união de muito carinho, respeito e cumplicidade na fazenda Santa Fé.

Nossa mãe Hilda, nasceu em Miguel Alves em 23.09.1912. Estudou em Parnaíba, o “antigo curso normal”, cujo cargo de professora somente exerceu com seus filhos. Foi nossa primeira professora. No tocante à instrução, com ela aprendemos a ler e a escrever as primeiras palavras, assim como a conhecer e resolver as quatro operações matemáticas; funções desempenhadas com carinho, paciência, zelo, dedicação e competência. Em relação à nossa educação, foi continua e impecável, baseada em princípios básicos para uma convivência social de aprendizagem, respeito, honestidade, compreensão, religiosidade e paz, necessários ao nosso futuro. Adquiridos esses conhecimentos, continuamos nossos estudos em Barras e, sucessivamente, em Teresina-PI.

A tristeza pelas suas ausências é minimizada pela certeza de que somos fruto de dois seres humanos incríveis, trabalhadores, protetores, que souberam cultivar em nós valores consubstanciados em palavras e ações indelévels. Souberam honrar com inigualável dignidade os papéis sociais que assumiram: nosso pai e nossa mãe, de poucas letras e sem títulos acadêmicos, dedicaram uma vida inteira de labuta na fazenda Santa Fé, onde extraíam da terra, com muita responsabilidade sócioambiental, o sustento de toda a família e também recebiam e tratavam a todos com muito respeito e acolhimento; na participação política, foi sempre um homem íntegro e de conduta ilibada, como pais, avós e bisavós sempre serão nosso referencial, porque pautamos, até hoje, nossa caminhada em seus ensinamentos.

**A família de Gladston do Rêgo Lages**

## **6.9.MARY DO RÊGO LAGES (\*1916 - +2004).**

Casou-se com Raimundo Pires Lages (\*1909 - +1985). Passou a chamar-se Mary Pires Lages. O casal teve 16 filhos. São seus descendentes:

### **6.9.1.Clores Pires Lages.**

Casou-se com Otevaldo Soares do Nascimento. São seus filhos:

#### **6.9.1.1 Frida Soares Araújo casou-se com Gilson Canito de Araújo. Tiveram três filhos:**

a) Gilson Soares de Araújo, Casou-se com Marina Moura Oliveira, com quem teve uma filha: Laís Moura Araújo.

b) Iana Soares de Araújo.

c) Igor Soares de Araújo.

#### **6.9.1.2. Virna Lages Soares Teive. Casou-se com Sérgio Francisco Silva Teive. Tiveram duas filhas:**

a) Candice Lages Soares Teive

b) Ravena Lages Soares Teive.

#### **6.9.1.3. Erico Lages Soares. Casou-se com Stael Moura de Sobral Soares. Tiveram uma filha:**

a) Andressa Sobral Soares. Casou-se com Antônio Castelo Branco de Deus, com quem teve um filho: Érico Sobral Soares.

#### **6.9.1.4. Ívina Lages Soares de Almeida. Casou-se com Antônio José Baluz de Almeida. Tiveram quatro filhos:**

a) Luca Soares de Almeida.

b) Bruno Soares de Almeida

c) Vitor Soares de Almeida.

d) Artur Soares de Almeida

### **6.9.2.Teresinha de Jesus Pires Lages.**

#### **6.9.3.Manoel Pires Ferreira.**

Casou-se com Mary Pires Correia Ferreira. São seus filhos:

#### **6.9.3.1.Kennia Pires Ferreira. Casou-se com Martinho Segundo Morais Rêgo. Tiveram um filho:**

a) Renato Pires de Morais Rêgo. Casou-se com Anna Calam, com quem teve uma filha: Vidda Calam Pires de Morais Rêgo.

Posteriormente, casou-se com Ilva Suelle Tôrres, com quem teve uma filha: Maria Catarina Tôrres Morais Rêgo. Posteriormente casou-se

com Juliana Sena de Castro Jácques, com quem teve um filho: Heitor Sena de Castro Jácques Morais Rêgo.

Kennia Pires Ferreira casou-se , em segundas núpcias, com Antônio de Pádua Teixeira. Tiveram dois filhos:

a) Nair Pires Teixeira.

b) Daniel Pires Teixeira.

6.9.3.2. Karine Pires Ferreira. Casou-se com Marcos Antônio Freitas Avelino. Tiveram dois filhos:

a) Brayner Ferreira Avelino. Casou-se com Crislane Dias, com quem teve dois filhos: Brayner Dias Pires Ferreira e Rainer Dias Pires Ferreira.

b) Ozita Ferreira Avelino.

Karine Pires Ferreira casou-se, em segundas núpcias, com Marcos Vinícius Brito Araújo, com quem teve dois filhos:

a) Marcos Vinícius Brito Araújo Júnior.

b) Mikaela Pires Ferreira Araújo.

6.9.3.3. Kerman Pires Ferreira. Casou-se com Eliane Brandim Teixeira Ferreira. Tiveram três filhos:

a) Kerman Pires Ferreira Filho.

b) Ítalo Brandim Pires Ferreira

c) Bruno Brandim Pires Ferreira.

Kerman Pires Ferreira casou-se, em segundas núpcias, com Joelma Pedrosa Mota. Tiveram três filhos:

a) Evelin Pires Ferreira.

b) Andrei Pires Ferreira.

c) Kaluana Pires Ferreira.

6.9.3.4. Odival Pires Correia. Casou-se com Ana Cristina Rodrigues. Tiveram três filhos:

a) Mary Rodrigues Pires Ferreira. Casou-se com Adriano das Neves, com quem teve um filho: Davi Luiz Correia das Neves.

b) Klívia Rodrigues Pires Correia. Tem uma filha: Maisa Yolanda Correia dos Santos.

c) Odival Pires Correia Filho.

6.9.3.5. Klaucio Pires Ferreira.

Manoel Pires Ferreira casou-se, em segundas núpcias, com Maria do

Socorro Alves de Sena. São seus filhos:

6.9.3.6. Manoel Pires Ferreira Filho. Casou-se com Maria do Socorro de Sá Ferreira. Tiveram uma filha:

a) Gabriela de Sá Pires Ferreira.

6.9.3.7. Aline Alves Pires Ferreira. Casou-se com Antônio Ricardo Queiroz Silva. Tiveram duas filhas:

a) Emanuele Ferreira Queiroz

b) Ana Clara Pires Ferreira.

6.9.4. Raimundo Pires Lages Filho.

6.9.5. José Pires Lages.

6.9.6. Isaura Pires Lages.

Casou-se com Rogério Castelo Branco da Silveira. São seus filhos:

6.9.6.1. Wolner Pires da Silveira. Casou-se com Cristiane Marreiros da Silveira. Tiveram duas filhas:

a) Clarisse Marreiros Lages da Silveira.

b) Marcelle Marreiros Lages da Silveira.

6.9.6.2. Yula Pires da Silveira Fontenele de Meneses. Casou-se com Ronildo Fontenele de Meneses. Tiveram quatro filhos:

a) Henrique Pires da Silveira Fontenele de Meneses.

b) Alana Pires da Silveira Fontenele de Meneses.

c) Ítalo Pires da Silveira Fontenele de Meneses.

d) Yuri Pires da Silveira Fontenele de Meneses.

6.9.7. Maria Assunção Pires Lages.

Casou-se com Joaquim Gonçalves Mariano Neto. São seus filhos:

6.9.7.1. Ana Pires Lages Mariano Leite. Casou-se com Antônio de Oliveira Leite. Tiveram dois filhos:

a) João Vitor Lages Mariano Leite.

b) Maria Clara Lages Mariano Leite.

6.9.7.2. Luana Pires Lages Mariano Peres. Casou-se com Cristiano Lima Peres. Tiveram dois filhos:

a) Artur Lages Mariano Peres.

b) Mariana Lages Mariano Peres.

6.9.7.3. Naiana Pires Lages Mariano. Casou-se com Marcio Henrique Haygs de Almeida. Tiveram um filho:

a) Rafael Lages Mariano de Almeida.

6.9.8 Carlos Alberto Pires Lages

6.9.9. Marylene Pires Lages.

Casou-se com Everton Viena Ouriques. São seus filhos:

6.9.9.1. Yan Lages Ouriques . Casou-se com Renata de Moura Vergara.

Tiveram uma filha:

a) Maitê Vergara Ouriques

6.9.9.2. Anne Lages Ouriques. Casou-se com Eduardo Macedo Amaral .

Tiveram duas filhas:

a) Guila Ouriques Macedo.

b) Nicole Ouriques Macedo.

6.9.9.3. Jean Lages Ouriques.

6.9.9.4. Ruan Lages Ouriques.

6.6.10. Yolanda Pires Lages.

6.9.11. Raimundo Pires Lages Filho.

Casou-se com Hilda Maria Brito Almendra Lages. São suas filhas:

6.9.11.1. Juliana Almendra Lages Vasconcelos. Casou-se com José Maria

Vasconcelos Filho. Tiveram uma filha:

a) Ana Maria Almendra Lages Vasconcelos.

6.9.11.2. Ana Cândida Almendra Lages. Casou-se com Luan Almendra

Lages Brandão.

6.9.12. Maria Nazaré Pires Lages.

Casou-se com Valter Rodrigues Xavier Junior. São seus filhos:

6.9.12.1. Daya Lages Rodrigues.

6.9.12.2. Amanda Lages Rodrigues. Casou-se com Mathie Sart Pierre.

Tiveram um filho:

a) Gabriel Rodrigues Pierre.

6.9.12.3. Edward Lages Rodrigues. Casou-se com Juliana Spitz . Tiveram um filho:

b) Miguel Spitz Rodrigues.

Maria Nazaré Pires Lages casou-se, em segundas núpcias, com Fernando Galli d'Aragona. São seus filhos:

6.9.12.4. Felipe Lages d'Aragona.

6.9.12.5. Rhavi Lages d'Aragona.

6.9.13. Carlos Alberto Pires Lages.

Casou-se com Eliete Divino Pires Lages. É seu filho:

6.9.13.1. Phillipe Divino Pires Lages

6.9.14. Dores Pires Lages.

Casou-se com Jorge Cristian Kritikos Júnior. São seus filhos:

6.9.14.1 Pedro Daniel Lages Kritikos. Casou-se com Alexandra Mendes Lages Kritikos.

6.9.14.2. João Gabriel Pires Lages Kritikos .Casou-se com Luíza da Silva Muniz.Tiveram dois filhos:

a) João Miguel Lages Muniz Kritikos

b) Artur Lages Muniz Kritikos.

6.9.15.Cádimo Pires Lages.

Casou-se com Kaline Carvalho da Silveira Lages. São seus filhos:

6.9.15.1 Cádimo Pires Lages Filho

6.9.15.2. Caio da Silveira Pires Lages .

6.9.16. Ana Rosa Pires Lages.



*Mary do Rêgo Lages*

Nossa mãe Mary perdeu sua mãe ainda criança, com 5 anos. Vó Rosinha, pressentindo sua hora, pediu para o marido, que não desse madrasta para os seus filhos que eram pequenos e pediu que chamasse tia Magda e vovó Isaura, que moravam com os sogros em José de Freitas e seu filho Raimundo Pires. Assim fez vovô Alfredo quando vovó Rosinha faleceu, chamou as duas para lhe ajudar a criar seus 10 filhos. Desde pequena, Mary foi criada por sua futura sogra, a qual chamava de madrinha Isaura. A lembrança que guardou da mãe foram os banhos em cima da pedra, em frente à casa da fazenda Esperança, no final do dia.

Frequentou apenas 8 meses a Escola de Olga Fernandes na cidade de Barras, mas tudo leva a crer que foi alfabetizada pela mãe/sogra, uma vez que era detentora de uma caligrafia impecável e uma sabedoria que somente grandes mulheres bem criadas possuem. Aos 10 anos de idade, voltou para a fazenda Esperança com seu irmão Tonzinho para cuidar da casa.

Casada aos 16 anos, foi morar na fazenda Deserto, local onde tiveram os 5 primeiros filhos e receberam um menino, Raimundo Estevão (Nêgo), amado por todos, e se mudaram para Teresina em 1946. Tiveram mais 11 filhos, que foram por ela e por vovó Isaura alfabetizados, entre as costuras, em meio às grandes barrigas e às obrigações. Precisava pedalar a máquina e seu filho Pires Filho ficava nessa tarefa; com as mãos, pedalava e ela acompanhava a atividade da agulha. Contudo, dona Mary não se eximia de se responsabilizar por sobrinhas que recebia em casa para estudar na capital ou internas no Colégio das Irmãs. Os rapazes que vinham estudar na capital, parentes ou filhos de amigos, ficavam em um anexo da casa, com comunicação pela garagem da casa da rua São Pedro. Mas as refeições eram em sua casa, todos juntos.

Sempre disponível, costurando roupas para todos os filhos e pronta para escutar, assim afirmam filhos, netos e sobrinhos: “Ouvia, sorria, contava suas experiências e nunca criticava. Sentava na calçada para conversar ou brincar; cadeira não fazia falta. Quando estava em Luiz Correia, se necessário, não via problema em abrir a janela para netas chegarem de madrugada das festas nas temporadas de praia”. Era tão disponível que, por ocasião do nascimento de uma de suas primeiras netas, enfrentou uma grande chuva noturna, para levar um capão cevado (capão de parida) para sua primogênita, que havia chegado da maternidade

Durante férias na fazenda Nova, não era a mãe e a avó da cozinha, gostava mesmo era de estar no meio de todos, brincando, tomando banho de riacho ou açude, roubando Judas nas semanas santas.

Criou os filhos com três características marcantes: religiosidade, para viver em paz; união entre os irmãos; e cautela, principalmente para não deixar que os problemas familiares fossem divulgados, que virassem fuxico, pois sempre acreditou no ditado que diz que “roupa suja se lava em casa”.

### **A família de Mary do Rêgo Lages**

#### **6.10. MANOEL DO RÊGO LAGES (\*1917- +1990).**

Casou-se com Maria Adélia de Carvalho Pires (\*1923-+ 2010). O casal teve 16 filhos, 3 deles falecidos ainda criança. São seus descendentes:

6.10.1. Célia de Maria Pires Lages.

Casou-se com Nemésio Rebêlo de Oliveira Lages. São seus filhos:

6.10.1.1. Conceição de Maria Pires Lages

6.10.1.2. Rosa Adélia Pires Lages

6.10.1.3. Nery Pires Lages. Casou-se com Nilson Carlos Alves Lira.

6.10.2. Nelson Pires Lages.

Casou-se com Maria Lucrecia da Costa Lages. É filho do matrimônio:

6.10.2.1. Manoel do Rêgo Lages Neto .Casou-se com sua prima legítima, Adalgisa de Sales Lages. Tiveram dois filhos:

a) Gabriel de Sales Lages.

b) Leonardo Lages

6.10.2.2. Macela da Costa Lages.

Também são filhos de Nelson Pires Lages:

6.10.2.3. José Joaquim Marques. Casou-se com Maria dos Remédios Quaresma. Tiveram dois filhos:

a) Karina Quaresma Marques. Tem uma filha: Alice Quaresma Marreiros.

b) Vitor Quaresma Marques.

José Joaquim Marques casou-se, em segundas núpcias, com Vera Lúcia Alcino dos Anjos Marques

6.10.2.4. Francisca Maria Marques

6.10.2.5. Diógenes da Silva Lages

6.10.2.6. Mariana da Silva Lages

6.10.3. Rosa Maria Pires Lages.

Casou-se com Gonçalo Soares Monteiro. São seus filhos:

6.10.3.1. Décio Lages Monteiro. Casou-se com Andréia Giordane de Oliveira Furtado Monteiro. Tiveram dois filhos:

a) Maria Eduarda Furtado Lages Monteiro.

b) Matheus Furtado Lages Monteiro.

6.10.3.2 Dário Lages Monteiro. Casou-se com Maria Madalena de Jesus Dias Lages Monteiro. Tiveram três filhos:

a) Dafne Dias Lages Monteiro.

b) Gonçalo Dias Lages Monteiro.

c) Saulo Dias Lages Monteiro.

6.10.3.3 Dílson Lages Monteiro. Casou-se com Aldaíris Pereira da Silva.

6.10.3.4. Manoel Lages Monteiro.

6.10.4. José Alfredo Pires Lages .

Casou-se com Terezinha de Sales Lages. São seus Filhos:

6.10.4.1. Patrícia de Sales Lages .Casou-se com Jakson Conradi Romão. Tiveram duas filhas:

a) Melissa Karina Lages Romão.

b) Ana Maria Lages Romão.

6.10.4.2. Adalgisa Adélia de Sales Lages. Casou-se com, seu primo legítimo Manoel do Rêgo Lages Neto. Tiveram dois filhos, estão registrados no item 7.10.2.1.

6.10.4.3. Alfredo Pires Lages. Casou-se com Maria de Fátima Candeira Correia. Tiveram uma filha:

a) Maria Eduarda Correia Lages.

6.10.4.4. Karina de Sales Lages.

6.10.4.5. Natália de Sales Lages. Casou-se com Antônio Alvori Morais.

6.10.5. Teresinha de Maria Pires Lages.

Casou-se com Edmilson Moreira Cruz. É seu filho:

6.10.5.1. Thiago Lages Moreira. Casou-se com Carla Danielle Ribeiro Lages.

6.10.6. Gladston Pires Lages.

Casou-se com Rita Alves da Silva. É sua filha:

6.10.6.1. Maria Adélia da Silva Lages. Casou-se com Francisco Cleiton Machado Araújo. Tiveram dois filhos:

a) Felipe Lages Araújo.

b) Fernanda Lages Araújo.

Gladston Pires Lages casou-se, em segundas núpcias, com Celsa Maria Botelho Rodrigues. É seu filho:

6.10.6.2. Gladston Pires Lages Júnior. Casou-se com Luciane da Silva Vaz.

Tiveram dois filhos:

a) Maria Letícia Vaz Lages.

b) Paulo Gabriel Vaz Lages

Gladston Pires Lages casou-se, em terceiras núpcias, com Maria de Fátima da Silva Lages. São seus filhos:

6.10.6.3 Nilson da Silva Lages. Teve um filho:

a) Nilson da Silva Lages Filho.

Casou-se com Dânica Carvalho Vaz Lages. Tiveram um filho;

a) Pedro Henrique Vaz Lages.

6.10.6.4. Maria da Conceição da Silva Lages. Casou-se com Francisco

Nascimento da Silva Sousa. Tiveram uma filha:

a) Maria Sophia Lages do Nascimento.

6.10.7. Maria Adélia Pires Lages Filha.

Casou-se com Francisco José Lages Torres. São seus filhos:

6.10.7.1. Vera Regina Lages Torres.

6.10.7.2. Mara Adriana Lages Torres.

6.10.7.3. Francisco Ribeira Torres Neto.

6.10.8. Gilberto Pires Lages .

Casou-se com Maria da Conceição Correia Aguiar Lages. São seus filhos:

6.10.8.1. Vinicius Aguiar Lages.

6.10.8.2. Matheus Aguiar Lages.

6.10.8.3. Raquel Aguiar Lages. Casou-se com Matheus Cavalcante Barbosa Almeida. Tiveram um filho:

a) João Guilherme Lages Barbosa Almeida

6.10.9. Manoel do Rêgo Lages Filho.

Casou-se com Maria Ivonete Bandeira Lages. São seus filhos:

6.10.9.1. Renata Bandeira Lages.

6.10.9.2. Rafael Bandeira Lages

6.10.10. Joaquim José do Rêgo.

Casou-se com Rosa Maria Bandeira do Rêgo. São seus filhos:

6.10.10.1. Lucas Bandeira do Rêgo Lages

6.10.10.2. Daniela Bandeira do Rêgo Lages

6.10.11. Gilson Pires Lages .

Casou-se com Valberina Leite Lages. São seus filhos:

6.10.11.1. Pollyanna Leite Lages. Casou-se com Paulo André Luz Pereira.

6.10.11.2. André Leite Lages.

6.10.12. José Pires Lages. Falecido poucas horas após o parto.

6.10.13. Vera Lúcia Pires Lages.

Casou-se com Benedito Francisco Dimas Furtado Rêgo.

6.10.14. Décio Pires Lages. Falecido aos dez meses de idade.

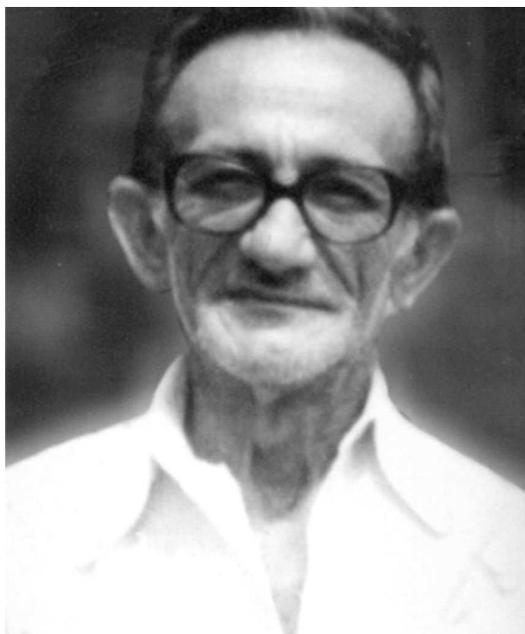
6.10.15. Ludson Pires Lages.

Casou-se com Sinésia de Vasconcelos Sá Lages. É sua filha:

6.10.15.1. Denise de Vasconcelos Lages. Casou-se com David Moita de Carvalho. Tiveram uma filha:

a) Brenda Lages Moita.

6.10. 16. César Augusto Pires Lages. Falecido de sarampo aos 4 anos



*Manoel do Rêgo Lages*

Criança gosta mesmo é de brincar e de receber afeto. Eu era criança quando convivi com meu avô e sua casa significava diversão e carinho: o que dele mais guardo são as situações que criava para a minha satisfação, de meus irmãos e de meus primos no Jenipapeiro. Sentíamos acolhidos, de um acolhimento chamado proteção, e divertir-se tinha lugar certo nas férias, que às vezes duravam até meses, longes da casa paterna, mas como se dela nunca nos tivéssemos desgrudado.

Hoje, no distanciamento temporal da idade adulta, vem, além da visão mais racional de todo aquele cenário rural, de sons, cores e sabores em todos os ritmos, tons e paladares únicos, uma emoção e uma nostalgia que não têm tamanho em nossos sentimentos. Essa emoção tinha uma imagem: Manoel do Rêgo Lages. Também as sombras de uma casa.

Uma casa que tinha gosto de beiju de farinhada, da doçura macia de manga foicinha, da serigoela vermelhinha entre o doce e o amargo, da goiaba amarela tirada do pé. Uma casa que tinha música no chocalho da rês bovina e relógio nos co-co-ri-cós dos galos. Uma casa que parecia ter asas e pensamentos no céu tão perto de nós, na lenta sintonia da mata de babaçus.

Quando declinamos o olhar interior para o ontem, surgem na memória da infância os pedaços das décadas de 1970 e 1980. Um tempo flutuando com tal leveza, cuja sensação que temos é a da fantasia de um mundo mágico de encantamentos e descobertas, inacessíveis como tal para as crianças da atualidade.

Vem um tempo de brincadeiras que jamais retornarão e, por isso, é sempre alegre vovô gritando, de riso aberto para o céu: “Boca do forno?”. Respondíamos: “Forno!”. Ele continuava: “Jacarándá?”. Respondíamos: “Dá!”. Interrogava: “Quando eu mandar?”. Em uníssono, devolvíamos: “Vou!”. E finalmente recebíamos a nossa missão, quase sempre uma ordem divertida ou, quando já cansávamos, uma tarefa impossível, para se pôr fim à brincadeira.

Vem o lampião petromax, aceso no terreiro da casa, para ouvirmos as estórias de outro mundo, quando não nos era imposto rezar o terço depois do jantar. Hábito com o qual também nos acostumávamos e se transformava numa obrigação aceita com naturalidade. Rezávamos não apenas para que se “levassem as almas todas para o céu, especialmente as que mais necessitassem”, mas também para Deus “dar muitos anos de vida para papai e mamãe”. Eram as mesmas almas que faziam cócegas em meus medos,

obrigando que carinhosamente vovô armasse minha rede próxima à sua cama, onde dormi, quando menino, sempre que estava na fazenda.

Vem da casa que era a figura de meu avô as partidas de dominó e baralho à luz de lamparinas. O movimento da quitada pesando babaçu e despachando mercadorias, num tempo de acesso limitado a produtos alimentícios e industrializados. Vovô de óculos na ponta da nariz: “Quanto?”. O agregado respondia: “Oito quilos”. Vovô emendava: “Despeje ali!”. Levantava-se a cancela do balcão e o morador despejava as amêndoas, trazidas em coufos, no canto direito do comércio, que rapidamente se avolumava a tal ponto que sentíamos a vontade de caminhar por sobre a montanha de coco babaçu e, estando ali, não resistíamos em mastigar amêndoas. “O que faz querer hoje?”... e o trabalhador rural ia regrado a compra do mais essencial, pondo cada produto no coufo em que trouxera o babaçu. Às vezes, pedia um grande trago de pinga que engolia com voracidade, cuspidando longe nas calçadas o amargor da aguardente.

Vem da casa que era a figura de meu avô a calçada sobre o morro, tomada de silêncio enquanto ele ouvia a voz do Brasil. Meu avô, o mesmo de sempre na alta madrugada, balançando-se na cadeira da sala, ouvindo a rádio Nacional, cuja audição das notícias e músicas se confrontava com a dos bichos despertando a manhã, para introduzir a certeza de mais um dia.

Vem da casa a figura de meu avô perguntando se já tínhamos namorada. O avô levando-nos aos sítios de frutas com o cuidado redobrado para não padecermos de animais peçonhentos. O avô acompanhando-nos para o banho no Açude ou no Tanque, sempre vigilante, vigilante, com uma alegria gigantesca quando o Jenipapeiro se enchia dos netos.

Vem da casa o caminhãozinho de madeira com o qual me presenteou aos 6 anos, feito por marceneiro da região. Que rumo dei àquele presente que jamais deveria ter perdido? Como tenho saudade daquele caminhãozinho; vejo-o aqui, no chão, carregado de areia, andando pelas veredas, maiores do que as estradas desconhecidas dos nossos destinos. Estou vendo aqui meu avô entregando-me o caminhãozinho numa época de brinquedos raros. Ou pedindo a Antônio Dias que nos fizesse cavalinhos de carnaúba, e os meus, mais velozes do que os de todo mundo, mais até do que minhas próprias pernas.

Meu avô materno Manoel do Rêgo Lages teve uma vida dedicada às lides do campo e aos desafios de educar prole de 13 filhos (dos 16 gerados, três faleceram crianças). Uma vida voltada para a formação dos filhos em Barras e

em Teresina, no desafio em que, além do apreço pelo trabalho obstinado, do qual os contemporâneos eram testemunhos, a mão amiga e o entusiasmo do parente Antônio Félix de Carvalho Filho e do irmão José foram sempre encorajadores; como os dos filhos Nelson, Rosa, Gladston e Joaquim, sempre disponíveis a ajudar o pai nas demandas necessárias. Uma vida rica de satisfações. A felicidade era os seus propósitos: o amor à família e o desejo de vê-la adiante de si, adiante do que as escolhas tinham-lhe reservado, como anseia todo bom pai.

Em criança, vovô fora mandado pelo pai para o ginásio em Parnaíba e o que consta no boletim escolar dele são as notas de um aluno exemplar. Jovem, estudara em Salvador e por último em Belém, onde se diz começou a estudar Medicina, antes de resolver regressar para a Esperança, segundo se conta, preocupado com as condições econômicas do pai, de apertos, depois da questão da Trindade.

Jovem, casou-se com sua prima Maria Adélia de Carvalho Pires, neta de sua tia Adélia Pires Lages e filha do matrimônio de Nelson Pires Alves com sua prima Adalgisa Pires de Carvalho e Silva, filha do lendário coronel Trasíbulo de Carvalho e Silva, líder político de prestígio por décadas, rábula, intendente de Barras e deputado estadual, irmão do ex-governador Coriolano de Carvalho e Silva. Inicialmente, estabeleceu-se em Batalha, onde nasceu sua primeira filha, Célia Pires Lages, de saudosa memória, e onde exerceu, sem o sucesso esperado, atividade comercial. De lá, passou a residir na localidade Santa Luzia, em Nossa Senhora dos Remédios, então Porto, onde nasceriam os filhos Nelson e Rosa Maria.

Estabeleceu-se em seguida no Jenipapeiro, um dos braços da antiga fazenda Esperança antes de seu desmembramento em outros núcleos. Ali, por um ano, seu pai, meu bisavô Alfredo, construiu agradável casa, cujo encerramento da construção ocorreu em 1943, presenteando, na ocasião, com a nova edificação, Manoel e Maria, em nome de seus netos. Manoel e Maria viveriam por toda a vida, por longos anos, nessa casa ainda hoje vigorosa na continuidade do encanto pela vida no campo do filho Gladston Pires Lages, à frente hoje do Jenipapeiro. A casa situada no alto de um morro, depois de uma curva, de onde se avistam outros morros tomados de vegetação e mistério e um horizonte que enche os olhos de esperanças. Naquela data, a pedido de Maria Adélia, a nora e sobrinha de segundo grau, vovô Alfredo passaria a morar na fazenda Jenipapeiro até lhe findar os dias.

Com o distanciamento temporal que a idade trouxe, vemos hoje que vovô era mais que o afeto, mais que sua casa mítica. Vovô era um homem justo, acolhedor, de espírito alegre, avesso ao aviltamento humano. Com o distanciamento temporal, eu vejo nele o que, adolescente, ouvia meu pai Gonçalo Soares Monteiro, seu genro, pregar-me, não exatamente nestas palavras: “Onde vicejam rivalidades vãs, o egoísmo e a ambição sem limites, corroem-se os laços de convivência, inviabilizando transformações e oportunidades de crescimento para todos”. Ilustrava essa situação, falando das ervas daninhas tomando o fôlego das árvores a que se prendiam, de tal sorte que nem uma nem outra ia verdadeiramente adiante.

Em meu avô, com a chegada da adolescência, em sua casa de portas abertas para acolher gente jogada nas lides no meio da mata, na forma amigável e igualitária de tratar a todos, especialmente os trabalhadores rurais, e no desapego às vaidades do dinheiro, eu enxergava o homem do coração maior do que o peito suporta, o homem pronto a ajudar. O homem acolhedor, de casa sempre cheia de visitas. O homem generoso. A palavra de quem o conheceu fala melhor por mim.

Também jamais me sairá da lembrança o três de dezembro de 1990, quando estava prestes a completar meus quinze anos. Meu avô doente há um mês e quinze dias aproximadamente, de moléstia sufocante, que nos tomava de desespero, dor e sufocamento iguais aos seus, em dia fechado, eu sentiria pela primeira vez, de verdade, o peso da morte. Se a árvore derrubada, o pássaro caído, o gato envenenado, o cachorrinho velho desfalecido e tanta coisa que eu vivera em criança provocavam uma sensação desagradável, era tudo isso muito pequeno diante da dimensão concreta de que tudo um dia fenece. Ouvi na rua a vizinha dizer que meu avô morria. Corri em disparada para a casa onde ele convalescia, a poucos metros da residência de meus pais. O quarto tomado de lágrimas; o avô na rede, filhos e netos acompanhando os últimos momentos, também os irmãos José e Alcides. Os olhos de vovô “Manel” percorreram, enquanto se segurava nas mãos dele uma vela, todo o quarto, para repentinamente, sem vida, esvaziar-se para sempre.

Meu avô Manoel do Rêgo Lages se transformava naquele dia em saudade.

**Dílson Lages Monteiro, neto de Manoel do Rêgo Lages**

## **6.11. MARIA NAZARETH DO RÊGO LAGES (\*1918-+1978).**

Casou-se com Celso Gonçalves Cordeiro (\*1909-+1988). Passou a chamar-se Maria Nazareth Lages Gonçalves. O casal teve 8 filhos. São seus descendentes:

### **6.11.1. José Alfredo Lages Gonçalves.**

Casou-se com Maria da Salette Machado Gonçalves. São seus filhos:

#### **6.11.1.1. Maria do Socorro Gonçalves Ferraz. Casou-se com José Frankilin Guimarães.**

Tiveram uma filha:

a) Larisse Gonçalves Miranda. Casou-se com Vicente Miranda Júnior.

Maria do Socorro Gonçalves Ferraz casou-se, em segundas núpcias, com Paulo Jorge Gonçalves de Carvalho Ferraz. Tiveram uma filha:

a) Mariane Gonçalves Ferraz.

#### **6.11.1.2 Nazareth Regina Machado Gonçalves. Casou-se com José Eduardo Reis Coutinho. Tiveram dois filhos:**

a) Artur Gonçalves Coutinho.

b) Bruno Gonçalves Coutinho. Casou-se com Walledice Melo Nogueira Paranaguá de Carvalho. Com quem teve uma filha: Valentina Melo Paranaguá Gonçalves.

#### **6.11.1.3. Maria Eduviges Machado Gonçalves. Casou-se com Paulo Airton Cordeiro de Sousa. Tiveram um filho:**

a) Isacc Gonçalves de Sousa. Casou-se com Caroline Nascimento Silva. Com quem teve dois filhos: Cauã Gonçalves Nascimento e Luca Gonçalves Nascimento.

Maria Eduviges Machado Gonçalves casou-se, em segundas núpcias, com Hugo Leonardo Lopes. Tiveram dois filhos:

a) Axl Henrique Gonçalves Lopes.

b) Matheus Gonçalves Lopes.

#### **6.11.1.4. Francisco Celso Machado Gonçalves. Casou-se com Karliane Campos de Sousa. Tiveram uma filha:**

a) Lara Salette Campos Gonçalves.

#### **6.11.1.5. Paulo Lages Gonçalves. Casou-se com Krishna Araripe de Moraes Souza Oliveira. Tiveram dois filhos:**

a) João Alfredo Araripe de Moraes Souza Lages.

- b) Maria Paula Araripe de Moraes Souza Lages
- 6.11.2. Celso Gonçalves Filho.
- 6.11.3. Antônio Francisco Lages Gonçalves.  
Casou-se com Gilda Ribeiro da Silva Gonçalves. São seus filhos:
- 6.11.3.1. Andréa Gonçalves de Carvalho Braga. Casou-se com Leonardo Robert de Carvalho Braga. Tiveram três filhos:  
a) André Gonçalves de Carvalho Braga.  
b) Sarah Gonçalves de Carvalho Braga.  
c) Gabriel Gonçalves de Carvalho Braga.
- 6.11.3.2. Celso Gonçalves Cordeiro Neto. Casou-se com Janaina da Silva Oliveira Gonçalves. Tiveram duas filhas:  
a) Bruna Oliveira Gonçalves.  
b) Camila Oliveira Gonçalves.
- 6.11.4. Maria do Socorro Lages Gonçalves.  
Casou-se com Maurício Brasil Baptista.
- 6.11.5. Mario Alberto Lages Gonçalves.  
Casou-se com Maria Rosa Coimbra Gonçalves. São seus filhos:
- 6.11.5.1. Gustavo Coimbra Gonçalves. Casou-se com Silvia Azevedo Oliveira. Tiveram dois filhos:  
a) Pedro Oliveira Coimbra Gonçalves.  
b) Clara Oliveira Coimbra Gonçalves.
- 6.11.5.2. Juliana Coimbra Gonçalves Coelho de Rezende. Casou-se com Herbert de Moraes e Silva Júnior. Tiveram uma filha  
a) Beatriz Coimbra Gonçalves e Silva.  
Juliana Coimbra Gonçalves Coelho de Rezende casou-se, em segundas núpcias, com Odival Coelho de Rezende Filho. Tiveram um filho:  
a) João Coimbra Gonçalves Coelho de Rezende.
- 6.11.5.3. Carolina Coimbra Gonçalves. Casou-se com Renato Wenner Ferreira de Carvalho. Tiveram uma filha:  
a) Júlia Coimbra Gonçalves de Carvalho.
- 6.11.6. Paulo Afonso Lages Gonçalves.  
Casou-se com Sandra Soares Gonçalves. Entre seus filhos estão:
- 6.11.6.1. Luciana Soares Lages Barros. Casou-se com Eureliano Sávio Gomes Barros. Tiveram quatro filhos:

- a) Lara Lages Barros.
  - b) Eduarda Lages Barros.
  - c) Isabelle Lages Barros.
  - d) Lero Lages Barros.
- 6.11.6.2. Luana Soares Lages Reis. Casou-se com Caio Breno Reis Pires.  
Paulo Afonso Lages Gonçalves casou-se ,em segundas núpcias, com  
Marta Cilene de Sousa. É seu filho:
- 6.11.6.3. Paulo Afonso Lages Gonçalves Filho.
- 6.11.7. Getúlio Piauiense Lages Gonçalves.  
Casou-se com Maria de Fátima Costa Lages Gonçalves. São seus  
filhos:
- 6.11.7.1. Andrey Costa Lages Gonçalves. Casou-se com Ivanise Maria  
Teixeira Costa. Tiveram duas filhas:
- a) Iasmin Costa Lages Gonçalves.
  - b) Andressa Costa Lages Gonçalves.
- 6.11.7.2. Paula Lages Correia. Casou-se com Albertino Neiva Veloso.  
Tiveram uma filha:
- a) Sofia Lages Veloso.
- Paula Lages Correia casou-se, em segundas núpcias, com Márcio  
Carvalho Santos Correia.
- 6.11.7.3. Nara Costa Lages Gonçalves.
- 6.11.8. Conceição de Maria Lages Gonçalves.  
Casou-se com Cleber de Sales Bessa. São seus filhos:
- 6.11.8.1. Renan Gonçalves Bessa.
  - 6.11.8.2. Rafael Gonçalves Bessa.
  - 6.11.8.3. Raquel Gonçalves Bessa.



*Maria Nazareth do Rêgo Lages*

Maria Nazareth do Rêgo Lages nasceu em 28.02.1918, na fazenda Esperança, município de Barras. Ficou órfã de mãe com apenas três anos. Entre irmãos e irmãs, passou sua infância na fazenda Esperança até ser interna no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs) em Teresina.

Em dezembro de 1934, quando se encontrava de férias, foi a Barras, participar dos festejos de Nossa Senhora da Conceição. Nos três ou quatro dias de festas, conheceu, namorou e noivou com o jovem Celso Gonçalves Cordeiro, nascido em Barras em 13.12.1909. O pedido de casamento de Nazareth foi feito pelo tio Gervásio Costa, casado com a irmã de Celso, Eduvirges. Ela não mais retornou aos estudos em Teresina.

No ano seguinte, na companhia de sua irmã Sinharinha, foi visitar o noivo que residia em Parnaíba. Pouco tempo depois de sua chegada, em 04.10.1935, foi realizado naquela cidade o casamento de Nazareth, com 17

anos, e Celso, com 26 anos, com a presença de familiares de Nazareth e Eduviges, mãe de Celso. Passou a chamar-se Maria Nazareth Lages Gonçalves. O casal fixou residência em Parnaíba.

Celso era um jovem alto, moreno, bonito, trabalhador e possuidor de muito charme. Nazareth era baixa, branca, bonita, vaidosa e determinada.

No enxoval levado por Nazareth, havia um conjunto de louças de jantar, chá e café, em porcelana, com monograma do nome de solteira de Nazareth (NL), cujas peças remanescentes são guardadas com carinho por suas filhas e netas.

Nazareth e Celso constituíram uma família numerosa de oito filhos. Progressivamente se juntaram noras e genros e foram concebidos netos, netas, bisnetos, bisnetas e trinetos.

Quis Deus que em nossas veias corresse sangue de uma mulher brava, guerreira, pequena na estatura, grande nos valores. Apesar de pouca frequência nos bancos escolares, aprendeu com a vida e nos transmitiu coisas que nenhuma faculdade ensina. Fez-nos acreditar em um só Deus e em sua mãe, Virgem Maria. Era devota fervorosa de São Francisco de Assis.

Carinhosamente chamada de Zetinha por seu esposo Celso. Em sua homenagem, esse nome foi dado ao condomínio de casas pertencentes aos seus filhos na praia do Coqueiro em Luís Correia.

Tinha uma participação ativa na vida de seus filhos: conhecia seus amigos (as), namoradas (os) e fazia questão de recebê-los em casa, que era frequentada por muitas pessoas, parentes e amigos. Conhecia os gostos de cada filho e procurava agradar a todos. Em casa, divertíamos-nos com ping pong, sinuca, baralho, além dos jogos de futebol e voleibol no estádio Celsão, que ficava no quintal.

Doava-se totalmente ao esposo e filhos. Demonstrava felicidade e tinha uma certa vaidade de sua prole. Dois pontos eram fundamentais para Zetinha e Celso: saúde e educação de seus filhos. Celso mantinha atualizada uma caderneta com os dados de cada filho: estatura, peso, pontuação de roupa e calçado, além das doenças ocorridas. Na educação, Zetinha acompanhava o desenvolvimento escolar de cada filho, frequentava as reuniões de pais e mestres, ensinava-os a portar-se à mesa e a “fazer visitas” aos amigos da família. Tinha como princípios básicos o respeito, a honestidade e a união da família. As dificuldades financeiras na formação de seus filhos

exigida de Zetinha e Celso muito esforço e abnegação. Dos oito filhos, seis concluíram curso universitário.

Foi uma excelente quituteira. Não havia nada que ela não dominasse com maestria: sequilhos, pamonhas e bolos assados em forno à lenha, cujo cheiro nos maravilhava; doces apurados em tachos de cobre; canjica e arroz doce; linguiça e leitão assado. Também era uma excelente bordadeira. Suas mãos traduziam a sua criatividade em peças belíssimas.

Como não lembrar-se de suas pequenas manias? Guardar dinheiro em potes; fazer suco de maracujá e guardá-lo na geladeira em garrafinhas de vidro para merenda dos filhos e netos; seus programas de televisão (novelas e Programa Flávio Cavalcante); seu cantor e sua música preferidos (Ronnie Von e Naquela Mesa); e as flores e o perfume das rosas que cultivava em seu jardim.

Tinha uma maneira peculiar de acabar com as desavenças entre seus filhos quando crianças: ao chegarem a ela chorando ou reclamando um do outro, sua atitude era tirar o chinelinho do pé e ordenar aos chorões abraçarem-se e beijarem-se. O remédio funcionava e curava o desentendimento.

Faleceu em 29.01.1978, em Parnaíba, aos 59 anos.

Foi uma mulher de fibra, que deu proteção, educação e carinho a seus filhos e netos. Quanta felicidade e alegria nos proporcionou! Partiu muito cedo, porém continua viva em nossos corações. A imensa saudade que sentimos de você pode ser expressa em quatro palavras: O amor que ficou.

Obrigada, Zetinha!

**Saudades de seus filhos, netos e bisnetos.**

## **6.12.HAYDÉE DO RÊGO LAGES (1919-1970).**

Casou-se com Otacílio Monte e Silva (1915-2002). Passou a chamar-se Haydée Lages Monte. O casal teve nove filhos. São seus descendentes:

6.12.1. José Lages Monte

6.12.2. Maria do Socorro Lages Monte.

Casou-se com Antônio Félix de Carvalho (Toinho Carvalho). São seus filhos:

6.12.2.1. Antônio Félix de Carvalho Neto. Casou-se com Karla Lages Monte de Carvalho. Tiveram dois filhos:

- a) Kayque Lages Monte de Carvalho.
- b) Gabriela Lages Monte de Carvalho.
- 6.12.2.2. Rosilda Monte de Carvalho Lima. Casou-se com Raniere Alves Lima. Tiveram um filho:
  - a) Raniere Monte de Carvalho Lima Júnior.
- 6.12.2.3. Marly Monte de Carvalho Sobral. Casou-se com Antônio Luis Cronemberger Sobral. Tiveram uma filha:
  - a) Maria Eduarda Carvalho Sobral.
- 6.12.2.4. Jaqueline Monte de Carvalho. Casou-se com Sérgio Alan Loiola.
- 6.12.2.5. Haydée Monte de Carvalho. Casou-se com Antônio Ricardo Leão de Almeida. Tiveram um filho:
  - a) João Víctor Carvalho Almeida.
- 6.12.2.6. Micheline Monte de Carvalho. Casou-se com Gilberto Costa Cardoso. Tiveram um filho:
  - a) Guilherme Monte de Carvalho Cardoso
- 6.12.3. Otacilio Monte e Silva Filho.  
Casou-se com Gizelle Estrêla de Carvalho. São seus filhos:
  - 6.12.3.1. Michelle de Carvalho Lages Monte
  - 6.12.3.2. Marcus Vinício de Carvalho Lages Monte. Casou-se com Raquel Mendes Valença. Tiveram uma filha:
    - a) Nicole Mendes Lages Monte.Otacílio Monte e Silva Filho casou-se, em segundas núpcias, com Conceição de Maria Pacheco Cerejo. É sua filha:
    - 6.12.3.3. Mirela Pacheco Lages Monte.
- 6.12.4. Rosa Maria Monte Lages.  
Casou-se ,com seu primo legítimo, Alfredo Lages Neto . São seus filhos:
  - 6.12.4.1. Maria da Conceição Monte Lages. Casou-se com Carlos Samuel de Moraes Sampaio. Tiveram duas filhas:
    - a) Letícia Lages Sampaio
    - b) Lígia Lages Sampaio.
  - 6.12.4.2. Amarildo Monte Lages. Casou-se com Mônica Neiva Eulálio. Tiveram duas filhas:
    - a) Marissa Eulálio Lages.
    - b) Andressa Eulálio Lages

- Amarildo Monte Lages casou-se, em segundas núpcias, com Ednize Oliveira Costa Lages. Tiveram dois filhos:
- a) Amarildo Monte Lages Filho.
  - b) Júlia Oliveira Costa Monte Lages.
- 6.12.4.3. Geisa Maria Monte Lages. Casou-se com Paulo Cesar de Sousa Ramos.
- 6.12.4.4. Maria do Socorro Monte Lages. Casou-se com Alberto Paz Neto. Tiveram Dois filhos:
- a) Ítalo Lages Paz.
  - b) Lucas Lages Paz.
- 6.12.4.5. Haydée Monte Lages. Casou-se com Aristides Alves do Nascimento Neto. Tiveram dois filhos:
- a) Yuri Lages do Nascimento.
  - b) Taís Lages do Nascimento.
- 6.12.5. Maria Delzira Lages Monte. Casou-se com Afonso Celso da Cunha Barros. São seus filhos:
- 6.12.5.1. Wallace Monte Barros. Casou-se com Eliana Costa Aguiar Monte. Tiveram três filhas:
- a) Joyce Aguiar Monte Barros.
  - b) Jéssica Aguiar Monte Barros.
  - c) Priscylla Raissy de Carvalho Monte Barros
- 6.12.5.2. Evandro Monte Barros. Casou-se com Maura Eunice Borges de Oliveira. Tiveram duas filhas:
- a) Ingrid Naiane de Oliveira Barros.
  - b) Ítala Naiara de Oliveira Barros
- Evandro Monte Barros casou-se, em segundas núpcias, com Maria Clarice Fontenele. Tiveram dois filhos:
- a) Evandro Monte Barros Júnior.
  - b) Maria Clara Fontenele Barros.
- 6.12.5.3. Ernani Monte Barros. Casou-se com Jandira Barbosa de Almeida Barros. Tiveram um filho:
- a) Túlio de Almeida Barros.
- 6.12.5.4. Eline Monte Barros.
- 6.12.5.5. Érico Monte Barros.
- 6.12.6. Antônio Carlos Lages Monte. Casou-se com Maria Fátima Ferreira Monte. São seus filhos.

- 6.12.6.1. Patrícia Ferreira Monte Feitosa. Casou-se com Cláudio Manoel Monte Feitosa. Tiveram um filho:  
a) João Manoel Monte Feitosa.
- 6.12.6.2. Carla Ferreira Lages Monte.
- 6.12.6.3. Antônio Carlos Lages Monte Júnior.
- 6.12.7. Hamilton Lages Monte.  
Casou-se com Maria Aurice Carvalho Lages Monte. São seus filhos:
- 6.12.7.1. Caroline Carvalho Lages Monte. Casou-se com Flávio José de Mendonça Araújo. Tiveram dois filhos:  
a) Erik Lages Araújo.  
b) Ana Luiza Lages Araújo.
- 6.12.7.2. Hamilton Lages Monte Filho.
- 6.12.7.3. Sandro Carvalho Monte.
- 6.12.8. José Lages Monte.  
Casou-se com Regina Maria de Castro Lima Lages Monte. São seus filhos:
- 6.12.8.1. Samuel de Castro Lima Monte. Casou-se com Nelídia do Nascimento Lemos Monte.
- 6.12.8.2. Sarah de Castro Lima Monte Gonçalves. Casou-se com Anderson de Castro Lima Monte Gonçalves.
- 6.12.9. Carlos Alberto Lages Monte.  
Casou-se com Ana Teresa Castelo Branco Lages Monte. São seus filhos:
- 6.12.9.1. Renata Castelo Branco Lages Monte. Casou-se com Denilson César Lopes Cunha.
- 6.12.9.2. Natália Castelo Branco Lages Monte.
- 6.12.9.3. Carlos Alberto Lages Monte Filho



*Haydée do Rêgo Lages*

Quando jovem, Haydée Lages Monte, estudou e morou em regime de internato no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), em Teresina, onde aprendeu a bordar, a pintar e a tocar piano. Nos fins de semana, saía do colégio para passá-los na casa da nossa estimada tia Mary e, nas suas férias, retornava feliz para o convívio com sua família na casa da Esperança, no interior de Barras.

Essa fazenda seria o futuro lar de oito crianças que se tornaram as pessoas que, neste momento, emocionam-se ao falar deste exemplo de doação e amor que era nossa querida mãe. Ela era muito atenciosa, amorosa, amiga de todos os momentos. Era uma maravilhosa esposa, uma boa mãe e excelente dona do lar!

Nossa querida mãe tinha muito zelo pelo nosso pai, seu esposo Otacílio Monte, e por nós, seus filhos, sempre atenta a tudo com muita responsabilidade e carinho. Porém, quando necessário, era rígida conosco, tendo como prioridade nos dar uma boa educação.

Também era uma ótima avó. Demonstrava isto ao receber os netos frequentemente na sua casa, cuidando deles com amor e dedicação.

Além disso, ela era amiga de toda a família. Seus irmãos e sobrinhos, que não eram poucos, gostavam muito dela, principalmente pelo seu jeito simples e dedicado de ser. Recebia todos os parentes sempre com muito carinho. A casa vivia cheia na época das férias. Agora, lembramo-nos do prazer com que ela fazia tantas guloseimas para receber todos na fazenda, com muito doces e bolos gostosos. Canjica nunca faltava!

Outra característica da nossa mãe era que ela gostava de trazer sua casa, a nossa querida fazenda Esperança, em ordem, muito bem limpa e organizada.

Quando falamos de mãe, por si só, esta palavra já exprime tudo que há de mais belo do que Deus criou nessa terra, pois ela representa doação, sacrifício, amor e todas as virtudes da vida.

Quando falamos de nossa mãe, a emoção nos invade, a memória acende, trazendo todas as boas lembranças da vida, invadindo o nosso ser, com o misto de admiração e ternura por aquela que nos trouxe ao mundo, nos alimentou no seu seio, nos segurou nos primeiros passos e nos encaminhou na direção correta, seja com risos ou com lágrimas, sem nos abandonar. Esta senhora a quem agora prestamos essa homenagem, nossa mãe Haydée, foi para nossa família e para aqueles que a conheceram exemplo de muitas virtudes que não podem faltar no nome santo de MÃE

Infelizmente, naquele janeiro de 1970, ficamos muito tristes, porque ela nos deixou de forma muito precoce, falecendo aos seus cinquenta anos, deixando muitas saudades.

Poderíamos passar horas falando desta maravilhosa mãe e mulher e ainda não seriam suficientes para listarmos todas as suas qualidades e momentos felizes que ela proporcionou a nós, seus filhos, e ao nosso pai, bem como a toda nossa família. Por isso, encerramos resumindo nesta última linha o que ela significou para nós: uma grande mãe, amada por todos.

**A família de Haydée do Rêgo Lages**

### **6.13. JOSÉ DO RÊGO LAGES ( 1920 - 2006)**

Casou-se com Maria Zenaide Rebêlo Lages (1919 – 2008 ). São seus filhos:

#### 6.13.1. José Newton Lages.

Casou-se com Margarida Maria Marinho Lages. São seus filhos:

#### 6.13.1.1. Leonardo Marinho Lages . Casou-se com Amanda de Moura Leite Lages. Tiveram um filho:

a) Guilherme Leite Lages.

#### 6.13.1.2. Eduardo Marinho Lages.

#### 6.13.2. Paulo Roberto Rebêlo Lages

Casou-se com Maria Lúcia Portela de Deus Lages. É seu filho:

#### 6.13.2.1. Lívio Portela de Deus Lages. Casou-se com Cristina Alves de Sousa Lages. Tiveram uma filha:

a) Ana Beatriz Alves Lages

#### 6.13.3. Lúcia Maria Rebêlo Lages.

Casou-se com Adolfo Júnior de Alencar Nunes: São seus filhos:

#### 6.13.3.1. Renan Lages Nunes . Casou-se com Camila Monitiele de Oliveira Lima.

#### 6.13.3.2. Adolfo José Lages Nunes.

#### 6.13.4. Duse Maria Rebêlo Lages.

Casou-se com Ronildo Castelo Branco da Silveira. São seus filhos:

#### 6.13.4.1. Rafael Rebêlo Lages da Silveira . Casou-se com Natália e Silva Azevedo.

#### 6.13.4.2. Bruno Rebêlo Lages da Silveira

#### 6.13.4.3. Ronildo Rebêlo Lages da Silveira. Casou-se com Jémina Gláucia Serra Araújo da Silveira



*José do Rêgo Lages*

Eu tive um pai com personalidade singular, qualidade que o fazia ser especial. Eu sei que quase todo pai é especial para os seus filhos, mas ele era também especial para muita gente.

O destino lhe fez órfão de mãe ainda infante. Tinha apenas um pouco mais de um ano de vida, quando vó Isaura o tomou em seus braços bondosos e carinhosos, e agasalhando-o ao seu corpo, estendeu-lhe proteção de mãe amável, amenizando, assim, a ausência de sua genitora. Mesmo com todo o amor dedicado dessa abnegada mulher, ainda assim, não sei bem precisar o motivo, tinha uma carência materna, que ele externou na escolha da sua profissão, tornando-se médico, com maior afinidade por obstetrícia.

Atendia a todos. Até mesmo os adversários políticos não deixavam de lhe procurar para receber cuidados médicos – mas exigia respeito!

Estava com ele uma vez na diretoria do hospital quando recebeu uma pessoa com um bilhete do tio Alcides, pedindo que o atendesse. O bilhete era sucinto, escrito em um pedaço de papel de embrulho de quitanda, com formato triangular, pois ele rasgou no balcão de alguma quitanda. Ele

devolveu o bilhete com um recado que não era moleque para receber aquilo. Meia hora depois, voltou o emissário com um envelope dirigido ao Muito Digno Dr. José do Rêgo Lages, Diretor do Hospital Leônidas Melo. Escrito à máquina, em papel ofício, uma carta que parecia mais um ofício de Governador! Deboche total! Ele leu o ofício, começou a rir e disse: “Este meu irmão Alcides não tem jeito!”

Tinha um carinho especial com as pacientes mulheres gestantes, e frequentemente as cumprimentava de um jeito diferente – com uma palmada no “traseiro”, espécie de código de amizade, entendido como carinho, tanto pelas gestantes, quanto por seus maridos, o que frequentemente era motivo para risadas de ambas as partes. Somente um homem digno e merecedor de tamanha confiança, poderia transformar tal gesto em um cumprimento de saudação.

Exerceu sua profissão como um missionário, e assim fazia em todas as horas do dia. Era um Servidor Público e não admitia que fosse necessário que lhe pagassem a mais para que tivessem o atendimento de seu ofício. Tinha apreço apenas pela gratidão espontânea e ficava satisfeito por tão singela atitude.

Um médico que cuidava da saúde e assistência da mulher, no momento em que ela gera outra vida. Talvez por isso era também chamado constantemente para ser o padrinho desses rebentos – Ele e Dona Zenaide, sua querida esposa, viveram um amor por toda a vida, amando-a e respeitando-a, fazendo um casal exemplar à sociedade.

Era honesto e respeitoso por convicção e determinado em passar essas qualidades para toda a família. Perto da aposentadoria foi chamado por um amigo, também médico, e avisado de que ficaria com a aposentadoria muito reduzida, pois o salário de médico do Estado era baixo. Ofereceram-lhe então o cargo de Subsecretário de Saúde por dois meses, para incorporar a referida gratificação ao salário, o que triplicava sua aposentadoria, e era um procedimento legal na época.

Agradeceu a consideração, mas recusou. Insisti para que aceitasse, mas ele argumentou que não era digno aceitar a oferta. Tivemos, então, que ajudá-lo quando as despesas começaram a aumentar por motivo de doença.

Não gostava de ficar só. Gostava de gente. Tinha que ter alguém por perto para conversar. Até quando ia tomar banho! Eu e meu irmão tínhamos que esperar ele chegar do hospital para banharmos juntos.

Costumava me levar com ele, quando chamado para o hospital à noite, para não ir só. Mesmo quando ainda era adolescente. Certa vez, por volta de 23 horas, encontramos o vigia do hospital dormindo. Atendeu o chamado do paciente. Na saída, levamos todas as cadeiras da recepção do hospital e colocamos na camionete. Deixamos apenas o sofá em que o vigia estava dormindo. Passou três dias ameaçando dar parte à polícia, o que deixou o vigia desesperado! Na quarta noite, devolveu as cadeiras. Acho que ele nunca mais dormiu no Plantão. Essas são algumas lembranças de alguém que deixou muita saudade.

*José Newton Lages, filho de José do Rêgo Lages*

## **7. ANOTAÇÃO FINAL**

O casamento entre primos de primeiro grau continuou sendo realizado entre descendentes de vovô Alfredo e vovó Rosinha: Sinharinha (filha) e Magno, filho de Adélia, irmã de vovô Alfredo; Rosa e Alfredo (netos), filhos de Haydée e Alcides; Marcos Antônio e Dora (bisnetos), filhos de Socorro e Conceição; Socorro e Antônio (bisnetos), filhos de Mirtes e Predicanda; Manoel e Adalgisa (bisnetos), filhos de Nelson e Alfredo.

Houve muita dificuldade na obtenção de informações sobre vovô Alfredo e, principalmente, sobre vovó Rosinha, porque todos os treze filhos, principais fontes de informação, já são falecidos. Sem seus depoimentos, ficamos limitados a utilizar os arquivos memoriais de suas netas e netos, além de livros de genealogia.

Contamos como uma das principais fontes de pesquisa os volumes de *A Mística do Parentesco*, de Edgardo Pires Ferreira, que nos ofertou dados relevantes, para o registro da história de nossa família e que hoje está disponível para consulta online em [www.parentesco.com.br](http://www.parentesco.com.br).

Foram realizadas várias reuniões de trabalho entre algumas netas de Alfredo e Rosinha, visando à obtenção de dados para esta publicação. A alegria dos encontros nessas reuniões nos proporcionou reviver os momentos felizes vividos na fazenda Esperança, assim como intensificou ainda mais a afinidade e a convivência entre primos e primas, sempre valorizados de longa data.

Além de revivermos as boas lembranças do passado, os esforços para organizar essas memórias e vertê-las em livro, acabou por nos levar a muitas descobertas sobre os diversos ramos da família e a certeza, por exemplo, de que Barras, a antiga Barras do Marataoã, berço de nossas raízes, é uma só gente, tenha ela o nome que tiver.

Por meio desta publicação, devolvemos a nossos pais, sob a forma de registro escrito, todas as energias empreendidas para que conseguíssemos galgar os degraus do sonho e, com as oportunidades ou obstáculos que a vida nos deu, continuássemos a história de cada um, na esperança que, em nós, iluminam-se os dias e os ideais.

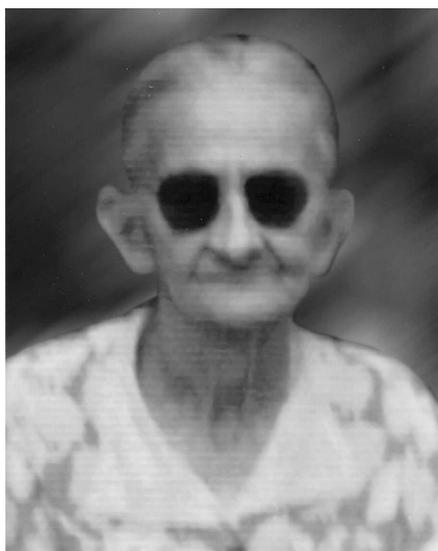
## **8. BREVE MEMÓRIA ICNOGRÁFICA**



*Alfredo Pires Lages*



*Alfredo Pires Lages e as filhas Mary, Edith, Maria (Sinharinha) e Haydée.*



*Philomena Pires Lages (Filó), nona irmã de Alfredo Pires Lages, em 1948, aos 73 anos de idade.*



*Alfredo Pires Lages e seu primo Luiz Fortes Castello Branco*



*Ao centro, Alfredo Pires Lages com o genro Celso Gonçalves e o neto José Alfredo, na praia de Amarração, em 1941.*



*Haydée e Nazareth, filhas de Alfredo Pires Lages, por ocasião da primeira eucaristia, no Colégio das Irmãs, em Teresina, na década de 1930.*



*As filhas de Alfredo Pires Lages, Haydée, Nazareth e Mary, sobre a pedra que, quando criança, eram banhadas por sua mãe Rosinha.*



*Essa foto registra um dos momentos de pesar na vida de Alfredo, o falecimento prematuro, em 1938, do sobrinho e sócio Nelson Pires Alves (n.1896), que residia também na fazenda Esperança. No primeiro plano, da direita para a esquerda os filhos órfãos de Nelson (Juarez, Eunice, Araci, Maria Adélia e Nazaré). Ao fundo, à direita Coronel Alfredo, à esquerda Otacílio, Sinharinha e Magno Pires.*



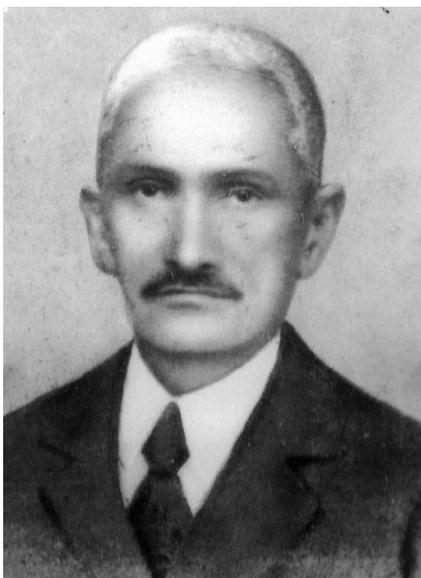
*Alfredo Pires Lages e os netos Paulo, Paulo Afonso, José Alfredo, Lúcia, Mário, Antônio, Socorro, Getúlio e José Newton, em frente da casa de tio José Lages, em 1957.*



*Dirceu Mendes Arcoverde, à direita, então Secretário da Saúde do Piauí, ladeado pelo médico José do Rêgo Lages e Maria do Socorro Lages Gonçalves, em inauguração de unidade de saúde, em Barras/PI, na década de 1970.*



*Alcides à direita e Gladston à esquerda, no mesmo plano, durante o dia do vaqueiro na festa de Nossa Senhora da Conceição de Barras-PI.*



*José Rodrigues Lages, primeiro irmão de Alfredo Pires Lages, nascido em 1862, falecido aos 83 anos de idade.*



*Antônio Pires Lages, sexto irmão de Alfredo Pires Lages, nascido em 1869, falecido aos 63 anos de idade.*

## 9. BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Humberto. Obras Completas – volume 12. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947

CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré Carvalho. Os Carvalhos de Almeida do Piauí. Brasília: Edição do Autor, 2001.

CARVALHO, Afonso Ligório Pires de. Terra do Gado. Brasília. Thesaurus, 2011.

CASTRO, Valdemir Miranda de. Enlaces de Famílias – Uma Genealogia em Construção. Esperantina: Edição do autor/Edufpi, 2014.

FERREIRA, Edgardo Pires. A Mística do Parentesco. Volume II. São Paulo: Corrêa do Lago, 1991.

\_\_\_\_\_. A Mística do Parentesco. Volume V. São Paulo: ABC Editorial, 2013.

FERREIRA, Fileto Pires. A verdade sobre o caso Amazonas. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1900.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. Terra dos Governadores. Teresina: Edição do Autor, 1987.

RÊGO, Maria do Carmo Rebêlo. História da Família Rêgo. Teresina: Edição do Autor, 1987.

VASCONCELOS, Daise Castelo Branco Rocha de. O Descuido. Mimeo

Monteiro, Dílson Lages. O morro da casa-grande. Teresina: Nova Aliança, 2007.

Sites consultados:

[www.asbrap.org.br](http://www.asbrap.org.br)

[www.parentesco.com.br](http://www.parentesco.com.br)

[www.portalentretextos.com.br](http://www.portalentretextos.com.br)

Outras fontes de informação foram depoimentos coletados junto a descendentes de Alfredo e Rosinha: seus netos Rosa Maria Monte Lages, Maria da Conceição Lages de Souza Caldas, Hamilton Lages Monte, Teresinha de Maria Pires Lages, Francisco das Chagas do Rêgo Pires, Gladston Pires Lages e Nelson Pires Lages; seu bisneto Dílson Lages Monteiro e sua sobrinha Maria Ester Alves Rebêlo.

## RELAÇÃO DAS OBRAS DA COLEÇÃO SÉCULO XXI

- 1 – **CONTOS DE VIAGEM** – Nelson Nery Costa;
- 2 – **ARTIGOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE** – Lázaro do Piauí;
- 3 – **OLIGARQUIA PIRES FERREIRA** – Maria Cecília;
- 4 – **LIVROS À MANCHEIA** – Reginaldo Miranda;
- 5 – **PERFIS PARALELOS** – Celso Barros Coelho;
- 6 – **TRANSMUTAÇÃO CRÍTICA DO CAOS** – Martinho Miranda;
- 7 – **MEDIQUÊS** – Gisleno Feitosa;
- 8 – **ANTOLOGIA DA MAGISTRATURA** – Almapi/Amap;
- 9 – **EIXO DO TEMPO** – Alarico da Cunha;
- 10 – **ALFREDO E ROSA E A DESCENDÊNCIA DA ESPERANÇA - A FAMÍLIA PIRES LAGES DE BARRAS DO MARATAOÃ** – Maria Socorro Lages Gonçalves;
- 11 – **VIAGEM PARA FIM DE IDA: Escritos Críticos de Tutameia** – Marta Magalhães;
- 12 – **PIAUIENSE, SIM SENHOR** – Lisete Napoleão Medeiros;
- 13 – **CRÔNICAS** – José Wellington Barroso Dias;
- 14 – **JOGA O BARRO NA PAREDE: uma canção de amor e paz** – Gutemberg Rocha.

